



**Cristina Antonioevna Dunaeva**

**Preconceito racial e xenofobia na Rússia contemporânea:  
os mecanismos de categorização étnica e a dicotomia entre “nós”  
e “outros”**

**CAMPINAS  
2013**





Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

**Cristina Antonioevna Dunaeva**

**Preconceito racial e xenofobia na Rússia contemporânea:  
os mecanismos de categorização étnica e a dicotomia entre “nós”  
e “outros”**

**Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (orientador)**

**Tese de Doutorado apresentada ao  
Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, para obtenção do Título de  
Doutora em Ciências Sociais.**

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA  
PELA ALUNA CRISTINA ANTONIOEVNA DUNAEVA, E ORIENTADA PELO PROF.DR  
OMAR RIBEIRO THOMAZ.**

**CPG, 08/03/2013**

**CAMPINAS  
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
MARIA JÚLIA MILANI RODRIGUES – CRB8/2116  
BIBLIOTECA DO IFCH UNICAMP

D91p

Dunaeva, Cristina Antonioevna, 1975-  
Preconceito racial e xenofobia na Rússia  
contemporânea: os mecanismos de categorização étnica e a  
dicotomia entre “nós” e “outros” / Cristina Antonioevna  
Dunaeva. -- Campinas, SP : [s. n.], 2013.

Orientador: Omar Ribeiro Thomaz  
Co-orientador: Viktor Alieksandrovitch Shnirelman  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Racismo. 2. Pós-colonialismo. 3. Migração. 4.  
Xenofobia. 5. Arte e sociedade. I. Thomaz, Omar Ribeiro,  
1965-. II. Shnirelman, Viktor Alieksandrovitch. III.  
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas. IV. Título.

Informação para Biblioteca Digital

**Título em Inglês:** Racial prejudice and xenophobia in contemporary  
Russia: the mechanisms of ethnic categorization and dichotomy  
between “us” and “others”

**Palavras-chave em inglês:**

Racism

Postcolonialism

Migration

Xenophobia

Art and society

**Área de concentração:** Ciências Sociais

**Titulação:** Doutora em Ciências Sociais

**Banca examinadora:**

Omar Ribeiro Thomaz [Orientador]

Rita de Cássia Lahoz Moreli

Andréa Carolina Schvartz Peres

Héctor Rolando Guerra Hernandez

José Maurício Paiva Andion Arrutis

**Data da defesa:** 08-03-2013

**Programa de Pós-Graduação:** Ciências Sociais



## Tese de Doutorado

Cristina Antonioevna Dunaeva

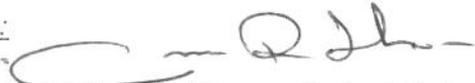
### Preconceito racial e xenofobia na Rússia contemporânea: os mecanismos de categorização étnica e a dicotomia entre “nós” e “outros”

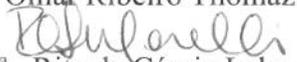
Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Doutora em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz.

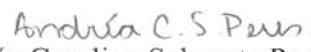
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 08 / 03 / 2013.

Comissão Julgadora:

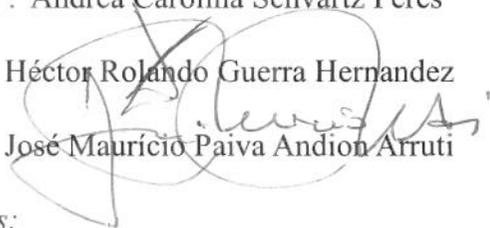
Titulares:

  
Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (orientador)

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rita de Cássia Lahoz Moreli

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andréa Carolina Schvartz Peres

Prof. Dr. Héctor Rolando Guerra Hernandez

  
Prof. Dr. José Maurício Paiva Andion Arruti

Suplentes:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Heloisa Buarque de Almeida

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Amnéris Angela Maroni

Prof. Dr. Claudio Reis

Campinas  
Março de 2013



*Ao meu filho Uaná e às crianças (inclusive adultas) com esperança  
na liberdade de todxs habitantes do planeta Terra;  
e à minha avó Tamára que me ensinou a perceber o mundo.*



## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP e à CAPES.

Ao orientador Omar Ribeiro Thomaz por depositar a confiança em proposta desta pesquisa e pelo apoio durante todo o período da elaboração da tese.

Às professoras Rita de Cássia Lahoz Moreli e Amneris Angela Maroni, pela participação da banca de qualificação e pelas valiosas sugestões e observações que possibilitaram a conclusão desta tese.

Aos professores que participaram da banca de defesa desta tese, pelas observações e pelo debate frutífero e inspirador.

À Maria Rita, ex-secretaria do Programa de Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP, pessoa muito atenciosa e amigável. Ao atual secretário do Programa de Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP, Reginaldo, pela paciência e pelo apoio nos trâmites finais.

Esta tese surgiu como um desdobramento de envolvimento anterior em trabalho coletivo de denúncia das guerras na Tchetchênia e da xenofobia na Rússia. Portanto, agradecimentos aos grupos de apoio, coletivos, ONGs, redes e movimentos sociais que realizam este trabalho. Um agradecimento especial a Fernando Bomfim e a Robson Achiamé, parceiros na edição e distribuição da publicação “Terrorismo de Estado na Rússia: a guerra na Tchetchênia nos descaminhos da indústria da violência”.

À Lida Iussúpova, advogada e ativista de direitos humanos por seu trabalho com a denúncia de crimes cometidos pelo exército da Federação Russa na Tchetchênia; por seus depoimentos e pela entrevista concedida no Brasil, em 2004; e por, gentilmente, ceder as fotos para as exposições que foram realizadas em várias cidades brasileiras e portuguesas entre 2004 e 2007, sobre a temática desta tese.

A Victor Aleksándrovitch Shnirelman, co-orientador desta pesquisa, por acompanhar minuciosamente meu trabalho durante o período de campo e por suas observações pontuais. Sem sua gentil atenção esta tese seria impossível de ser elaborada.

A todos os funcionários da ONG “Assistência Civil”, e, em especial, à Katia Kokórina. Gratidão pelas conversas e por me permitir a convivência próxima com os alunos e os

professores do Centro de Adaptação e Educação para filhos de migrantes forçados desta ONG.

Às amigas e aos companheiros na Rússia, com quem convivi e trabalhei; em especial, para Liza, Vlad, Utká, Macha, Stecha e Rob.

À Andréa, pelo apoio e dedicação. E pela amizade.

À minha mãe Elena, pelo carinho e pela leitura comentada de uma das versões deste trabalho; ao meu pai João, à minha irmã Dacha e ao meu irmão Volódia, pelo carinho e pela amizade.

À Ásia, ao meu avô Vladímir, à minha avó Maria e à extensa família brasileira, pelos momentos de convivência prazerosa e pelas conversas lúcidas.

A todas amigas e a todos amigos de coração, entre Baixada Santista, Cariri, Rio de Janeiro e São Paulo: Giulius, Guadalupe, Edu, Pablo e Karla, Cláudio, Dani e Marcão, Nástia, Analu, Nívia, Expedito, Ni, Marcela, Márcio, Diego, João, Carlo e Gabi, George, Bartira. Vocês foram e são minha fonte de alegria e de percepção de um mundo melhor, mais digno, mais livre e mais justo.

*“acostumar-me a tal silêncio  
que seja como o coração que não se ouve bater  
como a vida  
que pareça um de seus lugares  
e nisso eu sou – como a Poesia é  
e eu sei  
que meu trabalho é árduo e existe para si mesmo  
como no cemitério da cidade  
a insônia do vigia”*  
Guenádi Aigui (tradução de Boris Schnaiderman)



## RESUMO

A partir do exame da dicotomia entre os grupos “nós” e “outros”, verifica-se a existência e as possíveis causas do aumento da xenofobia e do preconceito racial na Rússia contemporânea. Por “nós”, compreendem-se os russos e, também, os moradores de Moscou, capital do país, que se posicionam como o grupo receptor dos “outros”: migrantes e moradores recém-chegados das outras regiões do país. As evidências de discriminação de alguns grupos sociais são descritas como xenofobia, migrantofobia, preconceito étnico e/ ou racial. O discurso discriminatório (institucional, midiático, coloquial) é, predominantemente, proferido em termos étnicos; a etnia aparece como um marcador de diferença e a pertença étnica como um dos principais fatores que levam à discriminação. A discussão sobre a problemática do uso de conceitos como “raça” e “etnia” e sobre a proximidade destes conceitos nas obras dos principais cientistas sociais e antropólogos soviéticos e russos traz contribuições a sua crítica e à compreensão de seus usos nas retóricas de exclusão e do fenômeno da xenofobia na Rússia contemporânea. O contexto específico da Rússia contemporânea é abordado em sua relação com os períodos históricos precedentes (império russo e URSS). Ao longo da tese, são descritos os processos de categorização étnica, a partir do primeiro censo promovido ainda no período imperial, na Rússia; e é abordada a relação entre os conceitos “raça” e “etnia”. Afirma-se a evidência de retóricas e práticas racistas na Rússia contemporânea, incluindo a xenofobia e o preconceito a partir da diferença étnica. A análise específica do aumento da xenofobia na Rússia traz contribuições importantes para o debate científico em torno do contexto pós-socialista, pós-totalitarista e pós-colonialista.

**Palavras-chave:** Racismo, Pós-colonialismo, Migração, Xenofobia, Arte e Sociedade.



## **ABSTRACT**

Considering the examination of the dichotomy between the groups "we" and the "others", it is possible to notice the existence and the possible causes to the rise of xenophobia and racial prejudice in contemporary Russia. At the idea of "we", the Russians, and also, the residents of Moscow, the capital of the country, are comprehended – this is the group receiver of the "others": migrants and newcomers from other regions of the country. The evidences of discrimination of certain social groups are described as xenophobia, migrantophobia, ethnic and / or racial prejudice. The discriminatory discourse (institutional, at the media, or colloquial) is mainly pronounced in ethnic terms, and the ethnicity appears as a marker of difference and as one of the main factors leading to discrimination. The discussion on the issue of the use of concepts such as "race" and "ethnicity" and the proximity of them by leading Soviet and Russian social scientists and anthropologists brings contributions to its questioning and to the understanding of their uses in the rhetoric of exclusion and in the phenomenon of xenophobia in Russia nowadays. The specific context of actual Russia is discussed in relation with previous historical periods (Russian Empire and the USSR). Throughout the thesis, the processes of ethnic categorization, since the first census promoted at the imperial period in Russia, are described, and the relationship between the terms "race" and "ethnicity" is discussed. It is appointed the evidence of racist rhetoric and practices in Russia nowadays, including xenophobia and prejudice based on ethnic differences. And the analysis of the rise of xenophobia in Russia brings important contributions to the scientific debate about the postsocialism, posttotalitarianism and postcolonialism.

**Key words:** Racism, Postcolonialism, Migration, Xenophobia, Art and Society.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAE	Centro de Adaptação e Educação para filhos de migrantes forçados da ONG Comitê de Assistência Civil
FR	Federação Russa
IEA RAN	Instituto de Etnologia e Antropologia da Academia de Ciências da Rússia
PC	Partido Comunista
RAN	Academia de Ciências da Rússia
SFM	Serviço Federal de Migração
VtsIOM	Centro pan-russo de pesquisa de opinião pública
URSS	União das Repúblicas Soviéticas Socialistas



## TRANSLITERAÇÃO

Ao longo da tese, a transliteração do russo para o português segue as normas estabelecidas pelo Curso de Russo do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, conforme a tabela embaixo<sup>1</sup>:

Alfabeto Russo	Transcrição para Registro Catalográfico ou Lingüístico	Adaptação Fonética para Nomes Próprios
А	A	A
Б	B	B
В	V	V
Г	G	G, Gu antes de e, i
Д	D	D
Е	E	E, Ié
Ё	Io	Io
Ж	J	J
З	Z	Z
И	I	I
Й	I	I
К	K	K
Л	L	L
М	M	M
Н	N	N
О	O	O
П	P	P
Р	R	R
С	S	S, SS (intervocálico)
Т	T	T
У	U	U
Ф	F	F
Х	Kh	Kh
Ц	Ts	Ts
Ч	Tch	Tch
Ш	Ch	Ch
Щ	Chtch	Chtch
Ъ	"	
Ы	Y	Y
Ь	'	
Э	É	É
Ю	Iu	Iu
Я	Ia	Ia

<sup>1</sup> O original da tabela encontra-se em Caderno de Literatura e Cultura Russa (CADERNO 2004).



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Mapa da Federação Russa	<b>18</b>
<b>Figura 2</b>	Bloco de apartamentos em São Petersburgo	<b>23</b>
<b>Figura 3</b>	Bairro Troparióvo. Moscou	<b>26</b>
<b>Figura 4</b>	11.12.2010: Manifestação no centro de Moscou	<b>61</b>
<b>Figura 5</b>	11.12.2010: Pichação escrita durante manifestação no centro de Moscou: “Moscou para os moscovitas”.	<b>62</b>
<b>Figura 6</b>	31.12.2010: Centro de Moscou. Pessoas sem os documentos que permitem a permanência em Moscou são presas na saída de metrô e agrupadas pela polícia antes de serem levadas às delegacias.	<b>63</b>
<b>Figura 7</b>	Lida Iussúpova no acampamento do MST Irmã Alberta, Grande São Paulo, 2004.	<b>73</b>
<b>Figura 8</b>	Localização da Tchetchênia. Mapa da região do Cáucaso.	<b>80</b>
<b>Figura 9</b>	Gráfico Migração na FR	<b>96</b>
<b>Figura 10</b>	Prédio da ONG Comitê de Assistência Civil. Moscou.	<b>99</b>
<b>Figura 11</b>	Meninas tchetchenas apresentando uma dança durante a festa de encerramento de ano letivo no CAE. Moscou. 2005.	<b>101</b>
<b>Figura 12</b>	CAE: festa de encerramento do ano letivo Moscou. 2005.	<b>102</b>
<b>Figura 13</b>	Edifício principal da Academia de Ciências da FR. Moscou 2009.	<b>135</b>
<b>Figura 14</b>	Propaganda de uma das manifestações nacionalistas.	<b>189</b>
<b>Figura 15</b>	Representantes da Centena Negra.	<b>190</b>
<b>Figura 16</b>	Manifestação em Moscou convocada pelo governo da FR após a tragédia de Beslan (set. 2004).	<b>191</b>
<b>Figura 17</b>	Centro de Moscou. Outdoor, em primeiro plano, convida para a exposição de Il'ia Glazunov.	<b>192</b>
<b>Figura 18</b>	Moscou. Paisagem urbana.	<b>193</b>
<b>Figura 19</b>	Centro de Moscou.	<b>194</b>

<b>Figura 20</b>	Fila para entrar no metrô em Moscou, 7hs de manhã.	<b>195</b>
<b>Figura 21</b>	Paisagem urbana: Moscou.	<b>196</b>
<b>Figura 22</b>	Paisagem urbana: Moscou.	<b>197</b>
<b>Figura 23</b>	Trabalhadores temporários em Moscou. Mercado.	<b>198</b>
<b>Figura 24</b>	Trabalhadores temporários em Moscou.	<b>199</b>
<b>Figura 25</b>	Grozny, capital da Tchetchênia, 2002.	<b>200</b>
<b>Figura 26</b>	Centro de Grozny. 2002.	<b>201</b>
<b>Figura 27</b>	Centro de Grozny. 2002.	<b>202</b>
<b>Figura 28</b>	Centro de Grozny 2002.	<b>203</b>
<b>Figura 29</b>	Centro de Grozny. 2002.	<b>204</b>
<b>Figura 30</b>	Tchetchênia, área rural.	<b>206</b>
<b>Figura 31</b>	Tchetchênia, área rural.	<b>207</b>
<b>Figura 32</b>	Tchetchênia, área rural. 2005.	<b>208</b>
<b>Figura 33</b>	Tchetchênia, área rural. 2005.	<b>209</b>
<b>Figura 34</b>	Tchetchênia, área rural. Visita ao cemitério. 2005.	<b>210</b>
<b>Figura 35</b>	Tchetchênia, área rural. Moradoras da vila Keankhi. 2005.	<b>211</b>
<b>Figura 36</b>	Tchetchênia, área rural. Moradores da vila Keankhi. 2005.	<b>212</b>
<b>Figura 37</b>	Tchetchênia, área rural. Moradoras da vila Keankhi. 2005.	<b>213</b>
<b>Figura 38</b>	Tchetchênia, área rural. Moradores da vila Keankhi. 2005.	<b>214</b>
<b>Figura 39</b>	Campo de refugiados tchetchenos na Inguchétia. 2004.	<b>216</b>
<b>Figura 40</b>	Campo de refugiados tchetchenos na Inguchétia. 2004.	<b>217</b>
<b>Figura 41</b>	Campo de refugiados tchetchenos na Inguchétia. 2004.	<b>218</b>
<b>Figura 42</b>	Gontcharova, Natália. Judias na sacada.	<b>220</b>
<b>Figura 43</b>	Lariónov, Mikhail. Outono feliz.	<b>221</b>
<b>Figura 44</b>	Maliévitch, Kazímir. Suprematismo. (Supremus N 56).	<b>222</b>
<b>Figura 45</b>	Bródkskii, Isaak. Lénin em Smólni.	<b>223</b>
<b>Figura 46</b>	Bogoródskij, Fiodor. Irmãozinho.	<b>224</b>
<b>Figura 47</b>	Guerásimov, Suerguei. A mãe de um partizan.	<b>225</b>
<b>Figura 48</b>	Klee, Paul. Ventrilóquo e pregador no pântano.	<b>226</b>
<b>Figura 49</b>	Ziegler, Adolf. Moça com a cesta de frutas.	<b>227</b>

## SUMÁRIO

1. Prólogo	1
2. Introdução	7
3. “Nós”	17
3.1. Existimos “nós”? Mecanismos de categorização étnica	31
3.2. “Nós” existimos. Nacionalismo russo	41
3.3. “Rússia para os russos”: observações sobre as práticas nacionalistas na Rússia contemporânea	51
4. “Outros”	67
4.1. A imagem do inimigo	69
4.2. O “outro” “permanente”. Tchetchênia	73
4.3. O “outro” emergente: processos migratórios recentes	91
5. Vocabulário teórico das práticas discriminatórias.	
As retóricas de exclusão.	113
6. Conclusão	145
7. Epílogo	155
Referências	159
Bibliografia	169
Bibliografia sobre as guerras na Tchetchênia	177
Sítios eletrônicos	181
Filmografia	183
Anexos	185



## PRÓLOGO



Descreverei nas páginas a seguir algo que intimamente condeno. Como se trata de uma tese de doutorado, deve atender as expectativas de um texto acadêmico e procuro, assim, evitar a paixão e mesmo a condenação moral. Não resisti, contudo, à tentação de tecer, no espaço deste prólogo, umas poucas palavras livres a respeito do tema.

Em 1995, houve em Moscou uma grande exposição chamada “Moscou – Berlim: 1900-1950”. Seu propósito era comparar a produção artística da Rússia/União Soviética (URSS) e da Alemanha do século XX, apresentando suas influências recíprocas ao longo do tempo e, tendo em vista o momento histórico em que o evento se dava (pós-queda do Muro de Berlim), apontar para a aproximação entre as artes dos períodos totalitários de ambos os países<sup>2</sup>.

Naquela época, a espantosa semelhança entre os regimes nazista e stalinista ainda não havia sido incorporada pelo debate na Rússia, onde clássicos como os de Hannah Arendt, eram ainda pouco conhecidos. Mas era impossível negar, após visita à exposição, que o realismo socialista e a arte nazista possuíam muitas similaridades na linguagem e na mensagem que pretendiam transmitir. O mesmo podendo ser dito em relação à arte nomeada pelos fascistas de “degenerada” e à arte das vanguardas soviéticas nomeada pelos bolcheviques de “formalista”, “burguesa” e “contrarrevolucionária” que, igualmente, aproximavam-se muito em suas linguagens e mensagens. Em ambos os contextos, estes movimentos artísticos foram proscritos e seus sujeitos perseguidos<sup>3</sup>.

Discussões, polêmicas apaixonadas, bibliografia imensa surgiram após o fim da URSS sobre o sentido, as razões e as práticas do totalitarismo. Muitas e muitas linhas escritas e frases pronunciadas ainda não levaram ao consenso sobre a semelhança do nazismo alemão e do regime bolchevique. As opiniões mudam, dependem das tendências ideológicas do momento e de seus autores. Além disso, se em Berlim, muitas ruas possuem placas que comentam os crimes dos nazistas e, na Alemanha, seus criminosos foram julgados e

---

2

Para um estudo aprofundado da produção artística durante os regimes totalitários, na Alemanha e na URSS, ver BORTULUCCE 2008.

<sup>3</sup> Em Anexo II apresento algumas imagens dos artistas das vanguardas da Rússia e da Alemanha; e alguns exemplos da produção artística do nazismo e do realismo socialista.

condenados e os movimentos antifascistas e antirracistas são fortes e estruturados, em Moscou, temos uma única homenagem às vítimas de repressões: a Pedra da Memória<sup>4</sup>, erguida nos anos 1990 no lugar do monumento do primeiro líder da polícia política da URSS. E esta singela homenagem está prestes a ser removida. Não houve na Rússia contemporânea julgamentos daqueles que praticaram as repressões, e as próprias repressões, a cada ano que passa, ocupam menos e menos espaço nas páginas dos livros didáticos de história do ensino fundamental. Além disso, Vladímir Pútín, presidente eleito por duas vezes consecutivas e, hoje em dia, primeiro ministro da Rússia, antes de assumir o poder governamental foi chefe da FSB<sup>5</sup>, ex-KGB<sup>6</sup>, estrutura de poder executora das repressões.

Se não fosse a arte, haveria a possibilidade de sempre voltarmos ao passado totalitário com olhares admirados. Por que isto acontece? Talvez pela lógica do trabalho artístico, que só pode ser produzido em liberdade e que transmite a liberdade: daí as perseguições aos artistas tão “inofensivos” aos regimes políticos, à primeira vista. A arte é o melhor vestígio de época. Não pode ser falsificada. Não mente. Qualquer quadro, peça teatral, composição musical, poesia, projeto arquitetônico, possui o valor artístico ou não. Nós, os espectadores, podemos senti-lo, apesar de toda a propaganda ideológica e da máquina educacional. Por esta razão, os quadros de Picasso, Matisse, Maliévitch, Kandínskii e muitos outros passaram longas décadas nos porões dos museus soviéticos escondidas do público. Por isso, Hitler organizou fogueiras de livros dos autores a serem banidos do espaço cultural da Alemanha nazista. A arte nos diz bem mais que os argumentos racionais e não pode ser controlada, mesmo agora, hoje em dia.

Por isso, convido-vos a verificar a produção de dois dos principais artistas da “corte” moscovita contemporânea – Il'ia Glazunov<sup>7</sup> e Zurab Tsereteli<sup>8</sup>. Os comentários são

---

<sup>4</sup> O monumento em homenagem às vítimas das repressões do período soviético, *Soloviétskii kámen'*, é um bloco de pedra trazido do primeiro campo de concentração da URSS (fundado em 1923, nas ilhas Solovki, no lugar de um antigo mosteiro).

<sup>5</sup> *Federalnaia Slujba Bezopásnosti* - Serviço Federal de Segurança.

<sup>6</sup> *Komitiet Gosudárstvennoi Bezopásnosti* – Comitê de Segurança do Estado.

<sup>7</sup> Autor de grandes painéis que narram a história da Rússia através de uma linguagem pictórica figurativa e academicista. Exemplos de seus trabalhos disponíveis em: <<http://www.glazunov.ru>> e, principalmente, em: <<http://www.glazunov.ru/214e.htm>>. Acesso em: 19 out. 2012.

<sup>8</sup> Escultor, autor de gigantescos monumentos, dos quais o mais famoso e impactante é o do Pedro, o Grande,

desnecessários. Na Rússia, a arte encontra-se, mais uma vez, nos porões, subsolos, na periferia, nos cineclubes semi-clandestinos; e lojas de livros menos *mainstream* são incendiadas<sup>9</sup>. Podem-se apontar algumas obras recentes de crítica social e política, como o filme “Aleksandra”, de Aleksandr Sokúrov<sup>10</sup>, ou algumas instalações de artistas da Rússia, que podemos ver nas bienais de arte em São Paulo, porém há uma diferença imensa entre o espaço cultural interior do país e a sua representação no exterior. Por incrível que pareça, algumas produções de artistas russos (como o documentário “Três camaradas”<sup>11</sup>), que participam ativamente das competições e festivais internacionais, são completamente desconhecidas e *proibidas* dentro da Rússia.

Aonde eu quero chegar? Sinto na própria pele como as coisas andam mal no meu país de origem. E antes de partir para uma análise mais objetiva a respeito dos crimes na Tchetchênia, da xenofobia, do preconceito e da discriminação, quero afirmar que, apesar de tudo, o objetivo subjacente a este esforço é o de tentar reconhecer a possibilidade de uma reviravolta na situação atual e a esperança de um mundo melhor, que ainda vive na arte e no fazer daqueles que continuam criando.

---

em Moscou. Imagens de seus trabalhos disponíveis em: <<<http://www.tsereteli.ru/eng/index.php>>> e, principalmente, em: <<<http://www.tsereteli.ru/eng/g.php>>. Acesso em: 19 out. 2012.

<sup>9</sup> Em 2005, *Falanster*, uma livraria no centro de Moscou, cujas características mais marcantes são a não venda de *bestsellers* de consumo massivo e a venda de literatura erudita, politizada, e de jornais e revistas de movimentos sociais da Rússia, foi incendiada e quase fechada, já que uma grande parte de seu acervo foi consumida pelo fogo.

<sup>10</sup> Filme de diretor russo Aleksandr Sokurov, de 2007, que narra a viagem de uma mulher idosa russa à Tchetchênia. O objetivo da viagem é visitar o neto, que serve ao exército. Na Tchetchênia, a mulher convive com os moradores e faz várias amizades. Informações sobre o filme disponíveis em: <<<http://www.imdb.com/title/tt1034427/>>>. Acesso em: 26 jul. 2010.

<sup>11</sup> “Três camaradas” é um documentário de diretora russa Maria Novikova, que atualmente mora na Holanda. Este documentário, que mencionarei ainda mais uma vez no decorrer da tese, participou de vários festivais internacionais de cinema, inclusive do “É Tudo Verdade”, em São Paulo. O filme narra a história de três amigos, moradores de Grozny, capital da Tchetchênia, na década de 1990. Informações sobre o filme disponíveis em: <<[http://tv1.rtp.pt/programas-rtp/index.php?p\\_id=24413&e\\_id=&c\\_id=8&dif=tv](http://tv1.rtp.pt/programas-rtp/index.php?p_id=24413&e_id=&c_id=8&dif=tv)>>. Acesso em: 26 jul 2010.



## INTRODUÇÃO



Como o próprio título aponta, esta tese procura, a partir do exame da dicotomia entre os grupos “nós” e “outros”, analisar a existência e as possíveis causas do aumento da xenofobia e do preconceito racial na Rússia contemporânea.

Por “nós”, compreendo os russos e, também, os moradores de Moscou que se posicionam como o grupo receptor dos “outros”: migrantes e moradores recém-chegados das outras regiões do país. A tensão entre estes grupos leva-nos a debruçarmos sobre a história e o uso de uma “imagem do inimigo”, ora uma idéia que persiste ao longo de séculos, ora uma referência emergente devido as já não tão recentes mudanças do sistema político e econômico do país a partir do fim da União Soviética.

Verificados os indícios de antagonismo e de discriminação pela origem étnica, a análise específica do aumento da xenofobia na Rússia trará contribuições importantes para o debate científico em torno do que passou a se denominar de contexto pós-socialista, pós-totalitarista e pós-colonialista.

A Rússia e as ex-repúblicas soviéticas apresentam alto nível de intolerância em relação a migrantes e imigrantes. Embora este quadro seja comum em toda a Europa contemporânea, o contexto histórico, social e econômico de cada local específico determina o funcionamento peculiar das retóricas e das práticas de exclusão e de discriminação. Deste modo, segundo Stolcke (1995: 22):

To understand the politics of cultural fundamentalism we require much more detailed research on popular self-understandings regarding political-national and cultural identity and identifications. Central in this respect is a proper historical perspective that pays due attention precisely to the "dialogue" between ideologues and subaltern sectors and to the economic context within which cultural fundamentalism flourishes.

A descrição do contexto específico da Rússia contemporânea, que é um dos principais objetivos da pesquisa, ajudará na formulação de possíveis respostas às seguintes questões: por que a demarcação dos grupos sociais se dá em termos tais como “etnia” e “diferença

cultural” (capítulo III); como se constrói atualmente a dicotomia entre “nós” e “outros” (capítulos I e II); como a noção de inimigo persiste ao longo da história da Rússia e da URSS (capítulo II); por que o outro, o diferente, aparece como ameaçador (conclusão).

A discussão sobre a problemática do uso de conceitos como “raça” e “etnia” e sobre a proximidade destes conceitos nas obras dos principais cientistas sociais e antropólogos soviéticos e russos traz contribuições a sua crítica e à compreensão de seus usos nas retóricas de exclusão.

Procuro neste trabalho aproximar o máximo possível o leitor brasileiro do mundo sobre o qual escrevo. Apesar de não explicitar os pontos de encontro entre as ideias que discuto e a sua relevância para o debate público brasileiro, penso que questões como preconceito racial e discursos e práticas discriminatórias são imediatamente compreendidas como cruciais em ambos os contextos, o local e o longínquo. Talvez uma comparação entre esses contextos pudesse se anunciar como tema de algum trabalho posterior.

Ter acesso às fontes em russo foi um fator muito importante, que me possibilitou, ao escrever este texto, apresentar o cenário acadêmico atual e o debate público na Rússia e em russo sobre as questões levantadas nesta tese. Aprendi muito ao tomar esta decisão e tive que me aventurar no passado, repaginando a teoria soviética de etnicidade. Aqui, o recente estudo de Francine Hirsh (2005) sobre os primeiros censos soviéticos foi de importância inestimável, já que se trata do primeiro livro que abrange o período de transição entre o império russo e a URSS e que analisa a construção e consolidação das categorias étnicas. Este livro foi um dos poucos estudos em língua estrangeira que preferi aos textos russos que tratam do assunto.

Trabalhei a questão da dicotomia entre os grupos “nós” e “outros” partindo do contexto específico que estudei, num determinado período histórico e num local peculiar, e passando, depois de apresentação de fatos e situações, para a análise mais geral do problema, aprofundando as questões e procurando algumas possíveis respostas. Assim, tomei como ponto de partida sítios eletrônicos de jornais e revistas mais populares, bem como aqueles mais acessados por meus interlocutores em Moscou quando da pesquisa de campo<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> A lista destas fontes encontra-se no final da tese. Logo em seguida, apresento este círculo de pessoas que escolhi para serem meus interlocutores durante a pesquisa do campo.

Também trabalhei com aqueles que apresentavam informações precisas sobre a migração, os direitos humanos, as práticas discriminatórias e suas repercussões, além daqueles de alguns grupos e coletivos que se organizam para enfrentar o problema do racismo e da xenofobia<sup>13</sup>. Paralelamente, frequentei algumas listas de discussão e troquei intensa correspondência com pessoas na Rússia almejando não me distanciar daquele país e dos problemas que as pessoas de lá enfrentam.

Para a análise da imprensa, além de um dos maiores sítios eletrônicos que compila as informações diárias das principais agências de notícias da Rússia<sup>14</sup>, acompanhei diariamente as páginas na internet dos três maiores jornais publicados em Moscou: *Moskóvskii Komsomólets*<sup>15</sup>; *Moskóvskaia Pravda*<sup>16</sup> e *Argumenty i Fakty*<sup>17</sup>. Os três jornais são publicados diariamente desde a época da URSS, inclusive seus nomes não foram mudados com intuito de não perder o público leitor. Antigamente, o *Moskóvskii Komsomólets*, por exemplo, era o órgão oficial da Juventude Comunista; hoje em dia, este jornal mais se aproxima daquilo que no Brasil é chamado de imprensa marrom, sensacionalista. A escolha destes veículos de informação para a análise do discurso midiático foi pautada, em primeiro lugar, pela tiragem destes jornais, das maiores em todo o país; e, em segundo, pelo fato do *Moskóvskii Komsomólets* e do *Argumenty i Fakty*, apesar de serem editados por patrocinadores ligados em maior ou menor grau ao governo da FR, posicionarem-se como diários independentes. Já o *Moskóvskaia Pravda* é o jornal publicado pela prefeitura de Moscou e que revela o ponto de vista oficial sobre alguns dos problemas de minha pesquisa, como a migração e a presença de refugiados na cidade.

Segundo pesquisas realizadas por esses próprios jornais, seus leitores representam todas as faixas etárias e atuam num leque bem variado de ocupações profissionais. Os jornais, por sua vez, procuram se orientar pelos gostos e preferências políticas de seu público, na escolha de temas e abordagens a respeito dos mais variados assuntos.

O trabalho rotineiro, de acordar aqui no Brasil, quando na minha terra natal já era de tarde, e tomar café da manhã lendo os noticiários em russo, resultou no estabelecimento de

---

<sup>13</sup> A lista completa destas fontes encontra-se no final da tese.

<sup>14</sup> <<www.gazeta.ru>>

<sup>15</sup> *Moskóvskii Komsomólets* (Comunista Jovem de Moscou) – tiragem de 2.227.833 exemplares.

<sup>16</sup> *Moskóvskaia Pravda* (Verdade de Moscou) – tiragem de 228 600 exemplares.

<sup>17</sup> *Argumenty i Fakty* (Argumentos e Fatos) – tiragem de 2.997.800 exemplares.

um filtro, que segurou a avalanche de informações e retóricas. Consegui, assim, selecionar aqueles materiais que serviriam para o desenvolvimento da pesquisa; planejei meu trabalho de campo com o objetivo de encontrar e conversar com o máximo de pessoas possíveis envolvidas com a questão e/ou pesquisadores do assunto; e tive a impressão de criar uma imagem bastante precisa daquilo que se passa no meu ex-país de moradia. Coloquei o ponto final nesta rotina: passei, então, a ler longos textos, livros, teses e artigos que discutiam especificamente os temas etnia, nacionalismo, xenofobia e discriminação de migrantes e de refugiados. Porém, ao chegar à Rússia, em maio de 2008, vi meus trajetos tão bem planejados, a imagem que criei na minha cabeça sobre a vida de lá e as razões que eu acreditava nortear as ações das pessoas irem por água abaixo.

Muitas perguntas permaneceram sem respostas e, na realidade, afirmo algo quase impossível, porém imprescindível para o entendimento da estrutura da narrativa que se segue: fiquei mais confusa do que estava no início da pesquisa. Por fim, me restringi a, a: (1) Descrever alguns aspectos dos problemas que a sociedade da Rússia contemporânea enfrenta (xenofobia, migrantofobia, preconceito étnico e/ou racial); (2) Discutir a noção de “etnia” e suas repercussões nas práticas discriminatórias; (3) Tentar estabelecer um referencial teórico que pudesse ajudar na compreensão da tensão entre os grupos “nós” e “outros”.

Entre os pesquisadores da Rússia que destaco estão: Viktor Shnirelman<sup>18</sup>, autor de publicações sobre racismo (2005; 2006a; 2011 (1), (2)), sobre grupos de extrema direita (2007) e, também, sobre a construção histórica de identidades étnicas e nacionais no Cáucaso (2006b; 2003), região foco de vários conflitos sociais e cujos migrantes formam um dos grupos mais discriminados na capital da Rússia. Sobre o problema específico da migração, discutido intensamente desde o fim da URSS, escrevo usando os estudos de Mukomel' (2007), Tiuriukanova (2008; 2009) e Zaiontchikovskaia (2009), como autores principais. São autores que possuem um grande volume de publicações sobre a questão e que são internacionalmente reconhecidos como sendo *experts* em problemas de fluxos migratórios, políticas migratórias do governo, criminalização dos migrantes e mudanças

---

<sup>18</sup> Viktor Aleksándrovitch Schnirelman, pesquisador do IEA RAN, foi meu co-orientador durante a pesquisa de campo.

sociais relacionadas à migração. A xenofobia na mídia russa, por sua vez, é estudada por Malkova (2004; 2007) e pelo grupo de autores do Centro de Monitoramento da Xenofobia SOVA<sup>19</sup>, especialmente Kojévnikova (2005; 2007). Para a compreensão da dinâmica da sociedade russa usei as pesquisas de opinião pública do Levada-Center<sup>20</sup> e do Comitê Estatal de Estatística<sup>21</sup>. Outros autores com contribuições importantes para a discussão e compreensão da xenofobia e das retóricas discriminatórias na Rússia são Málakhov (2001; 2007), Karpenko (2001) e Voronkov (2001).

A leitura destes trabalhos, bem como o contato direto com parte de seus autores, foi possível em centros de pesquisa e instituições científicas como o IEA RAN (Instituto de Etnologia e Antropologia da Academia de Ciências da Rússia)<sup>22</sup>, o Centro de Pesquisas Sociológicas Independentes<sup>23</sup>, o Instituto de Sociologia da RAN e o Centro de Pesquisas sobre Migração<sup>24</sup>, em Moscou e São Petersburgo.

Além disso, acompanhei atentamente a produção bibliográfica do Comitê de Assistência Civil<sup>25</sup>, ONG que me serviu de ponto de apoio para o trabalho de campo e cujos participantes foram responsáveis pelo contato que pude estabelecer com os refugiados das regiões de conflitos armados, como a Tchetchênia, e com os migrantes em Moscou. As pessoas que fazem parte da ONG, principalmente, Svetlana Gánuchkina, semestralmente redigem relatórios sobre a situação dos direitos humanos na Rússia e, especificamente, em Moscou, na Tchetchênia e no Cáucaso Setentrional: são documentos singulares, baseados em pesquisa de campo nas regiões de conflito e em entrevistas com os moradores destas regiões.

As inquietações que deram origem a esta tese, no entanto, são resultado direto das guerras na Tchetchênia, já que a preocupação com o tema possibilitou-me o envolvimento em algumas atividades da ONG acima citada. Por isto, antes mesmo de dar início às atividades junto do Doutorado em Ciências Sociais, já havia trabalhado com um grande

---

<sup>19</sup> <<www.sova-center.ru/en>>

<sup>20</sup> <<www.levada.ru>>

<sup>21</sup> <<http://wciom.ru>>

<sup>22</sup> <<www.iea.ras.ru>>

<sup>23</sup> <<www.cisr.ru/index.en.html>>

<sup>24</sup> <<www.migrocenter.ru>>

<sup>25</sup> <<http://refugee.ru>>

número de publicações e registros fotográficos e de vídeo relativos a esta questão, tanto em russo, quanto em línguas estrangeiras (inglês, francês, castelhano e italiano). No decorrer da pesquisa, devido ao ingresso no doutorado, houve um aprofundamento da pesquisa bibliográfica, que apresento na parte no final da tese, considerando a inexistência de uma apresentação sistemática similar em idioma português até o presente momento.

A bibliografia concernente à compreensão da contemporaneidade da dicotomia entre “eu”/“nós” - “outro”/“outros”, sugerida no exame de qualificação, contribuiu principalmente para a última parte desta tese, a Conclusão.

## **Pesquisa de campo.**

Quem formou o círculo de pessoas que contribuiu para a pesquisa de campo? Quem foram as pessoas com as quais conversei e cujas declarações e afirmações uso no decorrer da tese?

Estas pessoas podem ser divididas em dois grupos: um grupo formado por aqueles que eu havia escolhido antes do início do trabalho de campo, que eu sabia, mais ou menos, que tipo de respostas e opiniões teriam sobre o tema de pesquisa, na medida em que este primeiro grupo era formado por pessoas engajadas na defesa dos direitos de migrantes e refugiados e na denúncia da xenofobia e de situações de discriminação; e outro grupo aleatório, no qual entraram tanto aqueles que eu já conhecia, mas com quem nunca havia abordado com profundidade os assuntos relacionados à tese (amigos de infância, ex-colegas de escola, vizinhos do prédio onde fiquei durante a pesquisa de campo e familiares), quanto pessoas que então conheci e consegui ter breves conversas em circunstâncias as mais variadas possíveis: em trânsito, nos pontos de ônibus, durante os passeios com meu filho recém-nascido, nas filas, em lojas, enfim, no cotidiano.

O primeiro grupo é formado por pessoas com as quais compartilho uma grande afinidade em relação à percepção de vários assuntos da vida, inclusive dos problemas que abordo na tese: funcionários da ONG Assistência Civil, que dá apoio aos refugiados em Moscou, do Centro de monitoramento da xenofobia SOVA, voluntários de várias iniciativas sociais de combate à guerra na Tchetchênia e ao racismo, em Moscou e em São Petersburgo - pessoas com as quais não tive problemas em discutir as mais variadas questões, pois concordávamos em quase tudo. Essas pessoas, que executam o trabalho de “formiguinhas” sob forte pressão por parte do governo e por parte dos movimentos de extrema direita, possibilitaram-me o acesso à bibliografia produzida na Rússia sobre os temas de meu interesse e o compartilhamento de uma visão crítica e analítica dos processos que descrevo no decorrer do texto. Por outro lado, pude comparar a visão desse grupo, que reúne, publica e analisa dados estatísticos e material fático sobre migração e práticas

discriminatórias, com a do *senso comum*<sup>26</sup>. Este contato também me trouxe a oportunidade de, em algumas ocasiões, conviver com os migrantes, tendo acesso a seus discursos e pontos de vista sobre a situação.

Optei por não citar nomes, nem transcrever as falas de pessoas, porque não só nunca usei gravador durante as conversas, como raramente fazia anotações, devido a uma grande preocupação em não causar constrangimento, deixando, assim, a convivência fluir o mais livremente possível. Além disso, como captar com um gravador e posterior transcrição o afeto, o olhar, o gesto, a expressão da face e os silêncios: testemunhos tão legítimos quanto as palavras? Ao invés de me concentrar em processos técnicos de captação de som, ou registro documental, preferi captar com todos os sentidos a abordagem dos temas que procuro apresentar neste texto. Passei a redigir um diário de campo onde registrava os acontecimentos do dia-a-dia, as conversas, o conteúdo da TV e do rádio e, com o passar do tempo, em um grau maior, as minhas próprias impressões, já que os assuntos sobre os quais escrevia causavam em mim uma forte resposta emocional.

No decorrer da tese, intercalo a pesquisa bibliográfica com as informações colhidas durante a pesquisa de campo, sem as separar em capítulos diferentes.

---

<sup>26</sup> Por senso comum entendo as opiniões e percepções da realidade compartilhadas pela maioria dos moradores de Moscou, segundo pesquisas sociológicas (como as realizadas pelo Centro pan-russo de pesquisa de opinião pública - VTsIOM).

**“NÓS”**



**Figura 01** Mapa da Federação Russa

**Fonte** Disponível em:

<http://academic.csuohio.edu/makelaa/history/courses/his370c/old%20student%20presentations/Holmes/overview3.htm>. Acesso em 21 out. 2011.

Neste primeiro capítulo, além de fazer uma descrição geral do panorama populacional da Federação Russa e de apresentar as principais categorias usadas em pesquisas sobre este panorama (em censos nacionais, principalmente), apresento o “nós” por meio das impressões e materiais colhidos durante o trabalho de campo.

Antes de tudo, preciso fixar o ponto de partida da investigação que se segue. Subjetivamente, situo-me dentro do grupo que descreverei como sendo o “nós”. Nasci e cresci em Moscou, o russo é minha língua materna. Aprendi na escola que “nós” (os russos) levamos a emancipação, a cultura, o progresso e, em suma, o bem e a mudança para melhor à multidão de povos que habitam o país. Não havia dúvida sobre a superioridade da cultura russa (não estudávamos ou estudávamos em um grau muito menor as produções de outros povos do país), nem sobre a obviedade dos clássicos da literatura russa serem o foco principal dos estudos primários em todas as escolas da URSS – nesse sentido, contraditoriamente descrita como “uma família de povos”, um dos slogans principais do estado. Outro slogan, de um poema de Maiakóvski, pairava nas paredes de todas as instituições de ensino básico: *la ruskiy by vyuchil tolko za to, chto im razgovarival Lenin* (Eu aprenderia o russo pela simples razão de ser a língua que Lênin falava), não gerando nenhuma dúvida sobre a sua pertinência. Todos deveriam ler as obras de Púchkin, Lérmontov, Tolstoi e Dostoiévski na escola. No entanto, nós, os russos, não líamos o poeta natural da Geórgia, Shota Rustavéli, nem a epopeia finlandesa *Kalevala*, por exemplo<sup>27</sup>.

Porém, algo aconteceu posteriormente; precisamente conheci um “outro”, uma pessoa que transformou a minha percepção da realidade. Julgando pela minha história pessoal, eu também estava cega, carente de uma visão crítica em relação ao modo como os fatos eram (e ainda são) apresentados pela mídia e pelo governo - na maioria das vezes, discriminatória e xenofobamente. Eu também não me importava com a guerra na Tchetchênia, que começou no longínquo ano de 1994. Até conhecer uma pessoa de lá. Uma pessoa cheia de vida e de dor, que me contou, olhando nos olhos, a sua história, o seu ponto de vista. E os véus caíram

---

<sup>27</sup> A circular mais recente do Ministério da Educação da FR recomenda uma pequena lista de autores não-russos (no item “Literatura dos povos da Rússia”) a serem incluídos nos estudos escolares. A recomendação é que seja escolhido para os estudos um autor da lista. Há ainda um comentário para as escolas com o ensino em línguas não-russas exigindo o diálogo entre a cultura russa e a local e propondo o estudo obrigatório de três clássicos da literatura russa.

para mim. Nunca mais consegui ser a mesma. Usando o vocabulário místico, posso dizer que despertei para outra realidade e que a realidade anterior surgiu desde então como falsa, como uma realidade que encobre a realidade atual. Não a chamo de verdadeira, entretanto, já que a noção de veracidade é extremamente problemática nesses tempos de ambivalência e liquidez total (Bauman: 1999; 2001).

Posto isso, é complicado afirmar qualquer coisa, é como se tateássemos no escuro, ou andássemos sobre um rio ou um lago congelado - há de ter muito cuidado e qualquer passo precipitado e bruto leva ao afogamento na água gelada. Porém, permanecer sem afirmar nada também seria a morte. Assim, Said discorre sobre o imperialismo europeu e estadunidense (2008: 39-40):

<...> como a Grã-Bretanha, a França e recentemente os Estados Unidos são potências imperiais, suas sociedades políticas conferem a suas sociedades civis um senso de urgência, uma como que infusão política direta, em qualquer lugar e sempre que questões relacionadas a seus interesses imperiais no exterior estejam presentes. Duvido que seja controverso dizer, por exemplo, que o interesse que um inglês na Índia ou no Egito no final do século XIX tinha por esses países estava relacionado a sua condição de colônias britânicas. Afirmar tal coisa talvez pareça totalmente diferente de dizer que todo o conhecimento acadêmico sobre a Índia e o Egito é de certo modo matizado, marcado, violado pelo fato político bruto – ainda assim, *é isso o que estou dizendo* neste estudo do Orientalismo. Pois, se é verdade que nenhuma produção de conhecimento nas ciências humanas jamais pode ignorar ou negar o envolvimento de seu ator como sujeito humano nas suas próprias circunstâncias, deve ser também verdade que, quando um europeu ou um americano estuda o Oriente, não pode haver negação das principais circunstâncias de *sua* realidade: ele se aproxima do Oriente primeiro como um europeu ou um americano, em segundo lugar como um indivíduo. E ser um americano ou um europeu nessa situação

não é absolutamente um fato irrelevante. Significava e significa estar consciente, ainda que obscuramente, de pertencer a uma potência com interesses definidos no Oriente e, mais importante, pertencer a uma parte da terra com uma história definida de envolvimento no Oriente quase desde os tempos de Homero<sup>28</sup>.

Então, só falo em meu nome. E só daquilo que vejo. Acredito que o distanciamento de meu lugar de origem permite-me escrever da situação que analiso encontrando-me fora dela e, ao mesmo tempo, dentro dela: com um pé dentro e outro fora.

Grande parte desta tese constrói-se em cima do trabalho de campo realizado em momentos distintos em Moscou, em São Petersburgo (esporadicamente) e no interior, entre os anos de 2004 e 2009.

Lido com o objeto de estudo, enquadrando-me nele também como sujeito: Quem somos “nós”? Como somos? Apresento, em seguida, as percepções primeiras, as mais fortes e as mais difíceis de serem transmitidas verbalmente, pois se trata das sensações, das tensões, dos afetos. Sugiro que este seja o primeiro passo que levará à compreensão das questões discutidas nesta tese.

Do que se trata?

Do desencanto, em primeiro lugar. Que diz respeito, talvez, à experiência sempre repetida quando, ao retornarmos para Moscou, seja do exterior, ou de outro lugar, às vezes até do interior do país, na chegada, você sorri e conversa com as pessoas na rua, você é amável e gentil, mas, com o passar dos dias, o sorriso se vai e uma máscara indevassável de frieza cola-se ao seu rosto. Logo, ninguém mais te confunde com uma estrangeira, ou com uma pessoa que não é de Moscou. Em uma pesquisa sobre xenofobia entre professores de escolas públicas de São Petersburgo, fica evidente como os alunos “não-russos” geralmente são percebidos como mais extrovertidos, espontâneos e que demonstram mais os sentimentos (PANOVA 2008). Penso também nos trens do metrô moscovita, com as pessoas fechadas dentro de si, cada qual no seu mundo interior, sem se olhar, sem sorrir, sem se falar, nem quando algo acontece, algo que poderia desencadear uma discussão ou

---

<sup>28</sup> Grifos do original.

um comentário. Talvez seja o refúgio interior sobre o qual os artistas soviéticos escreviam: na impossibilidade da emigração, de uma fuga real para outro país ou outro lugar, sempre resta a possibilidade de se esconder dentro de si, em seu próprio mundo particular.

Em comparação com os tempos soviéticos, a emigração ou a migração tornaram-se mais acessíveis e comuns, porém, até hoje, há uma parte da população impossibilitada de mudar de local de moradia: são homens que não serviram ao exército obrigatório (até cumprirem 28 anos de idade são cobrados por isso), são aqueles que trabalharam ou estudaram em alguma instituição que possui “segredos de Estado” (como o Instituto de Radiotécnica e Eletrônica, ou de pesquisas espaciais, por exemplo)<sup>29</sup>, ou aqueles que não têm recursos econômicos para se deslocar e se ajeitar fora do país.

Seria absurdo supor então que quase todo mundo em Moscou encontra-se em imigração interna, fechado em seu próprio mundo?

---

<sup>29</sup> Vale a pena citar um exemplo da época da URSS: conheci um senhor que casou com uma francesa na década de 1970, enquanto ela trabalhava em Moscou. A mulher voltou para seu país e o senhor por dez anos nutria planos de fuga, de atravessar a fronteira, de escapar, pois, como estudou em um instituto de engenharia que em algum de seus múltiplos departamentos lidava com pesquisa de ponta, ele e todos os alunos e funcionários deste instituto eram pessoas sem permissão de saída do país, por supostamente possuírem conhecimento de “segredos de Estado”. Este senhor e sua mulher juntaram-se finalmente na França após a URSS acabar.



**Figura 2** Bloco de apartamentos em São Petersburgo: a paisagem urbana comum em todas as cidades. O recorte da foto corresponde a aproximadamente 1/8 de toda a extensão do edifício (lateralmente).  
**Fonte** Autoria própria.

O espaço público não existe na Rússia: esta afirmação é correta. As concentrações de pessoas carecem de qualidade de intercomunicação, são aglomerações espetaculares, passivas. As praças dos bairros e os espaços de convivência comum de moradores, como banquinhos na frente das entradas dos prédios residenciais, são espaços de algumas discussões e trocas de ideias, mas sempre muito cuidadosas e desconfiadas ao tratar da política, ou do governo, ou das mazelas maiores da vida.

Fala-se, por exemplo, da escada mal feita na entrada do prédio, mas a discussão não passa disso, não se questiona a responsabilidade da prefeitura, ou do vereador, não são tomadas decisões coletivas sobre o assunto, nem providências possíveis. Há um medo bem

perceptível de se questionar o poder e há a crença na impossibilidade de conseguir qualquer melhoria ou mudança por meio de uma mobilização coletiva, ou ação pública. Um dos meios de se conseguir algo é pagando propina aos burocratas responsáveis pelo assunto em questão; sobre isso há um consenso geral, e aqui começa o ódio e a inveja àqueles que possuem dinheiro. Outro meio de se conseguir alguma melhoria é a relação pessoal (geralmente, laços familiares ou de amizade) com os burocratas, ou seja, a pertença à mesma classe social ou à mesma confraria de profissão; e existe também a tradição de troca de favores: eu hoje atendo teu filho no hospital furando a fila, e você amanhã renova minha licença de motorista por baixo do pano<sup>30</sup>. Se você tem algum parente ou parente de amigo que trabalha na prefeitura local, você nunca pega fila para conseguir documentos necessários, por exemplo, nem é enrolado pela burocracia. Você até pode reclamar algo e ser atendido. No entanto, é a minoria que goza destas possibilidades de acesso às redes de poder.

Não há esperança de que as coisas mudem. Isto também é claramente perceptível. E como elas mudariam? As mudanças dos sistemas econômicos não trouxeram nada, além de mais problemas. As mudanças de governo (como em 1917 e em 1991) não trouxeram melhorias para o povo. Enriqueceram algumas camadas da população (como a nomenclatura durante a URSS e a burguesia ligada ao Estado, recentemente), mas drasticamente mudaram para pior o destino das outras, bem mais amplas (como os camponeses na URSS, por exemplo, ou os funcionários públicos nos dias de hoje). Então, muitas vezes, as pessoas preferem nas conversas se prenderem ao cotidiano mais restrito possível e aos assuntos pessoais, e quando reclamam da vida, reclamam com o “fazer o quê, as coisas são assim mesmo, há de se adaptar o máximo possível e sobreviver”.

O desencanto caminha junto à apatia e ao medo. Porém, a negatividade é grande e exterioriza-se em muitas conversas que tive com as mais diversas pessoas quando surgem “eles”, os “de fora”.

Além do desencanto, o uso contínuo da origem nacional e/ou étnica para a produção de julgamentos pejorativos ou atitudes discriminatórias chamou minha atenção durante todo

---

<sup>30</sup> O livro de Verdery (1996) sobre a Romênia fala exatamente destas redes de acesso aos bens materiais e simbólicos.

o trabalho de campo. Este problema não é novidade, pelo contrário, é objeto de vários estudos e publicações. No entanto, a diferença entre ler sobre o assunto e percebê-lo pessoalmente é notável. E, novamente, esta tese revela-se paradoxal: escrevendo sobre a generalização, sobre como julgamentos pronunciados ou escritos agrupam pessoas pelas características X ou Y e sobre como tais atos levam à discriminação, eu também generalizo, agrupando e julgando a todos (a uma sociedade de uma região inteira, enorme) por algumas características mais salientes, mais frequentemente encontradas; ao invés de escrever sobre uma pessoa (eu), ou sobre algumas poucas, que realmente conheço.

Qual o sentido destas generalizações? Qual o significado da generalização, de tornar algo geral, de poder aplicar algo ao todo, à noção de totalidade afinal:

In fact, the world is under no obligation to live up to our expectations, and insofar as “reality” refers to anything, it refers to precisely that which can never be entirely encompassed by our imaginative constructions. Totalities, in particular, are always creatures of the imagination. Nations, societies, ideologies, closed systems... none of these really exist. Reality is always infinitely messier than that—even if the belief that they exist is an undeniable social force. (GRAEBER 2004: 43)

Esta noção de totalidade só se torna inquebrável, com limites estabelecidos e difíceis de serem questionados, quando ela não é posta em dúvida, ou pensada. Qualquer fenômeno ou descrição geral, ao serem postos em análise, ou discutidos, desmoronam. O que é a sociedade russa? São aquelas pessoas que habitam o território geográfico da Rússia? E os que estão fora do país (aqueles que estavam lá, mas agora não estão mais) fazem parte?

Se a generalização tornou-se obsoleta, por que continua sendo utilizada? Essa é uma pergunta retórica caso “o porquê” não seja substituído por um “para quê”. Tendo isso em vista, cabe aqui analisar o uso (Quem? Quando? Como? Em que circunstâncias? etc.) dos termos e noções pejorativos que levam à discriminação, quais são estas noções e termos e quais fenômenos provocam a reação negativa, hostil.

Percebi durante a pesquisa de campo que, quase sempre, a negatividade, o descontentamento são relacionados com os “outros”. Os medos também.

A última fase da pesquisa, em 2008, realizei em Moscou. Devido às circunstâncias da minha vida, passava muito tempo passeando com meu filho recém-nascido nos arredores da casa da minha mãe, num bairro “dormitório”, quase na saída da cidade. Eis a paisagem (a imagem é de 2004, porém, até hoje, pouco mudou nesta parte do bairro):



**Figura 3** Bairro Troparióvo. Moscou. 2004.  
**Fonte** Autoria própria.

Aproveitava, assim, para conversar com as pessoas que encontrava durante os longos passeios. Geralmente, isto acontecia quando sentava em algum banco no parque ou na praça para amamentar e aí o vizinho/vizinha puxavam conversa. Devido à natureza da pesquisa, eu prestava grande atenção às expressões que envolviam os fenômenos como migração e mudanças na cidade. Sobre a guerra na Tchetchênia, não conversávamos,

percebi que este assunto, assim como os atentados terroristas e as políticas do governo, eram assuntos evitados ao máximo, driblados, por assim dizer. Da minha parte, também percebi uma certa auto-inibição de tocar direto nestas questões: eu duvidava que conseguiria friamente “engolir o papo” e não reagir às afirmações discriminatórias em relação aos tchetchenos e aos refugiados. Sobre a guerra acabei conversando somente com aqueles e aquelas que partilhavam do meu ponto de vista; e com as pessoas desconhecidas tocava no assunto com muito cuidado, já que a reação muitas vezes era de raiva e ódio. Compreendi rapidamente que a argumentação contrária, por mais lógica e comprovada com fatos ou materiais que eu tinha (filmes documentários, livros, textos, etc.), não funcionava devido ao fato de que as pessoas ficavam muito emotivas diante deste assunto. Não havia espaço para a imparcialidade e uma discussão neutra, ou para um diálogo onde a opinião contrária seria respeitada e escutada quando se tratava da Tchetchênia. A guerra tornou-se um marco divisório e eu, sem querer, passei a pensar nas pessoas que conhecia em termos de se seria possível uma conversa sobre a guerra, suas causas e repercussão, ou não. E, por mais que seja adverso à natureza do trabalho de campo, devo exercer agora certa *mea culpa*, pois, apesar de muito esforço, eu também não conseguia abordar o assunto friamente.

Em primeiro lugar, porque não há como manter um diálogo e tentar uma boa argumentação embasada em fatos históricos quando seu interlocutor, ao invés de debater, despeja em você uma avalanche de emoções, beirando o insulto. E, em segundo lugar, porque eu acabei também me envolvendo emocionalmente, fui incapaz de construir um distanciamento que possibilitasse a absorção tranquila de opiniões contrárias a minha. Desta maneira, os “outros” sobre os quais podíamos conversar eram “outros” que “incomodavam menos” que os tchetchenos e os refugiados. Acabei desistindo de conversar sobre a guerra, porém experimentei alguns poucos inícios de conversa sobre a Tchetchênia e em todos esses inícios, sem exceção, as pessoas contavam a mesma história sobre a infância, própria ou de alguém próximo, ou de alguém famoso e “confiável” (político conhecido, estrela de cinema ou cantor popular, ou *pop*). Nessa história, figuravam as crianças “normais” e as crianças “tchetchenas”, que se destacavam das demais porque eram “diferentes” - andavam muito juntas, ou eram orgulhosas demais, não perdoando nenhuma ofensa, além de serem consideradas agressivas, destacando-se dentre todas as outras crianças, mesmo as demais

caucasianas: eram, portanto, “terríveis”. Após isso, começava o nervosismo, os xingamentos e uma agressão muito forte em relação à contemporaneidade da presença de tchetchenos na cidade (Moscou) e na Rússia.

Percebi que o fenômeno da migração e da vinda de novos moradores para a cidade onde eu me encontrava coincidiu com a mudança de todo o sistema político, econômico e social, ou seja, com o fim da URSS. Mesmo as pessoas que durante sua vida profissional passaram longos anos fora do país e tinham conhecimento do estrangeiro, supostamente “outro” e “diferente”, expressavam um grande desagrado com a presença dos novos moradores.

Esse foi o depoimento de uma senhora aposentada, de 91 anos, antigamente tradutora do alto escalão do PC da URSS, que viajou muito, inclusive para os Estados Unidos da América na época da guerra fria e para outros países capitalistas, tendo contato, inacessível para a maior parte da população soviética, com o mundo atrás da “cortina de ferro”. Senhora simpática e bem conservada, apesar da idade avançada, ela só perdeu o equilíbrio emocional e parou de sorrir docilmente quando passou a reclamar de como os migrantes invadem o seu bairro, o seu edifício, e de como não sabem administrar o lixo e entopem os coletores de resíduos. Perguntei a respeito de quem eram estes novos moradores, de onde vinham e o que faziam. Minha interlocutora não soube responder, pois nunca travou uma conversa com os novos vizinhos, só havia notado que “tinham dinheiro e não possuíam uma educação adequada”.

Numa outra conversa com uma jovem mãe de filhos pequenos fui alertada sobre a presença dos “uzbeques” no prédio e que eles seriam a causa para não deixar as crianças passearem sozinhas nos arredores da moradia. A mulher não soube explicar quais eram as razões pelas quais concluiu de que se tratava de uzbeques e não de tajiques, por exemplo. Tampouco conseguiu explicitar que tipo de ameaça eles representavam. De todo modo, a família “uzbeque” era nova no prédio e incomodava demais aos moradores. Presenciei um dia a saída da mãe “uzbeque” com os filhos para o pátio comum: foram cercados de silêncio e um clima de tensão muito grande.

Por outro lado, a presença dessas pessoas – de migrantes, que pelas suas características fisionômicas destoam da população – é constante, pois são eles, quase

predominantemente, quem executam as funções de lixeiros e varredores de ruas, não causando nenhum incômodo aos moradores ao exercerem estas atividades. Pelo contrário, ouvi vários elogios a respeito de sua destreza no serviço, ao fato de não se embriagarem como os trabalhadores locais e de não temerem a execução de tarefas “sujas” e “mal pagas”, que os moradores antigos se negam a fazer mesmo enfrentando o desemprego e a falta de recursos.

Durante um dia de feriado, quando muitos moradores locais viajaram para fora da cidade, saí para a rua e parecia que me encontrava em um bairro diferente: as calçadas, as pracinhas, as proximidades dos quiosques estavam “ocupadas” pelos migrantes, outrora “invisíveis”, com suas fardas. Era dia de folga e também eles saíram para as ruas. Notei que não se misturavam aos moradores locais e comportavam-se com muita modéstia e discrição (notei isto comparando com o comportamento comum da população local durante os dias de folga, impossível de ficar despercebida devido à embriaguez coletiva e ao “alto volume” das farras).

Dois mundos que não se misturam?



## Existimos “nós”? Mecanismos de categorização étnica.

A Rússia, através do processo de colonização, formou-se como um território no qual muitos povos diferentes habitavam-no. O primeiro censo demográfico realizado no império russo, em 1897, registrou quase 129 milhões de habitantes, dos quais, 44,6% declaravam-se cristãos ortodoxos. A pertença étnica ou a nacionalidade não foram então questionadas em nenhuma das quatorze (14) perguntas estabelecidas por esse censo, a maioria das quais indagava sobre relações familiares, ocupação profissional e propriedade. Segundo este censo, ainda, a parte europeia da Rússia era habitada por 93,4 milhões de pessoas, sendo quase 10 milhões no reino da Polônia e 2,6 milhões no principado da Finlândia. Concentravam-se cerca de 9,3 milhões na região do Cáucaso, 5,8 milhões na Sibéria e 7,6 milhões nas regiões da Ásia Central. Todos os habitantes do império eram divididos em classes: nobres (fidalgos), clero, comerciantes, pequeno-burgueses e camponeses, e cada uma dessas classes possuía seus direitos e obrigações fixados com exatidão<sup>31</sup>. Como preparação para este primeiro censo, foi realizada em 1895 uma pesquisa que procurou fixar o número exato de povos que faziam parte do império, o que resultou numa “Lista Alfabética dos Povos que Habitam a Rússia”, contendo 140 nomeações diferentes. As categorias usadas para a listagem dos povos foram *narod* – povo, propriamente dito, e *plemia* – tribo/família e suas combinações: assim, os ciganos apareceram descritos como um povo da tribo ariana (*narod ariiskogo plémeni*), apontando para a maior abrangência da categoria tribo (*plemia*), subdividida em povos (*narod*). No período imperial, as fronteiras entre as unidades administrativas foram estabelecidas levando em consideração não somente os fatores geográficos (que predominavam), mas também a população local (como, por exemplo, as regiões administrativas - *óblasti* - dos kirguizes siberianos e dos kirguizes de Orenburgo, criadas em 1850 após a dominação dos territórios da Ásia Central). O modelo de colonização russa foi caracterizado, inicialmente, pela administração indireta, como ilustra Michael Khodarkóvski, citando a região de Kabárda, no Cáucaso setentrional (1999: 395, 398):

---

<sup>31</sup> Primeiro censo demográfico no império russo. Disponível em: <http://www.demoscope.ru/weekly/pril.php>. Acesso em: 5 out. 2011.

Russian colonization of North Caucasus exhibited features typical of other colonial empires... Russia allowed for an increasingly direct rule over the annexed lands and subjugated peoples. In the 1790s the government set up a system of native and frontier courts in an attempt to introduce the Russian legal and administrative systems in the region.

Francine Hirsch (2005) publicou um estudo detalhado sobre a política nacional da URSS prestando atenção justamente à continuidade desta política entre os períodos imperial e socialista e apontando os mesmos protagonistas envolvidos em processos de nomeação/formação/construção de identidades nacionais em ambos os períodos, como o geógrafo Veniamin Semiónov-Tian-Chánski, que participou ativamente da primeira listagem dos povos em 1895 (secretário da comissão central do censo) e do primeiro censo soviético em 1926 (chefe da subcomissão do censo). O papel dos etnógrafos russos/soviéticos na formação das identidades nacionais e na fixação das categorias nomeadoras para o vasto e multifacetado mosaico populacional do território da Rússia/URSS não pode ser subestimado e deve ser levado em consideração ao analisar noções como “nós” e “outros”.

Segundo pesquisadores contemporâneos (cf. SOKOLÓVSKI 1994), a Rússia enfrentou um problema gravíssimo ao se preparar para o censo de 2010<sup>32</sup>. Desde 1895, o princípio aplicado para o estabelecimento da lista de povos que habitam o território do país foi o *registro em dois degraus da pertença nacional*: os aplicadores dos questionários registravam todas as autoneomeações da população, porém, munidos de materiais de apoio - manuais de autoneomeações, instruções do Comitê Central de Estatística -, resumiam a lista de nomes colhidos de acordo com uma lista pré-estabelecida de categorias étnicas. Os problemas deste procedimento foram sintetizados no início da década de 1990, sendo o principal, a violação do direito à autodeterminação da sociedade civil (direito este que consta na constituição da Federação Russa – doravante, FR). A superação deste problema dar-se-ia pela abolição do registro em dois degraus e a adoção de uma lista aberta, proposta continuamente rejeitada pelo Comitê Estatal de Estatística, com a justificativa de problemas

---

<sup>32</sup> Os resultados finais deste último censo serão publicados somente em 2013.

técnicos na interpretação do grande volume de dados sobre a pertença nacional e as línguas faladas, que poderiam ser obtidos através deste procedimento. Porém, tais problemas são passíveis de solução, enquanto o sistema de registro adotado traz problemas políticos, legislativos e científicos insolúveis .

O relatório elaborado no IEA RAN traz a listagem de algumas divergências com a lista unificada de nacionalidades e cita casos de *lobbies* políticos para favorecer tal ou qual categoria nomeadora (ETNOGRAFIA 2003; NO CAMINHO 2003). Um bom exemplo dessas divergências é a discussão sobre a categoria “taty” nas vésperas do censo de 2002. Sobre os *lobbies*, é significativa a polêmica sobre os telenguitas, na região de Altai.

Taty<sup>33</sup> é um dos povos que habitam a República do Daguestão dentro da FR, sendo o Daguestão o território mais rico em diversidade populacional e portador de uma constituição que prevê a representação proporcional das nacionalidades com maior número de pessoas nos órgãos locais de poder governamental e nas mais importantes instituições econômicas, culturais e de ensino. Deste modo, no Daguestão, a pertença étnica dos indivíduos e a quantidade de representantes de tal ou qual nacionalidade são significativas, influenciando diretamente a composição das estruturas administrativas da República.

Os censos nacionais são exatamente os processos que determinam e fixam oficialmente essa proporção de representação nas estruturas de poder etnicamente marcadas. A preparação de cada censo nacional compreende o estabelecimento, nas regiões da FR, das listas prévias de nacionalidades, que dependem tanto das orientações vindas do centro (IEA RAN é a principal instituição com poder de definir quais são as mudanças ocorridas nos períodos entre os censos e que permitem a inclusão ou a exclusão de uma ou outra categoria étnica nas listas; o Comitê Estatal de Estatística também elabora uma lista de povos e línguas faladas), quanto das pesquisas regionais, os “pré-censos”.

Durante o censo de 2002, no território da FR foram colhidas mais de 800 autoneomeações, das quais, no documento final, entraram 188. Na nota explicativa sobre os resultados do censo consta que a diferença entre a quantidade de autoneomeações e o resultado final se deu graças à pronúncia diferente de nomes de nacionalidades idênticas e devido às autoneomeações locais de grupos étnicos (ou seja, funciona a lógica de dar ao

---

<sup>33</sup> 825 pessoas, segundo o censo de 2002.

grupo um nome oficial, mesmo seus representantes tendo mais de uma autonegação). Na lista de nacionalidades, muitas vezes, consta o nome e, entre parênteses, as outras nomeações (algumas, suponho) existentes. Os antropólogos são os mediadores das disparidades entre a “demanda” central e a “oferta” regional. A tendência geral em todo o território pós-soviético é a autoafirmação de povos que outrora eram incluídos nos grupos populacionais maiores, pois isto permite, em primeiro lugar, o acesso aos benefícios estabelecidos em 1999 para os povos minoritários e, em segundo, a inclusão nas estruturas de poder regional de seus representantes (este último fator varia bastante dependendo da região). Por outro lado, as elites das nações titulares (as “mais representativas”, segundo os censos soviéticos) lutam contra a separação de seus povos em povos menores, temendo perder o acesso às instituições regionais.

Voltando ao caso dos taty, na lista do IEA RAN divulgada antes do censo de 2002, não constava a nacionalidade taty, que foi substituída por “judeus montanhese falantes da língua tatski”<sup>34</sup>. Porém, a categoria taty constava nas folhas adicionais dos passaportes internos no Daguestão. Quem são, afinal, os taty? Existem duas versões sobre sua origem. A primeira diz que os taty são um povo que fala a língua tatski e que se divide em duas partes: uma adepta do judaísmo e outra do islamismo. A parte adepta do judaísmo passou a ser nomeada pelos habitantes da região de “djugut” (judeus) e nos documentos do império russo como “judeus montanhese”; enquanto a outra, formada por muçulmanos, ficou como os taty propriamente ditos. A segunda versão diz que dois povos diferentes figuram sob a única categoria taty. Um povo seria a etnia falante da língua tatski, de família iraniana, adepta do islamismo; e o outro, seria os judeus, que desde os tempos antigos dispersaram-se pelos territórios do Azerbaijão setentrional e Daguestão meridional e que guardaram o hebraico para fins religiosos, mas no dia-a-dia passaram a comunicar-se em tatski, a língua de seus vizinhos.

Na época da URSS, quando a identidade religiosa da população foi negada e as etnias foram distinguidas principalmente segundo critérios linguísticos, os dois povos transformaram-se numa única “nacionalidade taty”. Ao ateísmo oficial some-se o antissemitismo, e temos como resultado duas tendências de identificação étnica dos taty: os

---

<sup>34</sup> Tatski é uma língua da família indo-europeia, do grupo iraniano; aproxima-se em alguns aspectos ao farsi.

taty-muçulmanos passaram a se identificar como azerbaijanos e os taty-judeus passaram a se autoneomear judeus, porém, a maior parte destes adotou a categoria taty. Os taty-muçulmanos quase sumiram neste processo e a categoria taty passou a ser usada somente pelos taty-judeus. As categorias “judeu montanhês”, “judeu” e “taty” transformaram-se em sinônimos. Na época da URSS, esta situação gerou algumas discussões que foram abafadas devido ao tema tabu do judaísmo. No entanto, na década de 1970, com o aumento notável da emigração para Israel, este problema surgiu e repercutiu no debate público local até os dias de hoje. Assim, a nacionalidade, que existe oficialmente no Daguestão, consta nos passaportes internos, e conta com livros editados em tatski (existem autores clássicos que escrevem nesta língua), programas de rádio e jornais, contudo, não foi representada como uma categoria autônoma, mas como “judeus montanheses” (Cf. NO CAMINHO, 2003, p. 116). Por fim, no censo de 2002, a categoria taty não substituiu a nomeação de “judeus montanheses” mesmo após uma polêmica acalentada na imprensa local em prol dessa substituição (os argumentos que mais pesaram na decisão foram que os taty não são um povo semita e que sua língua é tatski). Porém, na última década, muitos representantes deste povo (judeus montanheses) e principalmente os jovens aprenderam o iídiche e alegam o arcaísmo do tatski e a impossibilidade de expressar a realidade contemporânea por meio desta “língua antiquada”. A emigração crescente para Israel contribuiu para o debate sobre a autoneomeação, já que a categoria “judeus montanheses” e o domínio do iídiche facilitam o processo de mudança de residência.

Outro exemplo marcante, desta vez, dos processos que podem ser descritos como *lobbies* políticos é a situação da autodeterminação nacional na região de Altai. A República Altai, junto à atual Região de Altai, fazia na época da URSS parte de uma unidade administrativa que gozava de certa autonomia. Após a divisão desta unidade em duas - República Altai e Região de Altai -, a maior parte da população (mais de 50%) continuou se autoneomeando *altaizy*, termo criado na URSS para nomear os moradores tradicionais da região, segundo o nome do povo mais numeroso: os *altai-kiji*<sup>35</sup>. No entanto, parte da população da república passou a exigir para si o estatuto de povo minoritário e passou a se

---

<sup>35</sup> Que substituiu outro termo, “oiroty”, literalmente, “alheios”, usado para a designação das populações tradicionais desta região montanhosa, ainda no império russo.

identificar utilizando outras nomeações tradicionais, das quais, telenguity é a mais representativa. Às vésperas do censo de 2002, foi travada uma batalha política para convencer os moradores a darem a preferência à categoria usual altaizy, ao invés de telenguity. Por que isto foi tão importante? A lei de 1999, que estabelece o estatuto e os privilégios para os povos minoritários, define um limite de 50 mil pessoas para a população que pode exigir para si tal condição. Então, no caso da República de Altai, duas tendências políticas opostas ficaram em jogo. Por um lado, a nacionalidade majoritária altaizy e suas elites políticas temiam a perda de seu lugar nas estruturas regionais de poder, já que sua população, no último censo, não ultrapassou 60 mil pessoas; ou seja, se uma parte considerável de moradores passasse a se autoidentificar como telenguity (que, segundo as pesquisas independentes, poderiam chegar a 17 mil pessoas), os altaizy poderiam eles próprios “cair” para a lista dos povos minoritários e, segundo campanha alarmista na imprensa, perder a unidade administrativa dentro da FR, sendo “engolidos” pela unidade vizinha. Por outro lado, os telenguity, que em 2000 passaram a ser considerados um povo minoritário – fato que dá uma série de direitos (muitas vezes, inexistente na prática), tais como remunerações financeiras, servir o exército em seu lugar de origem (importante num país em guerra), cotas no acesso às universidades de Moscou e São Petersburgo e posse intransferível de suas terras -, insistiam na irrelevância da categoria altaizy para sua autoidentificação. No final do censo, entretanto, somente 2 mil pessoas foram “contadas” como telenguity (a categoria apareceu pela primeira vez no censo de 2002) e os altaizy continuaram a ser a principal nacionalidade da região, com 67 mil pessoas. Este fato não estaria ligado, exatamente, ao papel dos aplicadores de questionários do censo e das autoridades regionais, que contribuiriam diretamente no processo de identificação?

As situações descritas acima demonstram que o tema da autoidentificação nacional e/ou étnica é tão importante no território pós-soviético como foi a partir do primeiro censo da URSS, de 1926, quando, segundo Francine Hirsch (2005: 104):

The census classification of the population by “nationality”, together with policies that entitled nationalities (as opposed to tribes or clans) to land, resources, and rights, encouraged local elites and experts to project their

own aspirations onto the census and to interfere in the registration process. Representatives of peoples with their own national-territorial units (union and autonomous national republics and national oblasts) used coercion and deception to manipulate the census registration of nationality in order to ensure their dominant position and maintain their local monopolies on land, water, and other resources. Representatives of peoples without national territories or with small national territories used the census as a vehicle for national realization. Through the census they attempted to increase their group's official numbers and document that it lived in a "compact mass" in particular regions, and thus lay claim to desirable land. Hotly politicized, the census showed the diverse peoples of the Soviet Union the extent to which national categorization could affect their day-to-day lives. Instead of settling territorial disputes conclusively, the process of categorization often led to an escalation in local conflicts and tensions.

Comparando a situação descrita nesta citação com a do censo mais recente, nota-se a permanência de muitos fatores gerados ainda no início do processo de categorização étnica/nacional no país. Este sistema de classificação de toda a população em categorias nacionais e sua relação com a divisão política do território em regiões administrativas, assim como o estabelecimento das nações titulares em cada unidade foram empreendidos nas décadas de 1920-1930 (quando sucederam os dois primeiros censos nacionais, de 1926 e 1939); posteriormente, a "máquina" estatal passou a funcionar dentro deste aparelho categorial até o fim da URSS.

Vale a pena lembrar que, em russo, *narod* (povo) significa a comunidade de pessoas que habita o país, a mesma raiz etimológica que *naródnost*. As palavras *nátsia* e *natsionalnost* - nação e nacionalidade - são emprestadas das línguas românicas. Antes de estabelecer as hierarquias entre as categorias *nátsia*, *narod* e *naródnost*, os agentes envolvidos (antropólogos, funcionários do governo bolchevique) neste processo de categorização da população segundo critérios linguísticos, culturais, geográficos, biológicos e

religiosos (e, também, os não explicitados: econômicos e sociais), concordaram em usar o termo *narodnost* como aquele que de melhor maneira transmitia o sentido de seus esforços em encaixar toda a diversidade social de um imenso território dentro de uma lista de itens pré-estabelecidos. Posteriormente, mais dois mecanismos foram usados para engessar as categorias étnicas: a hierarquia entre os grupos sociais e a divisão administrativa do país.

Com o uso da pesquisa etnográfica empreendida na ocasião do censo de 1926, foi implementada uma classificação hierárquica de grupos sociais que fixava a existência de “corpos coletivos” na sociedade soviética: etnias relacionadas a certos territórios e em fases diferenciadas de desenvolvimento histórico. As mais “desenvolvidas”, as que possuíam a superestrutura e, geralmente, as mais populosas, receberam o estatuto de nações “socialistas” (*nátsia*) e tornaram-se sujeitos federativos; depois vinham os povos (*narod*), que tinham o direito de constituir uma república autônoma dentro de uma república federativa; e, por fim, as pequenas populações (*narodnost*), que não possuíam escrita (ou “cultura”, ou “superestrutura”, dentro da perspectiva da política nacional marxista)<sup>36</sup> e não tinham nenhum direito político, pois se pensava que, com o passar do tempo, elas iriam se desenvolver ou se dissolver (assimilação) nas nações maiores. Este processo é notório nos dois primeiros censos demográficos realizados em 1926 e 1939, marcados por duas tendências opostas: no primeiro, existia a necessidade de listar com a maior precisão possível toda a população da URSS; no segundo, reinava a orientação da construção da realidade através da redução do número de nacionalidades reconhecidas oficialmente. Assim, alguns povos foram condenados à desaparecimento, dissolvendo-se nos grupos maiores escolhidos como centros de consolidação étnica.

Esta foi a nomenclatura científica e operacional usada para categorizar e classificar vários grupos sociais que povoam o território da Federação Russa atualmente e povoavam a URSS anteriormente. As nomeações adotadas e usadas pelos governantes e cientistas sociais,

---

<sup>36</sup> As populações que não possuíam a escrita passaram por um processo de alfabetização a partir do início da década de 1920, dentro da política estatal da URSS de combate ao analfabetismo. Para suas línguas, foi criada uma escrita que se utilizava do alfabeto cirílico. A alfabetização ocorria junto ao trabalho ideológico, que visava difundir os preceitos socialistas e comunistas dentro destas populações, ao mesmo tempo em que eram organizados em fazendas coletivas (*kolkhoz*). Um dos relatos mais interessantes sobre o processo de alfabetização e de trabalho ideológico entre os evenki pode ser encontrado em Pril (2005).

nem sempre coincidem com o uso dos mesmos termos no linguajar comum. *Narod* (povo), por exemplo, é uma palavra muito usada para descrever qualquer grupo de pessoas segundo as mais variadas características comuns (similarmente, acontece em português). A palavra *natsia*, coloquialmente, é usada como referência para qualquer população de algum país; pode-se dizer, assim, *brazílskii narod* (povo brasileiro) ou *brazílskaia natsia* (nação brasileira) com o propósito de descrever a totalidade de habitantes desta região, sem quaisquer referências a seu modo de organização social ou política (se é a população do país, ou de uma federação, ou de uma república, ou região autônoma etc.).

A ideologia oficial da URSS concebia o Estado como uma comunidade de “personalidades coletivas”. O governo bolchevique prometeu a todos os povos que faziam parte do império russo o direito à autodeterminação; ao mesmo tempo, o nacionalismo foi taxado como uma ideologia reacionária, na medida em que almejava a independência de territórios que eram, na verdade, colônias. Ou seja, os territórios que lutavam pelo fim do sistema colonial reivindicavam a soberania nacional, queriam tornar-se estados independentes, ou queriam, ao menos, a autonomia de Moscou, de um poder central. Os bolcheviques, por um lado, apoiavam essas lutas; por outro, não queriam que ex-colônias tornassem-se estados independentes da URSS; neste sentido, o nacionalismo (entendido aqui como esta aspiração à soberania nacional) foi taxado de reacionário. Ambigualmente, o regime soviético adotou a ideologia internacionalista, mas também estimulou a explosão de ideologias nacionalistas (Cf. SLEZKINE: 1995; SMITH: 1997; BRUBAKER: 1996; VERDERY: 1998). Nas palavras de Shnirelman:

O centro empreendia grandes campanhas contra o nacionalismo. Porém, a partir do final da década de 1930, estas campanhas foram direcionadas contra o nacionalismo étnico dos povos titulares das repúblicas que compunham o país. Por outro lado, os poderes locais dentro das repúblicas combatiam o nacionalismo étnico das minorias étnicas. Criando a imagem do inimigo, estes combates garantiam a

consolidação de grupos étnicos particulares. (2003, p. 11)<sup>37</sup>

No decorrer deste subcapítulo descrevi como, a partir do primeiro censo demográfico empreendido ainda no império russo, no início do século XX, iniciou-se o processo de categorização nacional de vários grupos sociais habitantes do território. Demonstrei, assim, como no período soviético sucede a reelaboração e a cimentação destas categorias e apontei os principais agentes que contribuíram com essa categorização. Vimos, portanto, como as populações foram diferenciadas hierarquicamente na URSS devido a sua organização administrativa e política e como estas diferenciações foram usadas para a distribuição de bens “simbólicos” e reais dentro do país. A partir desses apontamentos, passo, no subcapítulo seguinte, para a análise da contribuição dessas construções normativas para a consolidação de várias manifestações nacionalistas na Rússia contemporânea.

---

<sup>37</sup>

As traduções, ao longo do texto, das citações da bibliografia em russo são de minha autoria.

## “Nós” existimos. Nacionalismo russo.

Com o fim da URSS, foi reatualizada outra categoria, *rossiiane*, que deveria substituir a descartada identidade “soviética”. Porém, esta categoria confunde-se com o ser *russo/russa* (ou *rússki*).

A necessidade de transpor a diferença entre os adjetivos “*rússki*” (russo) e “*rossíski*” (aquele ou aquilo que é da FR (não necessariamente russo)) para outras línguas apresenta sérios problemas, pois somente em alemão existe uma tradução diferenciada de ambos os termos. Em inglês, francês e outros idiomas, inclusive em português, não existe esta diferenciação. Opto, em casos que julgo relevantes, pela transliteração de vocábulos russos justamente para marcar a existência da diferenciação. E adoto uma palavra inventada para traduzir “*rossiianin/rossiianka; rossíski*” (cidadão/ cidadã da FR; aquilo que é da FR): “*russiano/ russiana*”, diferenciando, desta maneira, os dois termos<sup>38</sup>.

Quem foram os primeiros russos? Um grupo de guerreiros e seu príncipe, que dominaram populações vizinhas ainda no século X, eram chamados de “russos”. O território que dominaram passou a ser chamado de “Rus” e, posteriormente, surgiu a *Kíievskaiá Rus*, ou a “Rus de Kíev”, o primeiro reinado. Ou seja, a noção de russo/russa, no sentido de pertença à Rússia, desde o início, foi pautada por relações políticas de dominação, embora o “ser russo” pudesse significar tanto a pertença a um estrato social que detinha o poder, como a pertença ao território dominado por este grupo específico. Este fato poderia, talvez, servir de explicação à irrelevância da origem não-russa da Catarina, a Grande, ou de Stálin, para os adeptos da ideia nacional russa; pois os russos seriam os súditos da *Rus*, ou da Rússia (em russo, *Rossíia*<sup>39</sup>). Desta maneira, o termo *rossiiane* soaria como algo tautológico e os “não russos” seriam aqueles que não querem fazer ou que não fazem parte da Rússia, o Estado.

Segundo Tichkov (2007, p. 31-34), atual diretor do IEA RAN e Ministro das

---

<sup>38</sup> Por exemplo, a literatura produzida em tátski estaria compreendida como uma componente da literatura russiana, que engloba as manifestações poéticas de vários povos da FR, inclusive, as dos russos.

<sup>39</sup> A denominação *Rossíia* entra em uso a partir do final do século XV. Oficialmente, a formação estatal passa a ser denominada como *Rossíiskaia Imperíia* (Império da Rússia), a partir do século XVIII.

Nacionalidades<sup>40</sup> no governo de Léltsin, ou seja, um dos mais influentes formadores de opinião oficial e científica sobre as questões relativas à nacionalidade,

Não devemos esquecer que naquela época (século XIX) as palavras “*russo*” e “*russiano*” foram usadas como sinônimos; e para a compreensão das diferenças entre os significados étnicos ou civis destes adjetivos é necessário analisar o contexto de seus usos.

Se formos pensar sobre o nacionalismo primário (pré-nacional), percebemos que estas ideias surgiram ainda no final do século XVIII. Trata-se de batalhas teóricas na Academia de Ciências da Rússia sobre a origem do povo russo. Os debates sobre esta questão remontam aos tempos de M. V. Lomonósov<sup>41</sup>, quando passam a se estabelecer os conceitos “*rossíski narod*” (povo da Rússia) e “*rossiane*” (russianos) e quando, ao mesmo tempo, são compostas as versões sobre a influência alemã ou escandinava neste processo<sup>42</sup>.

Desta maneira, podemos falar de um nacionalismo civil, que comprovava a existência de uma nação civil russa e que, pela primeira vez, estabelecia o uso da categoria russianos (*rossiane*) (...) Aqui devemos citar o nome do historiador e escritor russo Nikolai Karamzin<sup>43</sup>. Em sua época e, em muito, graças aos seus próprios trabalhos, foi estabelecida a noção de um sujeito autônomo, que foi denominado de povo russo (*rossíski narod*) ou russianos (*rossiane*), um protótipo de nação. Karamzin usava duas palavras próximas em seu sentido: russo (*rússkii*) e russo (*rossíski*), porém, o sentido da primeira estava mais

---

<sup>40</sup> O Ministério das Nacionalidades, ou dos Assuntos Nacionais (teve vários nomes desde o fim da URSS), que lidava também com políticas de migração, foi dissolvido em 2001 e passou a fazer parte do Ministério do Interior.

<sup>41</sup> Mikhail Lomonósov (1711-1765) foi um dos mais influentes intelectuais e cientistas do século XVIII na Rússia. Foi fundador das primeiras instituições de ensino superior leigas e realizou a reforma da língua russa, modernizando-a.

<sup>42</sup> Uma das principais versões da origem da Rússia conta que os príncipes normandos, os Rurik, foram convidados a reinar pelos eslavos e a defendê-los das invasões das tribos nômades.

<sup>43</sup> 1766-1826.

próximo do entendimento dos costumes e da cultura, e o da segunda relacionava-se à noção de sociedade civil. Karamzin pode ser visto como o pioneiro do nacionalismo na Rússia em sua forma “pré-nacional” e, ainda mais, em sua forma “pré-étnica”. Para ele, ser russo (*rossiiane*) significava, em primeiro lugar, sentir uma ligação profunda com a pátria (e não somente com o czar) e ser “um cidadão perfeitíssimo”. As raízes históricas da civilidade, Karámzin atribuía aos russos (*rossiiane*) antigos.

As reformas políticas de meados do século XIX, a Guerra da Crimeia<sup>44</sup> e o levante polonês de 1863 delimitaram a fase decisiva no estabelecimento do nacionalismo na Rússia. Justamente neste período, a elite multiétnica da Rússia, em contínuos debates e projetos concorrentes, construiu o conceito de nação enquanto uma associação integrada pelo Estado. Tal visão desenvolvia, por exemplo, Mikhail Katkov, o redator-chefe de um influente jornal moscovita, “As notícias de Moscou”. Katkov apoiava um Estado nacional, ao invés de um Estado étnico; com um sistema de direito, ensino e administração unificado e com os direitos de classe restringidos. O elo de integração da russianidade deveria ser a língua russa, e não somente o cristianismo ortodoxo, assim, os súditos católicos russos poderiam considerar-se inteiramente russos (isto se relacionava principalmente aos católicos bielorrussos).

Com Pedro I, nos primórdios do século XVIII, surge a intenção de caracterizar de algum modo a totalidade da população sob o poder do imperador. Ao longo do tempo, esse discurso que pretendia agrupar a população sob algum denominador fixo mudou:

“*Rossíiski narod*” (povo da Rússia) e “*rossiiane*” (russos), durante os

---

<sup>44</sup> A Guerra da Crimeia (1853-1856) foi a disputa armada entre a Rússia e a aliança formada pela Inglaterra, França e Turquia pela dominação no Oriente Médio.

reinados de Pedro I<sup>45</sup> (o Grande), Katarina II (a Grande)<sup>46</sup> e Alexandre I<sup>47</sup>; “*bolshaia rossíiskaia natsia*” (grande nação da Rússia) e “*rossíiskaia natsia*” (nação da Rússia), no reinado do Nikolai II<sup>48</sup>; “*mnogonaródnaia natsia*” (nação de muitos povos) ou “*sovetskii narod*” (povo soviético) durante a URSS; “*mnogonatsionálnyi narod*” (povo de muitas nações), “*rossíiski narod*” (povo da Rússia), “*rossiane*” e “*rossíiskaia natsia*” (nação da Rússia), nos governos de Léltsin e Pútin<sup>49</sup>. (TICHKOV 2007: 36)

Na Europa ocidental, desde as revoluções burguesas, a nacionalidade passa a ser compreendida idealmente como algo próximo à noção de cidadania. Na Rússia, o surgimento dos termos *Rossíia* (Estado da Rússia) e *rossiianin/rossiianka* (cidadão/cidadã da Rússia; russo/russiana) ocorre no mesmo período histórico, quando, junto à expansão imperial do país, está sendo criada a unidade administrativa. *Rossíia* é um neologismo dos séculos XVI-XVII, que se tornou oficial a partir de Pedro, o Grande. *Rússkii/rúskaia* significam “ser russo, russa” pela origem étnica, podendo ser cidadãos de outros Estados, enquanto um *rossiianin* pode não ser russo mesmo sendo cidadão da Rússia. No entanto, estes termos não foram muito bem acolhidos e assimilados e até hoje soam artificiais, apesar da insistência dos políticos e do governo em usá-los como definição para a pertença à Federação Russa.

Observei que, geralmente, aquelas pessoas que se autoneameiam como russos/russas usam os termos russo/russiana em menor grau, enquanto que os representantes de outras nacionalidades usam esses termos com frequência e em várias ocasiões para definir sua pertença ao Estado da Rússia. Durante o campeonato europeu de futebol de 2008, quando houve grande agitação da população devido às vitórias da seleção da Rússia, os comentaristas inúmeras vezes se auto-corrigiam quando chamavam os jogadores de russos, ao invés de russianos, e falavam da vitória russa, ao invés da vitória russiana (dos russianos). Eu fiz o experimento de assistir alguns dos jogos justamente para verificar o uso

---

<sup>45</sup> 1682 -1725.

<sup>46</sup> 1762-1796.

<sup>47</sup> 1801-1823.

<sup>48</sup> 1894-1917.

<sup>49</sup> Desde 1991 até o presente momento.

destes termos e, em Moscou, entre os russos/russas ninguém usava o denominador “russiano”. Quando tentava corrigir as pessoas, fui encarada com estranheza. Na mesma época fui à exibição de um documentário sobre a jornalista Anna Politkóvskaia, que denunciava os crimes cometidos na guerra da Tchetchênia e que foi assassinada em 2007. No filme, os refugiados da guerra, as vítimas das operações militares, em sua maioria tchetchenos, diziam: “somos russianos, por que não nos tratam assim? Por que não temos os mesmos direitos que todos os cidadãos da Federação Russa?”.

A desigualdade de direitos civis, existente desde a época imperial, é justificada e aceita por uma grande parcela da população graças ao nacionalismo russo, que serviu para os fins de colonização e expansão do império, sendo que os povos dominados foram neste incluídos forçosamente. Concordando com Hobsbawn, “a heterogeneidade nacional dos Estados-nações foi aceita sobretudo porque parecia claro que as nacionalidades pequenas, e especialmente as pequenas e atrasadas, só tinham a ganhar fundindo-se em nações maiores e fazendo, através destas, sua contribuição para a humanidade” (Hobsbawm 1998: 46). As consequências da colonização foram desastrosas. Alguns povos foram exterminados completamente, como aqueles que habitavam a costa oriental do Mar Negro, os *ubykhi* e os *abzakhi* (Cf. DUMÉZIL 1965). Outros perderam suas línguas como consequência da russificação iniciada neste período e intensificada com a política nacional da URSS.

Outro fato interessante é que a política nacional da URSS incluía as cotas para os representantes de minorias étnicas (*narodnosti*) em instituições de ensino superior que deviam ser preenchidas obrigatoriamente. Porém, os especialistas formados nem sempre encontravam vagas de emprego: os altos cargos em administrações locais ou empresas pertenciam majoritariamente aos russos, vindos da capital do país, Moscou. Ou seja, há indícios claros da persistência prática do nacionalismo russo no período da URSS, basta citar a russificação obrigatória, o conteúdo das matérias escolares (literatura russa; história, quase que exclusivamente focada no império russo, suas conquistas, seus imperadores, etc.) e a hierarquia entre as nacionalidades em administrações e governos regionais.

O nacionalismo russo se tornou a ideologia oficial da Federação Russa (FR), país que procura ser herdeiro tanto do antigo império russo, a *Grande Mãe Rússia*, quanto da extinta URSS. Hobsbawm (1998: 173) aponta que o ressurgimento do nacionalismo vem geralmente

como resposta a uma derrota, ou como reação em períodos de grande mudança ideológica, consideração de todo válida para o caso da desintegração da URSS:

Mesmo que não se veja o ressurgimento do nacionalismo militante como um mero reflexo do desespero, era simplesmente algo que preenchia a lacuna deixada pelo fracasso, pela impotência e pela aparente inabilidade de outras ideologias, projetos e programas políticos compreenderem as esperanças dos homens. Era a utopia daqueles que perderam as velhas utopias da época do Iluminismo, o programa dos que perderam a fé em outros programas e o suporte daqueles que perderam a sustentação das velhas certezas políticas e sociais.

A prática de um sistema estatal burocrático e centralizado caracterizou tanto o período histórico do império russo, quanto o da União Soviética, e, atualmente, o da FR. O principal mecanismo deste sistema manifesta-se na tentativa de neutralizar as diferenças sociais, econômicas, territoriais e linguísticas entre os representantes de uma população muito diversa que habita o extenso território da formação estatal. O império russo foi organizado através do controle militar das colônias conquistadas e esta prática teve sua continuidade durante a URSS. O império russo, a União Soviética e a FR têm em comum a preservação das fronteiras de um Estado que, sendo multiétnico, funciona e se expressa através de uma “ideia nacional”, de uma declarada superioridade, ou, no mínimo, obrigatoriedade do reconhecimento da cultura russa. O surgimento desta “ideia nacional” relaciona-se também à necessidade de integrar a população durante a expansão colonial.

Durante o século XIX, foi formulado por alguns filósofos russos o conceito de “tipos culturais-históricos”<sup>50</sup>, que agrupavam um ou vários povos (*naródy*). Ao povo russo, à Rússia,

---

<sup>50</sup> Este conceito aparece pela primeira vez no artigo “Rússia e Europa: uma visão sobre as relações culturais e políticas entre os mundos eslavo e alemão-românico” (1871), do filósofo e botânico Nikolai Daniliévski (1822-1885), e foi utilizado e desenvolvido pelo filósofo Konstantin Leónt’iev (1831-1891) e referenciado por todos os filósofos na Rússia até a década de 1920, quando a ideologia marxista é estabelecida como única (filósofos que emigraram da URSS continuaram as especulações embasadas na teoria de Daniliévski até os meados do século XX).

enquanto uma formação cultural e histórica específica, era dedicado o papel de um novo guia da humanidade em direção a uma convivência universal, pacífica e digna. Esta ideia é presente, por exemplo, no pensamento de Dostoiévski, que especulava sobre a “sensibilidade global” da cultura russa que, segundo este autor, era dotada, devido a sua abrangência territorial, da faculdade de absorver a imensa vastidão de fenômenos culturais alheios, incluindo o estrangeiro, interpretando-os e devolvendo-os ao mundo transformados, de maneira que se tornassem fenômenos universais compreendidos globalmente por qualquer ser humano (daí surgem as especulações sobre a “universalidade” da literatura russa)<sup>51</sup>. A atribuição de características culturais rígidas a cada povo específico exigiu destes teóricos um posicionamento em relação à “questão judaica”, já que os povos foram pensados como territorialmente demarcados, ou, no mínimo, dotados de um centro de concentração populacional maior. O nomadismo também surge como um problema a ser resolvido. “Cada povo enxerga o mundo ao seu modo específico e representa tal visão na cultura que cria” e “todos os fenômenos sociais são fenômenos nacionais” escrevia Daniliévski (1871: 170). Esta matriz teórica, a princípio completamente contrária à visão internacionalista e classista do marxismo, será reutilizada na teoria soviética da etnicidade<sup>52</sup>, onde a noção de povo (*narod*) será substituída pela noção de etnia (*etnos*) (ambas as noções, dotadas de características similares) e será retomada em teorias contemporâneas muito populares e popularizadas hoje em dia na Rússia contemporânea (como a da etnogênese, de Liév Gumiliov<sup>53</sup>).

Os pesquisadores contemporâneos destacam quatro períodos históricos de forte presença do nacionalismo russo (Cf. NACIONALISMO, 2006). O primeiro se dá na transição entre os séculos XIX e XX, durante a passagem de uma sociedade tradicional para a formação da sociedade industrial moderna, premissa apoiada por Ernest Gellner (1993). O segundo, engloba o período desde os meados da década de 1930 até o final da década de 1940: o período stalinista de legitimação do regime político totalitário. Neste período, ocorre uma mudança no lema ideológico: da revolução internacional permanente do proletariado

---

<sup>51</sup> Dostoiévski dedicou à noção de “sensibilidade global” sua fala, posteriormente transformada em um texto, na ocasião da inauguração do monumento de Aleksandr Púchkin, um dos maiores poetas russos do século XIX.

<sup>52</sup> No capítulo III, descrevo detalhadamente a teoria soviética de etnicidade.

<sup>53</sup> A teoria de Liév Gumiliov é descrita no capítulo III, após a apresentação da teoria soviética de etnicidade.

passa-se para a construção do socialismo num único país. O pico do nacionalismo foi atingido logo após o final da II Guerra Mundial, com o começo da Guerra Fria e um novo processo de isolamento da sociedade soviética, pautado pela luta ideológica contra o cosmopolitismo e contra a veneração ao Ocidente. O terceiro período abrange a época do governo de Briéjnev (segunda metade da década de 1960 – década de 1970), e é caracterizado por um nacionalismo latente, que procurava revitalizar a “ideia nacional”, e aparece como uma reação à decomposição do totalitarismo, às críticas de Khruchtchiov<sup>54</sup>, à revolução em Praga e aos outros processos e movimentos centrífugos (como, por exemplo, a dissidência dentro do país). E, finalmente, o período atual, que se tornou notório a partir da segunda metade da década de 1990 e fortaleceu-se com a ascensão de Pútín ao poder governamental.

Para as pessoas com as quais tive a oportunidade de conversar sobre o assunto da autoidentificação em Moscou, a Rússia é um país onde moram russos e alguns outros povos. Todos/as enfocaram a predominância esmagadora da população russa e do domínio da língua e da cultura russas. Quando eu perguntava o que significa ser russo/russa, muita gente respondia que ser russo/russa é “não ser outros”. Esta resposta parecia mais fácil do que argumentar sobre uma língua comum (já que todos sabem falar russo), uma cultura comum (todos a aprendem nas escolas), a religião ortodoxa (nem todos são adeptos), ou outras características. Pude concluir que quanto mais marcantes eram os traços dos “outros”, mais facilmente definíveis eram as fronteiras e mais salientes eram os “nós”. Ou seja, o “nós não somos ucranianos, ou tchetchenos, ou georgianos” foram declarações bem argumentadas com vários exemplos da vida pessoal, assim como alusões à história; no entanto, à pergunta “quem seriam os russos”, havia uma enorme dificuldade em respondê-la, e uma das respostas mais comuns foi que “russos” são aqueles que se consideram como tais.

Existe uma expressão, em russo, *obrussiévchii*, que significa “aquele que se russificou”, aplicada às pessoas que, mesmo sendo descendentes de estrangeiros ou cujos pais são de nacionalidade não russa, tornaram-se russos devido ao longo tempo de

---

<sup>54</sup> Khruchtchiov foi secretário-geral do PC da URSS (cargo superior do país), entre 1953 e 1964. Foi sucessor de Stálin neste cargo e denunciou parcialmente as repressões stalinistas.

permanência no território do país e à adesão à cultura russa. Nesse sentido, é unânime a visão de que para ser russo, há de compartilhar traços culturais comuns (sobre estas características culturais foi, no decorrer dos últimos três séculos e continua sendo, produzida uma vasta bibliografia) e “sentir-se” russo. Contrariamente, quando indagava o que significa ser russo, não havia a menor dúvida ou oscilação de opinião: significa ser cidadão da Rússia. Indagava sobre a baixa popularidade deste denominador, e as pessoas concordavam que se trata de uma identidade imposta pelo governo e que é usada somente nos procedimentos burocráticos, pois, supostamente, não dá conta das diferenças entre os vários grupos populacionais. *Narody* (povos, em português), foi a palavra mais utilizada para definir os grupos que os etnólogos denominam de nacionalidades e/ou etnias. A Rússia seria, assim, um país coabitado por vários povos (*narody*), todos agrupados sob o nome de russos e cidadãos do mesmo país. Os russos seriam o povo (*narod*) mais representativo dentro deste país, devido ao maior número de cidadãos que pertencem a este grupo, devido ao fato de que a Rússia, como formação política, foi iniciada e dirigida por russos e, por fim, devido ao fato de que a capital deste país é Moscou, uma cidade de russos, segundo a maioria de pessoas com as quais abordei este tema (principalmente, as do segundo grupo de interlocutores, ou seja, daquele constituído por pessoas sem engajamento em questões de denúncia da guerra na Tchetchênia e da xenofobia).



## **“Rússia para os russos”: observações sobre as práticas nacionalistas na Rússia contemporânea.**

Existe na Rússia contemporânea um discurso nacionalista consolidado que prega a supremacia do povo russo? E quais seriam os agentes formadores e propagadores deste discurso? Tentarei responder a estas perguntas nas páginas que seguem.

A maioria dos partidos políticos, cuja ideologia é declaradamente racista e xenófoba, não tem grande número de adeptos; no entanto, possui meios (imprensa, sítios eletrônicos, participação em debates públicos e manifestações nas ruas) para a vasta divulgação de seus pensamentos e ações e participa ativamente da formação de militantes nacionalistas (nazi-skinheads ou “carecas”).

A partir do início de década de 1990, a ideologia racista começou a ser propagada por grupos vinculados ao Partido Nacional Republicano da Rússia, que incitava a “expulsão dos indesejáveis hóspedes ‘negros’ da terra russa” (SHNIRELMAN 2007: 6). Em 1997, após a realização em São Petersburgo do 4º Congresso de Nacionalistas Russos e ao se unir ao Partido Nacional Popular, este partido contava com 60 sessões regionais e mais de 2000 ativistas (Ibidem: 7). Sua ideologia é baseada no assim chamado *russismo*, que clama pelo “verdadeiro poder do povo russo”, e pode ser considerada claramente racista, assim também se autoproclamando, vide as declarações de seu líder, Ivanov: “Você deve se tornar um racista!”, ou “Russo, saiba: sua felicidade encontra-se na Raça; dissolver-se na comunhão sanguínea significa você mesmo se tornar toda a Raça!”<sup>55</sup>. Apenas em 1999, após anos de impunidade, o periódico impresso deste partido foi proibido judicialmente e seu chefe condenado a um ano e meio de prisão “pela instigação à discórdia entre as nacionalidades”<sup>56</sup>. No entanto, após ser absolvido, o ex-encarcerado dedicou-se à formação de militantes, criando a organização “*Skinhead*” e tornando-se seu líder ideológico.

Esse não é o único caso na Rússia contemporânea quando a rara condenação de grupos políticos pelo apelo ao racismo leva somente a um curto período de prisão de lideranças e à mudança do nome institucional de grupos, algumas vezes, forçando-os a

---

<sup>55</sup> Shnirelman 2007:7.

<sup>56</sup> Artigo do código penal da Federação Russa.

operar clandestinamente, porém, sem deixarem de divulgar suas teorias e ações na internet. Se naquela época, o discurso racista não passava de marginal e não repercutia no debate público e no cotidiano das pessoas, hoje em dia, muitos jornalistas, políticos e população em geral ou compartilham-no, ou não demonstram indignação ou reação diante da sua crescente visibilidade.

Esse cenário seria impossível sem a cumplicidade de importantes atores políticos, cujo impacto é evidente no atual debate público e nas práticas cotidianas presentes na sociedade da Rússia. Partidos políticos, órgãos de segurança pública, a Igreja Ortodoxa e a imprensa são sujeitos do processo que tem como resultado o aumento da xenofobia e da discriminação, participando de múltiplas maneiras da construção de uma comunidade imaginária delimitada por fatores como “etnia” e “cultura” russas e de uma imagem do inimigo, culpado pelo baixo nível econômico e pelos problemas sociais da população.

“Rússia Unida”, partido do ex-presidente, atual primeiro-ministro, Vladimir Pútín, corre o risco de logo se tornar o único a possuir as características necessárias à participação nas eleições parlamentares, devido às mudanças na legislação eleitoral ocorridas nos últimos anos<sup>57</sup>. Seu quase único concorrente, o Partido Comunista (PC), é declaradamente nacionalista e frequentemente apela para declarações chauvinistas, buscando, assim, atrair maior número de adeptos e continuando a tradição de uma política nacional herdada da época da URSS. O terceiro e o quarto maiores partidos que conseguem ultrapassar a barreira dos 7% do eleitorado exigida pela lei atual são o Partido Liberal-Democrata, cujo líder é famoso por suas afirmações xenófobas e racistas, e o Rússia Justa. Outros partidos raramente conseguem participar das eleições, porém existem, têm um número determinado de membros e atuam de algum modo na cena política. Inúmeros dentre eles assumem o discurso racista ou admitem militantes nazistas e fascistas em suas fileiras. Assim, um dos principais líderes dos “carecas”<sup>58</sup> participou ativamente da campanha eleitoral para o

---

<sup>57</sup> Pela legislação da FR, só os partidos que atingem 7% em votações para o parlamento podem ter seus representantes (ou seja, os partidos que não alcançam 7% de votação não podem ser representados nos órgãos de representação federais). E os deputados só podem participar das eleições fazendo parte da lista de algum partido. Os partidos que ultrapassaram essa barreira nas últimas eleições foram: Rússia Unida (partido de Pútín), Partido Comunista, Partido Liberal Democrático e Rússia Justa.

<sup>58</sup> São chamados de “carecas” os skinheads nazistas (skinhead, em inglês, significa careca). Nem todos os skinheads são necessariamente nazistas, existem skinheads libertários, antifascistas e comunistas (como, por exemplo, os RASH - *Red and Antifascist Skinheads*).

parlamento, em 2003, e foi membro do partido Vontade Popular, bastante representativo na época, ao eleger oito deputados federais. Outros skinheads nazistas fazem parte de pequenos partidos radicais como a União Nacional Russa (chamado de Partido Nacional-Socialista Russo, a partir de 1998), o Partido Frente Nacional, ou o acima mencionado, Partido Nacional Popular. As estatísticas que exploram o perfil dos eleitores de cada bloco partidário apontam para o alto nível de xenofobia e preconceito racial da população, sendo que as opiniões intolerantes estão presentes tanto entre as camadas sociais mais desprovidas de recursos econômicos, quanto entre os mais abastados. Entre os eleitores da coligação patriótica “Terra Natal”, os *pogroms* nos mercados<sup>59</sup> foram aprovados por 14% (22% em Moscou) e 65% disseram que apoiariam a proibição da entrada de caucasianos<sup>60</sup> na capital da Rússia.

Quanto à imprensa, basta acompanhar as matérias de jornais e revistas mais lidos no país sobre o tema da migração e sobre as causas dos problemas sociais e econômicos presentes para notar o ódio aos vindos de fora, aos “caucasianos”, aos representantes de outras nacionalidades, aos “não russos” em geral. A atitude mais sintomática, talvez, seja a contínua falsificação de estatísticas sobre migração e criminalidade, pois, contradizendo todas as pesquisas, os jornalistas repetidamente noticiam sobre a origem não-russa ou não-eslava da maior parte das pessoas vindas de fora, embora a maioria dos migrantes sejam de fato de origem russa e eslava<sup>61</sup>.

O mapa abaixo (“A grande invasão dos povos”), extraído de um dos sítios eletrônicos

---

<sup>59</sup> Estes *pogroms* aconteceram em 2000 em alguns dos maiores mercados (feiras livres) de Moscou. No decorrer do texto, descrevo com mais detalhes um destes *pogroms*. *Pogrom*, em russo, significa, literalmente, o arrebato, o ato de destruir algo. O termo é usado para descrever as ações de destruição de propriedades e a agressão contra algum grupo social. Os dados que se seguem são de 2001 (Cf. Shnirelman 2007: 40).

<sup>60</sup> Ao contrário do que é corrente em países de língua inglesa, especialmente nos Estados Unidos, “caucasiano” não se refere aqui a um indivíduo de “raça branca” ou de “origem europeia”, mas sim àquele originário especificamente da região do Cáucaso (região geográfica das montanhas do Cáucaso). Esta região geográfica abrange vários países, como a Armênia, o Azerbaijão, a Turquia, a Geórgia e o Irã. Na FR, seis repúblicas encontram-se geograficamente na região do Cáucaso: Tchetchênia, Inguchétia, Daguestão, Kabardino-Balkária, Karatcháievo-Tcherquiéssia e Ossietia do Norte.

<sup>61</sup> Para as estatísticas que dizem que a maior parte dos migrantes são russos, ver: Censo nacional de 2002. Disponível em: <<http://www.perepis2002.ru/index.html?id=11>>. Acesso em: 6 out. 2012. Materiais que contradizem estas afirmações são publicados em jornais como *Moskóvskii Komsomólets*, *Moskóvskie novosti*. Um apanhado geral do discurso midiático que representa a maioria de migrantes como sendo não russos ou não eslavos pode ser encontrado em Kojévnikova (2005).

nacionalistas e citado na página do movimento pelos direitos humanos “Anti-racismo”<sup>62</sup> demonstra como os fluxos migratórios são divididos pelos autores em termos raciais: as setas brancas (!) marcam os movimentos migratórios de eslavos e as setas negras (!), os de não-eslavos.



<sup>62</sup> Cf. <[www.antirasizm.ru](http://www.antirasizm.ru)> Acesso em: 15 ago. 2008. No mapa, “A grande invasão dos povos: fluxos migratórios na Rússia contemporânea (contabilizados somente os migrantes legais, oficialmente registrados)”, com a cor azul está marcado o número de imigrantes; com a cor vermelha, os emigrantes. Dados de 2004-2005. A legenda do mapa encontra-se no Anexo II. Recentemente, o mapa foi retirado da internet.

Também são frequentes os programas televisivos de notícias onde “indivíduos de nacionalidade caucasiana” lideram em ações criminais. Assim, em um dos noticiários da TV, que pude assistir em 11 de julho de 2008 na Rússia, a origem étnica de duas pessoas que cometeram um crime foi mencionada (um era georgiano e o outro, tchetcheno), enquanto que a nacionalidade do terceiro, com sobrenome russo, não foi citada. Exemplos como estes são bastante comuns e não tenho ciência de nenhum caso de denúncia de conteúdos midiáticos similares pela discriminação racial ou instigação de sentimentos xenófobos<sup>63</sup>. O comportamento discriminatório da mídia não raramente funciona como justificativa às políticas governamentais, como sucedeu, por exemplo, em setembro de 2002, quando, durante a deportação de Moscou de 212 imigrantes ilegais, chineses e vietnamitas, o principal canal de TV (ORT) transmitia um documentário sobre as fábricas clandestinas e cortiços pertencentes aos imigrantes da China<sup>64</sup>.

E, afinal, mesmo ao alertar sobre o crescimento de movimentos de extrema direita, a mídia contribui para a divulgação e a propaganda de tais grupos, explicando com pormenores sua ideologia e divulgando suas ações, atraindo assim a atenção da plateia aos atores ativos dos crimes racistas e não, às causas de tais acontecimentos e aos problemas acarretados pela discriminação e pela xenofobia.

A impunidade do discurso xenófobo e dos crimes (assassinatos, espancamentos, perseguições) dirigidos contra os representantes de nacionalidades não russas deve-se, em parte, à atitude dúbia do governo que, por um lado, nega a existência do racismo e, por outro, não raramente reproduz o discurso xenófobo, nacionalista e discriminatório. Assim, a coordenação de órgãos da defesa civil de Moscou e região determinou que a lei contra o extremismo merece ser aplicada, em primeiro lugar, contra as organizações muçulmanas, deixando de lado a perseguição aos militantes nazistas, muito ativos naquele ano de 2002 (Cf. SHNIRELMAN 2007: 78)<sup>65</sup>.

---

<sup>63</sup> A única tentativa de chamar a atenção à responsabilidade da mídia pela formação da opinião pública resultou na formulação da “linguagem de ódio” pela ONG *Sova*, que denuncia a xenofobia e a discriminação pela origem étnica na Rússia. A “linguagem de ódio” deveria tornar-se um mecanismo de monitoramento das expressões que os jornalistas e comentaristas usam em alguns momentos críticos (como tomadas de reféns ou *pogroms*).

<sup>64</sup> Cf. Shnirelman 2007: 49.

<sup>65</sup> Em 2002, em Moscou, houve a tomada de reféns num teatro por rebeldes da Tchetchênia. Pútin e seu governo optaram pela invasão do teatro causando morte de 174 pessoas. Após este acontecimento cresceu

A retórica oficial festiva favorece a xenofobia, como aconteceu no dia da independência nacional, em 12 de junho de 2006<sup>66</sup>, quando a cidade de Moscou foi generosamente decorada com cartazes e faixas glorificando a Rússia e o povo russo; ou em 4 de novembro (em 2005, 2006 e 2007), na festa oficial da união nacional<sup>67</sup>, quando as marchas de grupos ultranacionalistas e nazistas não foram impedidas pelas prefeituras<sup>68</sup>. Neste contexto, não impressiona a seguinte declaração da juíza responsável pelo julgamento dos “carecas” que assassinaram um adolescente armênio:

Penso que os próprios indivíduos de nacionalidade caucasiana são indiretamente responsáveis pelo aumento do número de skinheads nazistas. Às vezes, alguns caucasianos se comportam indevidamente em relação à população local, impondo ostensivamente seu modo de viver. Isto freqüentemente irrita. Os adultos conseguem segurar suas emoções. As crianças, influenciadas no dia-a-dia pelas conversas dos adultos, reagem com violência. (SHNIRELMAN 2007: 38)

Com imensa dificuldade e muito raramente, os crimes de discriminação racial são admitidos como tais pelo poder judicial. O artigo 282 do código penal, dedicado à “instigação à discórdia entre as nacionalidades”, no qual deveriam ser enquadrados estes crimes, quase nunca é usado pelos juízes e pelo júri popular e, na maioria dos casos, é substituído pela acusação de ações vândalas. Em 2001, dos mais de setenta casos sobre discriminação racial encaminhados à procuradoria, somente dez resultaram num processo jurídico e unicamente dois casos chegaram a ser julgados, resultando, aliás, em absolvição<sup>69</sup>. A partir deste ano, o número de incriminações pelo artigo 282 cresceu, principalmente fora da capital

---

o número de ataques aos “caucasianos” pelos grupos radicais de direita e foram organizados os *pogroms* aos mercados (feiras livres).

<sup>66</sup> Em 12 de junho de 1991, foi proclamada a independência da Federação Russa em relação à URSS.

<sup>67</sup> 4 de novembro é o Dia da União Popular, feriado nacional desde 2005. A data foi escolhida pelo governo em alusão a uma data histórica, quando, em 4 de novembro de 1612, Moscou foi libertada dos invasores poloneses. Esta festa substituiu o feriado nacional de 7 de novembro (comemoração da Revolução de Outubro de 1917, que, após o fim da URSS, fora transformado em Dia da Concordância e da Paz).

<sup>68</sup> Uma das marchas de 4 de novembro foi impedida em São Petersburgo pelos ativistas do movimento antifascista que, no entanto, sofreram forte repressão policial, ao contrário dos ultranacionalistas.

<sup>69</sup> Cf. Shnirelman 2007: 98.

e dos grandes centros urbanos, enquanto em Moscou e São Petersburgo, a situação continua sem muitas modificações. Um dos fatos mais gritantes neste período foi a consecutiva absolvição dos assassinos da menina tajique<sup>70</sup> e de estudantes estrangeiros em São Petersburgo<sup>71</sup>. Conclui-se, portanto, que os próprios órgãos oficiais impedem que haja a punição das práticas criminosas de discriminação racial.

“Em 2006, 17 estrangeiros foram vítimas de assassinatos e outros 52 ficaram feridos em Moscou, enquanto que, em São Petersburgo, houve três mortos e 40 feridos”, conta Galina Kojévnikova, funcionária da ONG *Sova*, à agência *Interfax*<sup>72</sup>. Segundo Kojévnikova,

a onda racista russa é protagonizada por pelo menos 60 mil nazis skinheads e militantes de organizações neonazistas, cujos ataques têm como alvo pessoas procedentes do Cáucaso e da Ásia Central. Estrangeiros procedentes da África, Ásia, América Latina, e russos representantes de minorias sexuais, ativistas de movimentos culturais juvenis e mendigos também são alvos de ataques<sup>73</sup>.

No ano seguinte (2007), houve um aumento significativo da xenofobia e da violência contra os migrantes, estrangeiros e outros “diferentes”. As estatísticas podem ser encontradas em sítios eletrônicos de alguns grupos e ONGs que se dedicam ao monitoramento do problema. O comitê estatal de estatística não efetua este tipo de pesquisa. E o sistema judicial raramente condena os responsáveis pelos ataques com a acusação de exercício de racismo ou xenofobia. Por exemplo, os assassinos de Khurcheda Sultónova<sup>74</sup>

---

<sup>70</sup> Os assassinos de Khurcheda Sultónova, menina tajique de 9 anos de idade, foram condenados a 5 anos de prisão pelo ato de vandalismo. Todos os pedidos de parentes e de ativistas de direitos humanos para a revisão desta pena e pela condenação pelo fato de assassinato foram negados pela justiça.

<sup>71</sup> Entre 2000 e 2008, em São Petersburgo, vários estudantes da África e da Ásia foram assassinados. Em muitos casos, os assassinos, mesmo sendo notória sua pertença aos grupos de extrema direita, foram absolvidos ou julgados pelo ato de vandalismo, ao invés de instigação à discórdia entre as nacionalidades e assassinato.

<sup>72</sup> Notícia “Na Rússia este ano (2006) 25 pessoas foram assassinadas pelos nacionalistas. Houve 200 ataques de nacionalistas”. Disponível em: <<http://www.memo.ru/hr/hotpoints/caucas1/msg/2007/05/m90333.htm>>. Acesso em: 12 out. 2011.

<sup>73</sup> Notícia “Xenofobia na Rússia: crueldade inexplicável”, da agência de notícias Interfax. Disponível em: <<http://www.interfax.ru/politics/txt.asp?id=5815>>. Acesso em: 21 out. 2011.

<sup>74</sup> Ver nota anterior sobre o caso de Khurcheda Sultónova.

foram condenados como delinquentes a no máximo 5 anos e meio de prisão. Todas as acusações de cometerem um assassinato premeditado e do ataque ter sido de cunho racista foram negadas pelo juiz e pelo júri popular. Quais seriam as razões deste comportamento judicial?

O aumento da xenofobia é, segundo Kojévnikova, contínuo e decorrente de causas tais como: condições sociais não satisfatórias, crescimento dos fluxos migratórios, propaganda anti-migratória e a política de não intervenção governamental nos casos de exercício de xenofobia. A pesquisadora cita as estatísticas dos crimes: em 2006 foram assassinadas 56 pessoas e 46 pessoas foram vítimas de racismo e neonazismo. O combate à xenofobia deveria, de acordo com essa autora, incluir, em primeiro lugar, o reconhecimento oficial da existência do racismo, pois foi justamente o abandono dos discursos sobre a impossibilidade de haver racismo no país que, outrora, combatera o fascismo. A ideologia racista existe e não pode ser ignorada, ela deve ser analisada e compreendida, passo crucial para sua criminalização e sua perseguição legal.

Shnirelman (2007) aponta ainda para a não rara ligação de funcionários de órgãos de segurança pública com os movimentos de extrema direita. Por exemplo, há indícios de que o *pogrom* realizado pelos “carecas” num dos mercados em Moscou foi organizado com a aprovação do governo, que estava reeditando na época uma lei contra o extremismo e que precisou, portanto, de uma campanha na mídia para “aumentar” o problema dos movimentos da direita radical<sup>75</sup> e justificar as mudanças na legislação<sup>76</sup>.

Em 2002, o SFM (Serviço Federal de Migração) passou a constituir parte do Ministério do Interior, e o combate através da polícia à migração ilegal tornou-se o alvo principal da política migratória na FR. Algumas mudanças na legislação migratória e a adoção de mecanismos que visavam melhorias no sistema de recepção e adaptação de migrantes só foram implementadas em 2007. Além disso, em 2002 foi adotada uma lei de combate ao

---

<sup>75</sup> Como aponta Shnirelman (2007: 56-57, 104).

<sup>76</sup> Este *pogrom* no mercado (feira livre) Tsarítsino aconteceu em setembro de 2001. A organização juvenil *Caminhando juntos*, ligada à administração do presidente Pútin, participou da organização, preparando a juventude, incluindo os “carecas”, a uma ação dirigida contra os antiglobalistas, que estariam vindo para uma manifestação em Moscou. Como não houve a manifestação antiglobalista, os “carecas” organizados partiram para uma ação violenta na feira livre Tsarítsino, cujas consequências foram quatro mortes e mais de oitenta pessoas feridas, entre os trabalhadores da feira (em sua maioria, migrantes e imigrantes vindos de Cáucaso).

extremismo. Esta lei, em muitos casos, foi usada contra os movimentos de defesa de direitos humanos (como grupos que denunciavam a guerra na Tchetchênia) ou contra adeptos do islamismo. Grupos de extrema direita e nazistas, apenas inicialmente (até 2006, aproximadamente) e muito raramente foram julgados dentro desta nova legislação antiextremista.

A xenofobia é evidente entre os funcionários da polícia. Em parte, tal situação é ocasionada pelo fato de que uma das principais tarefas dos funcionários dos órgãos de segurança pública é a perseguição e a detenção de pessoas sem registro de residência<sup>77</sup>, ou seja, migrantes ilegais<sup>78</sup>. Esta tarefa é executada com graus altíssimos de corrupção, constituindo uma das fontes de renda essenciais dos policiais. As batidas de averiguação de documentação são comuns em todos os pontos de grande movimentação de pessoas nas cidades, como saídas de metrô, mercados, estádios, etc., e também em bairros periféricos, onde a maioria dos migrantes reside. Qualquer um pode ser parado e interrogado sem nenhuma justificativa, sendo obrigado a apresentar sua identidade. Obviamente, ao ter que escolher entre milhares de pessoas, o policial julga mais “vantajoso” e “certo” prestar atenção àqueles que destoam da maioria por seus traços físicos ou modo de se vestir e se comportar. Ele escolhe suas vítimas segundo critérios discriminatórios, achando que entre os não-russos a chance de ser migrante ilegal é maior.

Deste modo, supõe-se que as ações dos nazistas são “compreendidas” por muitos dos funcionários dos órgãos de segurança, dificultando assim sua incriminação. Em alguns casos, a relação entre os dois segmentos da sociedade (polícia e movimentos de extrema direita) é bem estreita: há denúncias de envolvimento de ex-policiais que se tornaram líderes de tais grupos, ou sobre as forças especiais da polícia (OMON)<sup>79</sup> treinarem os “carecas”, entre outras (Cf. NACIONALISMO, 2009).

Após a consolidação do discurso discriminatório, no começo da década de 1990, os grupos de extrema direita passaram às ações diretas, justificadas pelo conflito armado entre o parlamento e o presidente da Rússia em 1993 e pelo começo da guerra na Tchetchênia,

---

<sup>77</sup> Cada pessoa que se encontra na FR por mais de três dias deve possuir o registro de residência (anotação no passaporte constando o endereço de residência).

<sup>78</sup> Apresento no segundo capítulo da tese o panorama atual da migração e imigração na FR.

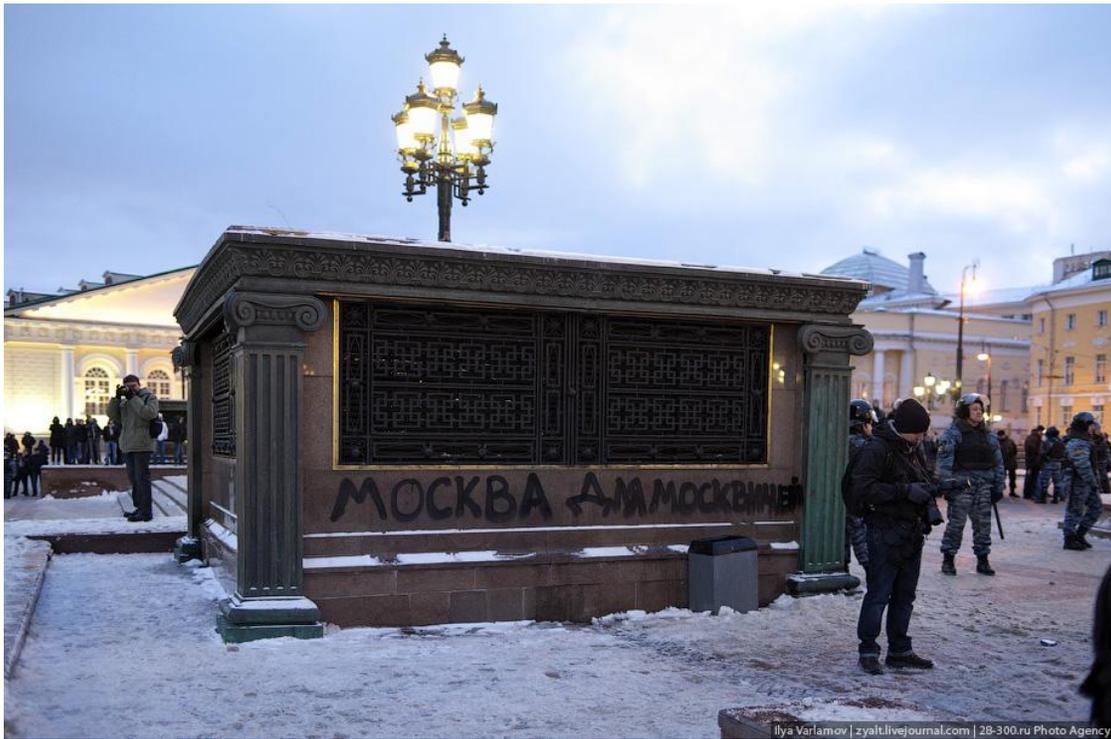
<sup>79</sup> Unidades especiais de polícia, similares às tropas de choque no Brasil.

em 1994: acontecimentos que criaram ou intensificaram o culto à violência, regado com a retórica patriótica dirigida contra os “caucasianos”. O aumento da atividade dos nazistas em 2001-2002 e em 2006-2007 se deu no mesmo período em que foi implementada a nova política imigratória do governo junto ao programa de educação patriótica. Desde seu surgimento, nos primeiros anos após a desintegração da URSS, e até o presente momento, os grupos de extrema direita só tendem a aumentar e a ganhar mais popularidade e aceitação social, sendo percebidos como defensores da nação russa, ameaçada pela perda de sua posição de potência internacional e pela invasão de representantes de outras nacionalidades, que poderiam dissolver a “autenticidade cultural” russa. O discurso destes grupos não contradiz o discurso oficial, ecoa em meios de comunicação e justifica as ações discriminatórias da polícia. Os ativistas destes grupos raramente são condenados por seus crimes, fato que anuncia a impunidade devido à negação da existência do problema da discriminação racial e da xenofobia na Rússia, tanto pelos juízes, quanto pelos júris populares.



**Figura 4** 11.12.2010: Manifestação no centro de Moscou, que reuniu entre 6 e 10 mil pessoas, após o assassinato do integrante da torcida organizada de um time de futebol cometido por supostos “caucasianos” que acabaram não sendo presos pela polícia. Os manifestantes desceram para o metrô e agrediram várias pessoas de aparência “não eslava”.

**Fonte** Blog do fotógrafo Il'ia Varlâmov. Disponível em:  
<<http://zyalt.livejournal.com/330396.html?page=2>>. Acesso em 15 out. 2011.



**Figura 5** 11.12.2010: Pichação escrita durante manifestação no centro de Moscou: “Moscou para os moscovitas”.

**Fonte** Blog do fotógrafo Il'ia Varlámov. Disponível em: <http://zyalt.livejournal.com/330396.html?page=2> . Acesso em 15 out. 2011.



**Figura 6** 31.12.2010: Centro de Moscou. Pessoas sem os documentos que permitem a permanência em Moscou são presas na saída de metrô e agrupadas pela polícia antes de serem levadas às delegacias.

**Fonte** Notícia “Prisões em massa na véspera do réveillon”. De 02.01.2011. Disponível em: <[http://www.echo.msk.ru/blog/varlamov\\_i/738858-echo/](http://www.echo.msk.ru/blog/varlamov_i/738858-echo/)>. Acesso em: 21 out. 2011.

\*\*\*

Algumas conclusões poderiam ser feitas a partir de agora: o grupo “nós” é sim delimitado etnicamente na Rússia. No caso de Moscou, também territorialmente. E não basta ser russo, precisa ter raízes.

Qual a diferença entre etnia e nacionalidade neste contexto? A nacionalidade é confundida com a cidadania. Na Geórgia: o cidadão da Geórgia é georgiano (mas etnicamente pode ser *svan* ou *mengrel*, etc.). Ninguém diz no dia-a-dia sou cidadão da Rússia, Geórgia, Ucrânia, etc., isto soa estranho. As pessoas falam ou “sou da Ucrânia”, ou “sou ucraniano”. Na Rússia, entre russos/ as, como já escrevi, é difícil escutar alguém se chamar de russo/ russiana. Isto aconteceu porque a divisão administrativa do país foi realizada concomitantemente à definição e territorialização das etnias. Cada população foi fixada num lugar específico. O nomadismo foi combatido (havia políticas institucionais de fixar as pessoas, construir moradias para a população nômade), havia controle rígido do Estado de todas as locomoções de seus súditos na época da URSS. A pessoa tinha que ter a

permissão oficial para se deslocar de um lugar para outro e este deslocamento deveria estar justificado. No sítio eletrônico do Ministério do Interior há uma grande matéria sobre a permanência do controle interno sobre toda a população através dos mecanismos burocráticos de passes, passaportes, permissões, etc. durante a história da Rússia, desde as origens da formação estatal, no século XV<sup>80</sup>. Os territórios colonizados passaram a funcionar com as mesmas práticas.

Se na época da URSS prevaleceu a ideologia internacionalista, após seu término houve a abertura para a propagação de ideias discriminatórias e nacionalistas. Desta maneira, o nacionalismo russo latente, presente desde a URSS, embora fosse então camuflado, transformou-se em uma ideologia válida e comum entre tantas outras. O nacionalismo tornou-se a ideologia oficial de vários grupos, tanto os ligados às estruturas de poder, quanto os semi ou completamente clandestinos.

Além disso, as mudanças políticas e, principalmente, as econômicas intensificaram e reestruturaram os fluxos migratórios, tornando a migração um dos indícios mais evidentes das grandes transformações no país.

O povo soviético não existe mais e esta autoidentificação precisou ser substituída por outra identidade: houve a atualização de identidades nacionais, que sucedeu junto aos conflitos sociais, denominados pela mídia, pela comunidade científica e pelos governos de “étnicos”. Ao mesmo tempo, o capitalismo de estado<sup>81</sup> foi substituído pelo capitalismo neoliberal contemporâneo, e todas as relações de poder foram rearranjadas entre 1991 e, aproximadamente, 2004 (início de segundo mandato de Pútin).

O universo inteiro de representações e autorrepresentações mudou.

Houve grandes frustrações. A URSS, apesar de vários problemas reais, posicionava-se para o mundo e para seus próprios cidadãos como uma grande potência. Existiam no país garantias sociais mínimas, principalmente para a população urbana.

Tudo isto ruiu, não de uma hora para outra, mas com uma velocidade surpreendente.

---

<sup>80</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.mvd.ru/mvd/structure/unit/federal/passport/>>. Acesso em: 5 abr. 2011.

<sup>81</sup> “Capitalismo burocrático” (VANEIGEM: 2002) ou “capitalismo de estado” (BERNARDO 1975; BETTELHEIM 1979; VIANA 1993) são dois termos que se adequam melhor, ao meu ver, à descrição mais precisa do funcionamento político, social e econômico da URSS.

Os valores mudaram: a cooperação passou a ser substituída pela concorrência; o internacionalismo pelo nacionalismo; o coletivismo pelo individualismo, etc. (escrevo sempre de valores declarados oficialmente na época da URSS que, na prática, pouco correspondiam à realidade). As fronteiras também mudaram e as razões de sua permanência passaram a ser questionadas. Os nomes das ruas mudaram. A história foi reescrita.

Algo persistiu? Sim: alguns velhos inimigos, os “outros”, que apresento no segundo capítulo desta tese.



**“OUTROS”**



Este capítulo ecoa com o anterior, já que o “nós” constrói-se numa relação intrínseca com o “outros”. O espelho, uma das metáforas mais comuns para a representação desta ligação “umbilical” entre “nós” e “outros”, indica o caminho para uma possível compreensão do fenômeno da xenofobia.

A xenofobia poderia ser descrita como o pesadelo de Narciso, que, ao invés de uma imagem adorada, com horror e indignação, percebe que o reflexo em nada se parece com aquilo que esperava. O Narciso não só não reconhece sua imagem no espelho, como a teme - ele está perdido: a quem amará? É um duplo não-reconhecimento, já que o problema inicial de Narciso é que ele não SE reconhece no reflexo e passa a adorar a sua própria imagem como sendo a imagem de um outro alguém: ele não se conhece, não sabe como ele é e SE enamora sem se dar conta disto. E quando o reflexo é feio, horrível, assustador? Quando o reflexo não sorri, mas olha com ódio e repulsa? Seria, neste caso, o mesmo mecanismo psíquico de não reconhecimento de si próprio, porém causando, desta vez, a rejeição ao invés da adoração? O espelho se quebra. Não há mais reflexo. Estamos às cegas, não nos reconhecemos mais. Quem somos? Certamente, não somos, não queremos ser aquele reflexo inesperado e desconhecido. Esta imagem de Narciso assustado poderia talvez explicar o aumento da xenofobia nas sociedades que passam por relevantes transformações de regimes políticos e sistemas econômicos que repercutem no cotidiano, mudando o universo inteiro de interpretações e representações de uma hora para outra. No fundo, quem muda é o próprio Narciso, que passa a olhar de modo diferente o mundo afora. O interesse pelo “outro” cresce, o “outro” se acentua, torna-se muitíssimo importante, e sua delimitação, descrição e nomeação também, pois, assim, a compreensão de “nós”, de si próprio (algo vital), torna-se possível nesses tempos de perdição e desorientação.

Neste capítulo tratarei da persistência e da descontinuidade na construção da imagem de um “outro” hostil, ameaçador, de um inimigo. Desta maneira, a aproximação de algumas réplicas às questões levantadas anteriormente se efetuará e, por sua vez, levará à discussão sobre a existência do racismo na Rússia contemporânea. Para isto, recordo sumariamente as principais premissas desta tese, que, como já foi afirmado, não procura respostas exatas, mas a delimitação do contexto no qual as práticas de discriminação são produzidas e a

descrição das retóricas de exclusão, principalmente (mas não somente) em relação aos períodos históricos anteriores.

No capítulo anterior, as práticas de construção do “outro”, da separação da sociedade em grupos “nós” e “outros” (não necessariamente hostis) foram descritas, agora o “outro” precisa ser demarcado. Quem são os “outros”, hoje em dia, na Rússia? Quem são as principais vítimas de discriminação?

Escolhi para a ilustração das retóricas discriminatórias duas imagens fortes e presentes, tanto no debate público, quanto no cotidiano das pessoas. Resolvi escrever sobre como ao longo da história, desde o século XIX, os povos que habitam o Cáucaso Setentrional aparecem estigmatizados como “inimigos ferozes” da nação russa, da fé ortodoxa e da cultura ocidental civilizada, contestando o próprio sistema estatal de administração do território. A persistência de características negativas e ameaçadoras atribuídas aos moradores desta região, as funções deste negativismo ao longo dos séculos e as recentes perseguições dos refugiados das guerras na Tchetchênia são exemplos de um mesmo fenômeno, que poderia ser denominado de racismo ou de discriminação segundo a origem étnica e/ou nacional.

A segunda categoria de pessoas que frequentemente é alvo de discriminação e acalenta o debate na mídia e as conversas privadas são os migrantes, os forasteiros, aqueles que mudaram recentemente para a capital da Rússia por várias razões e de lugares distintos. Essas pessoas tornaram-se alvos de ataques racistas dos grupos de extrema direita e fonte incessante para corrupção, na medida em que são obrigadas a pagar propinas por serem ilegais e precisam de registro de residência. A migração é um fenômeno bem complexo, impossível de ser descrito em sua plenitude em um único capítulo, porém, tentarei o melhor, listando as principais tendências contemporâneas de processos migratórios na FR e, principalmente, em Moscou. O foco desta parte será a repercussão destes processos na mídia e sua relação com a construção da imagem do inimigo.

A lista dos inimigos da nação russa, do próprio país, não se resume a estas duas categorias de pessoas. Aliás, é bem longa. Constam nela a eterna ameaça do Ocidente e o discurso anti-ocidental dos dirigentes do governo, que foi aplicado com sucesso durante as ações militares na Geórgia, em 2008. Um discurso herdado da época da Guerra Fria que,

junto ao medo da invasão chinesa no Extremo Oriente, constante desde o final do século XIX, são exemplos da permanência e da reciclagem das imagens dos “inimigos externos”. Quanto aos “inimigos internos”, existiu no Império Russo, na URSS e persiste nos dias de hoje um antissemitismo muito forte. Além disso, as categorias de “inimigos do povo” e “inimigos do povo soviético” foram usadas pelos líderes do PC da URSS durante as repressões naquele momento e custaram a vida de muitas pessoas<sup>82</sup>.

Interessa-me, no entanto, para os propósitos desta tese, analisar os casos quando a noção de inimigo é pautada etnicamente, descrevendo, assim, o funcionamento das práticas cujas causas foram apontadas no primeiro capítulo.

Quando as identidades étnicas são atualizadas? O marido georgiano de uma amiga russa, um georgiano nascido e criado em Moscou, cujos pais vieram da Geórgia ainda jovens, só se denomina georgiano nas horas em que soletra seu sobrenome “complicado” e alguém nota o nome diferente, ou quando eclodem os conflitos nacionais. Ela, minha amiga, por sua vez, sente-se confusa quanto às identidades étnicas, principalmente em relação aos seus filhos. Seu marido conversa com os filhos em russo, eles nunca visitaram Geórgia, mas adoram a cozinha georgiana e os bons vinhos provenientes daquela região. A conversa que tivemos sobre esse assunto sucedeu logo após o conflito entre a Rússia e a Geórgia, em 2006, quando muitos georgianos, também nascidos e criados em Moscou, foram expulsos da cidade numa onda de perseguição étnica. Na mídia foi empreendida uma grande campanha denunciando as “máfias georgianas” e foi pregado um discurso altamente discriminatório dirigido a todos os georgianos residentes no país. Após dois anos, em 2008, a situação se repetiu durante o conflito na Ossétia do Sul, onde os exércitos da Rússia e da Geórgia entraram em combate. Nessas ocasiões, a origem étnica e/ou a nacionalidade não russa torna-se um fator que pode complicar bastante a vida de um cidadão moscovita; e, mais ainda, se a pessoa é de origem georgiana, ou do Cáucaso – a categoria social que passou a

---

<sup>82</sup> O número de vítimas de repressões no período soviético varia segundo as categorias sociais que podem ser enquadradas como vítimas de repressões políticas. A bibliografia sobre a questão é enorme e a contagem varia entre um milhão de pessoas (quando se contam somente os acusados pelo artigo 58 de código penal: crimes contrarrevolucionários) e mais de quarenta milhões de pessoas (quando os povos deportados, os camponeses assassinados e deportados, os mortos de fome e todas as pessoas que foram executadas pelo Estado soviético são contados).

ser fortemente discriminada após o fim da URSS<sup>83</sup> e com o início das guerras na Tchetchênia.

---

<sup>83</sup> Na época da URSS também houve a discriminação de moradores do Cáucaso, no entanto, esta discriminação foi camuflada. As deportações de tchetchenos e outros povos da região em 1944, por exemplo, raramente foram discutidas, ou lembradas, ou mencionadas neste período.

## O “outro” “permanente”. Tchetchênia.



**Figura 7** Lida Iussúpova no acampamento do MST Irmã Alberta, Grande São Paulo, 2004.  
**Fonte** Autoria própria.

Quando conheci Lida Iussúpova, advogada tchetchena, que viajou para o Brasil na ocasião do IV Fórum Social Mundial, em 2004, fiquei muito revoltada por dois motivos. Primeiro, porque literalmente entrei em estado de choque e senti muita raiva ao ouvir seus depoimentos sobre as guerras, sobre as mortes que ela presenciou, sobre os extermínios realizados pelo exército da Rússia na Tchetchênia e, em suma, sobre o gigantesco sofrimento humano que esta mulher testemunhara e continuava vivenciando. A segunda revolta foi comigo mesma. Durante muito tempo, após essas conversas, eu costumava pensar: “Como pude estar tão cega? Como não pude perceber, morando em Moscou até 1999, que muito do que nossa mídia (da Rússia) divulgava era mentira, enganação, que almejava encobrir as ações criminosas do governo e do exército na Tchetchênia e contribuir para a formação de uma opinião pública ignorante do que de fato acontecia?”. Além de ser tomada pela revolta, fui tomada também por um sentimento de culpa bem grande, que me

impulsionou à realização de algumas ações no sentido de divulgar as informações, em português, sobre as guerras na Tchetchênia; dentre as quais, as mais importantes foram a publicação do livro “Terrorismo de Estado na Rússia: os descaminhos da indústria de violência”, em 2006, e as exposições de fotografias sobre as guerras na Tchetchênia e refugiados tchetchenos (cedidas por Lida e pelas ONGs Comitê de Assistência Civil e Memorial), realizadas em Santos e São Paulo, no Brasil, em Lisboa, Aljustrel, Porto e Sevilha, no continente europeu, e em Caracas, na Venezuela, durante o Fórum Social Mundial de 2006. Após a realização dessas ações, deparei-me com o fato de que a comunidade internacional também se revoltava com a situação na Tchetchênia e participava das denúncias sobre o governo e o exército da Rússia, havia inúmeros grupos de apoio aos refugiados da Tchetchênia no mundo inteiro e eram noticiados depoimentos de sobreviventes dessas guerras em jornais pelo mundo afora.

Logo em seguida viajei para Moscou e lá, excluindo as pessoas que participavam do movimento antimilitarista e das ONGs de apoio aos refugiados, ninguém pensava nas guerras na Tchetchênia como ações criminosas do governo e do exército contra a população civil. Pelo contrário, as ações militares dos generais da Rússia recebiam apoio e os tchetchenos eram percebidos como ameaçadores e terroristas.

Em muito, essa visão deve-se às tomadas de reféns, às explosões de prédios residenciais e às explosões no metrô nas cidades russas atribuídas aos terroristas tchetchenos, que resultaram, desde 1994, num clima de medo e de paranoia em muitas regiões do país. Esses acontecimentos podem ser divididos em duas categorias. À primeira categoria pertenceriam as ações que foram assumidas pelos guerrilheiros tchetchenos<sup>84</sup>, ou nas quais sua participação não poderia ser contestada. Entrariam neste grupo a tomada de reféns no hospital público em Budiónnovsk, em 1995, pelos guerrilheiros liderados por

---

<sup>84</sup> Há uma grande divergência entre as denominações atribuídas aos rebeldes tchetchenos. Na mídia e nos discursos do governo da Rússia, eles são chamados de terroristas, criminosos e combatentes; na mídia internacional são chamados de rebeldes, partisans e separatistas, ou de guerrilheiros. Os representantes das ONGs que lidam com os direitos humanos procuram não atribuir nenhum nome específico a estas pessoas, tratando cada caso individualmente e, geralmente, privilegiando a autodenominação. Na tese, uso a denominação *guerrilheiros* ao me referir aos grupos armados que atuam no território da Tchetchênia contra o exército da Rússia, por entendê-la como a mais neutra possível e correspondente à autodenominação de participantes destes grupos, além de referir-se às táticas de guerrilha usadas no confronto. Em russo, eles se chamam de *povstantsy* – rebeldes.

Shamil Basáiev<sup>85</sup>; a tomada de reféns no teatro em Moscou, em 2002, durante o espetáculo *Nord-Ost*<sup>86</sup>; e a tomada de reféns na escola de Beslan, em 2004<sup>87</sup>. Esses acontecimentos trágicos tiveram grande repercussão na mídia nacional e internacional, foram acompanhados pelos jornalistas *ao vivo* e assumidas pelos guerrilheiros em discursos gravados e divulgados pela mídia. Essas três ações foram organizadas por Shamil Basáiev, uma das figuras mais famosas da guerrilha tchetchena. Segundo as declarações oficiais do governo da Rússia e da imprensa, ele foi assassinado durante uma ação do exército russo, em 2006. Sua morte aconteceu numa explosão e há ainda dúvidas sobre a afirmação definitiva desse acontecimento, devido à dificuldade de reconhecimento de seus restos mortais. No livro que publiquei (TERRORISMO 2006), traduzi alguns artigos de Anna Politkóvskaia, jornalista russa que trabalhou durante muitos anos na Tchetchênia e, num dos textos, ela reflete sobre a figura de Basáiev, inclusive citando depoimentos de moradores da área rural da Tchetchênia que se mostravam indignados em relação às ações do exército da Rússia, que costumava vasculhar as aldeias em busca de guerrilheiros supostamente lá escondidos, mas que, por outro lado, não agiam quando todos os moradores sabiam da presença de Basáiev na área. Lida Iussúpova declarou durante nossas conversas que simplesmente não compreendia como o exército da Rússia não conseguia “caçar” Basáiev num território tão pequeno<sup>88</sup>, com todo armamento que dispunha e diante de uma população avessa às ações de Basáiev, como as tomadas de reféns, que só levaram à intensificação das ações militares

---

<sup>85</sup> Em junho de 1995, quase duzentos guerrilheiros da Tchetchênia, liderados por Basáiev, invadiram Budiónnovsk, cidade vizinha à Tchetchênia e tomaram mais de 1600 moradores como reféns. Após enfrentamentos armados, tentativas de liberação de reféns pelo exército russo e negociações que duraram cinco dias, o governo da Rússia aceitou as exigências dos guerrilheiros: a retirada de unidades militares da Rússia do território da Tchetchênia e a permissão da volta dos guerrilheiros para seu território. 129 pessoas morreram e 415 foram feridas durante o enfrentamento.

<sup>86</sup> Em outubro de 2002, guerrilheiros da Tchetchênia tomaram mais de 800 pessoas como reféns num teatro de Moscou, durante o espetáculo *Nord-Ost*. Após três dias de negociações, o governo da Rússia tomou a decisão de soltar um gás tóxico dentro do prédio causando a morte de todos os guerrilheiros e de 130 reféns (segundo os dados oficiais, e de 174, segundo as investigações independentes). Parentes de reféns mortos durante a “libertação” movem ações contra o governo da Rússia, buscando a indenização e a investigação sobre a causa de morte de seus familiares.

<sup>87</sup> Em setembro de 2004, os guerrilheiros da Tchetchênia tomaram mais de 1100 pessoas como reféns no primeiro dia de aulas do novo ano letivo numa escola pública, em Beslan, cidade vizinha ao território tchetcheno. Após três dias de negociações, o governo da Rússia procedeu ao ataque sobre a escola. 332 pessoas morreram (entre elas, 185 crianças) e mais de 800 foram feridas.

<sup>88</sup> Antes das guerras era possível atravessar o território dessa república montanhosa em uma hora, de carro; sua extensão é de 110 km.

contra a população civil, segundo os depoimentos dos moradores. Partindo dessas informações, Anna Politkóvskaja e alguns outros jornalistas haviam feito suposições sobre seu possível envolvimento com o governo da Rússia, já que suas ações contribuíam para a continuação da guerra e a presença de suas unidades militares na Tchetchênia fora tolerada pelo exército da FR. Essas suposições não foram confirmadas, nem investigadas, porém restou a dúvida. A dúvida que paira sobre a origem de todos os “atos terroristas” realizados na Rússia: porque as tomadas de reféns foram lideradas por Basáiev e existem suspeitas sobre a coordenação de suas ações com o exército da Rússia e, conseqüentemente, com o governo da Rússia. As investigações empreendidas pelos parentes das vítimas da tomada de reféns em Beslan também revelam que a tragédia foi ocasionada devido, no mínimo, a displicência do governo da Rússia em relação às atividades dos guerrilheiros na Tchetchênia<sup>89</sup>.

A segunda categoria de “atos terroristas” é coberta por uma névoa ainda maior. Desta categoria fariam parte as explosões de prédios residenciais, em 1999<sup>90</sup>; as explosões no metrô moscovita em 2004 e 2010<sup>91</sup>; e outras ações realizadas supostamente por mártires tchetchenos, que se suicidavam durante tais atos<sup>92</sup>. Sobre as explosões de prédios, há várias denúncias, das quais, a mais famosa foi empreendida por Aleksandr Litvinenko, ex-agente secreto da Rússia, envenenado em Londres, em 2006. Em seu livro *FSB explode a Rússia* (2004), ele cita inúmeros fatos, aos quais teve acesso enquanto membro da FSB, que provam que os explosivos foram despojados nos prédios pelos funcionários do governo da Rússia e não por “terroristas tchetchenos”<sup>93</sup>. Sobre as explosões no metrô e, recentemente,

---

<sup>89</sup> Em Anexo, no final da tese apresento a carta escrita pelos parentes de vítimas de Beslan, onde a versão oficial sobre a causa de morte de tantas pessoas é questionada.

<sup>90</sup> Em setembro de 1999, em Moscou, Buinaksk e Volgodonsk, cidades da FR, foram explodidos prédios residenciais, causando a morte de 307 pessoas e o ferimento de mais de 1700 pessoas.

<sup>91</sup> As explosões no metrô moscovita que causaram a morte de centenas de pessoas, ocorriam sempre seguindo o mesmo cenário: aconteciam no horário de *rush*, entre 7 e 9 horas de manhã, quando o metrô encontrava-se lotado. Logo após as explosões, a mídia divulgava as informações sobre os terroristas tchetchenos que supostamente seriam os responsáveis por esses atos e cujos restos mortais teriam sido identificados no meio de outros corpos desfigurados. Alguns desses atos foram, de fato, assumidos pela guerrilha tchetchena.

<sup>92</sup> Ver, por exemplo: <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/cronograma-recentes-ataques-terroristas-russia>>. Acesso em: 6 out. 2011.

<sup>93</sup> Outro exemplo de uma investigação independente sobre as explosões de prédios residenciais em 1999 pode ser conferido no documentário “Nedoviérie” (Desconfiança). Disponível em: <<http://www.nedoverie-film.com/indexDE.htm>>. Acesso em: 6 out. 2011.

em relação à explosão no aeroporto Domodédovo, em Moscou<sup>94</sup>, só se sabe aquilo que a imprensa divulga<sup>95</sup>.

Não quero e não posso afirmar que as explosões não foram organizadas e realizadas pela guerrilha tchetchena. No entanto, o que pode ser notado é a atribuição automática da culpa de tais atos aos guerrilheiros tchetchenos, antes de qualquer investigação sobre o fato. A maneira pela qual a mídia na Rússia aborda as explosões pode literalmente ser nomeada de histeria. Ao mesmo tempo, o governo autoriza as operações de prisão aleatória de tchetchenos moradores de Moscou, como aconteceu em 2002, quando, após a tomada de reféns no teatro, muitas pessoas foram presas sem nenhuma confirmação de seu envolvimento com o grupo de guerrilheiros. O caso mais notório foi o de Zaurbek Talkhígov, estudante tchetcheno em Moscou, que respondeu aos apelos do governo da Rússia durante a tomada de reféns, propondo-se a servir de intermediário nas negociações com os guerrilheiros. Este jovem foi ao teatro e, por telefone, seguindo as direções da polícia, conversava em tchetcheno com os guerrilheiros, negociando a libertação dos reféns. Passados alguns dias após o incidente, ele foi preso, acusado de fazer parte da guerrilha, e passou na prisão oito anos e meio.

Todas as informações “alternativas” sobre os atos terroristas podem ser encontradas com facilidade na internet. Os documentários sobre esses assuntos, que contrariam as versões oficiais e divulgadas pela mídia, igualmente, estão disponíveis *on-line* e, às vezes, são exibidos em alguns centros culturais de cidades russas. Durante minha pesquisa de campo, em 2008, tentei mencionar e indicar estas fontes durante as conversas sobre as guerras na Tchetchênia com meus familiares ou amigos, ou pessoas que conhecia ocasionalmente. Notei, porém, rejeição à recepção dessas informações. Não devido à suspeita de sua veracidade ou críticas, mas devido a algo muito mais parecido com o medo de se envolver com um assunto que exigiria, talvez, a revisão de toda a percepção da realidade. Além disso, no decorrer da pesquisa de campo, não deixou de me chamar atenção um fenômeno que eu poderia denominar de “preguiça” de ir atrás dessas ou outras

---

<sup>94</sup> Em 24 de janeiro de 2011, após a explosão na sala de espera do aeroporto internacional Domodédovo, em Moscou, 37 pessoas morreram e 117 foram feridas.

<sup>95</sup> Em maioria dos casos, os supostos organizadores das explosões são exterminados durante as operações militares; ou seja, não acontecem os julgamentos, que poderiam ser acompanhados pela população.

informações.

Lembro aqui de uma discussão que presenciei em Moscou. Durante o mês de agosto, num centro cultural da cidade, havia uma exposição de fotografias e filmes sobre o Cáucaso. O último dia foi dedicado às guerras na Tchetchênia e foi exibido pela primeira e última vez na Rússia o documentário “Três camaradas” (2006), dirigido por Marija Nóvikova. Eu já havia visto o filme no Brasil durante a mostra “É tudo verdade”, mas fiquei curiosa em saber se haveria muita gente assistindo, que tipo de gente, como seria o ambiente, etc. Também me interessou a presença da diretora, uma russa que há anos mora na Holanda. O filme conta a história de três rapazes tchetchenos cujos destinos são transformados tragicamente pelas guerras, mas a mensagem que a diretora tentou passar é a da aproximação entre tchetchenos e não tchetchenos e de que haveria uma universalidade, em termos de herança cultural, compartilhada entre os habitantes do território da ex-URSS. O alvo do filme deveria ser o público local – de Moscou, da Rússia, pois a narrativa desconstruía a ideia de diferença e de incompatibilidade entre os povos que outrora faziam parte do mesmo país. A exibição foi divulgada em cartazes (poucos) nos espaços públicos, por algumas estações de rádio FM e pelos sítios eletrônicos. Havia pouquíssima gente assistindo ao filme, sendo que, mais da metade do público era constituída por aqueles que trabalhavam com a denúncia dos crimes cometidos durante as guerras, quase ninguém era de fora deste círculo. Enfim, a discussão que presenciei foi entre um jornalista que trabalhou na Tchetchênia até recentemente e uma moça, voluntária de uma ONG, que dá assistência aos refugiados da guerra. O jornalista estava furioso e convicto de que a maior parte da população da Rússia é cúmplice consciente dos extermínios ocorridos durante as guerras e que esta só não se declara abertamente racista por motivos de conveniência e hipocrisia. A moça respondia que acreditava firmemente na cegueira involuntária das pessoas, que não vão atrás de informações alternativas por não saberem como procurá-las e como encontrá-las.

Penso que essas posições opostas devem-se aos distintos percursos individuais desses dois seres humanos, de como eles próprios acabaram envolvendo-se com o tema. De qualquer maneira, os dois não eram indiferentes, mesmo não compartilhando uma visão comum sobre as causas da indiferença da população da Rússia quanto aos graves problemas de discriminação. Mas quem estava certo? Fiquei intrigada com esta questão e

procurei perguntar a outras pessoas a respeito disso. A resposta mais comum foi: “É melhor não se preocupar com mais problemas, pois a vida já não está nada fácil”. Seria a não-busca pelas informações justificada pela impossibilidade de se tomar uma posição própria sobre alguns assuntos incômodos que exigiriam uma ação consciente e crítica, que poderia realmente trazer problemas e até perigo?

Até hoje em dia são comuns nos muros de Moscou e de São Petersburgo os anúncios sobre o aluguel de apartamentos portando o seguinte texto: “Aluga-se apartamento com X quartos, somente para não caucasianos”. É muito difícil os moradores da Rússia diferenciarem guerrilheiros tchetchenos e refugiados daquela região. Ser tchetcheno, na maioria das vezes, iguala-se a ser terrorista e a representar uma ameaça, uma ameaça à vida.

Para compreender melhor a formação de imagem de um inimigo tão feroz e a associação desta imagem a uma determinada nacionalidade, pretendo nas páginas seguintes apresentar um recorte histórico das relações entre a Rússia e as populações do Cáucaso Setentrional, onde a Tchetchênia é situada.

Antes preciso abrir um parêntese e me deter sobre as fontes utilizadas para esta pesquisa. A bibliografia que utilizei para escrever sobre o assunto é em russo, produzida por autores russos, ou em línguas europeias. Tive acesso somente a alguns textos produzidos por autores tchetchenos (traduzidos para o russo) e incorporei depoimentos orais de Lida e de refugiados que se encontravam em Moscou<sup>96</sup>. Ou seja, a maioria das fontes escritas traz o “nosso” olhar sobre o assunto, raramente os tchetchenos têm voz, pois nem todos os textos produzidos na Tchetchênia e por tchetchenos foram traduzidos para o russo; além disso, a escolha daquilo que é passível de tradução sempre é determinada pelo conteúdo. Ou seja, o “outro” é formatado por “nós”, pelo “nosso” olhar. Mesmo Hirsch (2005) generaliza, falando das tribos e clãs que se tornaram nacionalidades na URSS, ao não tratar cada caso específico, agrupando a variedade de organizações sociais sob um denominador comum – clã ou tribo. No entanto, autores tchetchenos, como Il'asov (2002), rejeitam as tentativas de igualar teipes (organização social de alguns povos do Cáucaso Setentrional) e clãs, por

---

<sup>96</sup> Pude trabalhar com estas fontes, pois os depoimentos de refugiados da Tchetchênia foram transcritos e arquivados pelos funcionários da ONG Comitê de Assistência Civil.

exemplo, apontando para suas especificidades, fato que, mais uma vez, revela o “nosso”, sempre “nosso”, olhar sobre o “outro”. As possibilidades de aprender algo sobre o “outro”, escutando a própria voz deste “outro” e passando a palavra ao “outro”, são mínimas, já que a maioria dos textos produzidos no Cáucaso Setentrional foi escrita em russo, principalmente, no período soviético.

**Figura 8** Localização da Tchetchênia. Mapa da região do Cáucaso.  
**Fonte** Disponível em: <<http://history.stackexchange.com/questions/1396/what-does-russia-want-with-chechnya>>. Acesso em: 21 out. 2011.



“Tchetchenos” é um nome que foi atribuído a uma parte dos habitantes do Cáucaso Setentrional pelos russos e, segundo uma das hipóteses linguísticas, provém do nome de uma das primeiras aldeias que enfrentaram o exército imperial durante a colonização do Cáucaso, *tchetchen-Aul*. Os tchetchenos e os inguches<sup>97</sup> autodenominam-se *vainakhi*, que significa “nosso povo”, ou *nokhtchi*. A colonização do Cáucaso pelo império russo foi e continua sendo nomeada em manuais de história da FR, por exemplo, de “pacificação de populações bárbaras”. Um breve histórico desta “pacificação” fala por si só. Não há números exatos de mortos durante a guerra colonial no Cáucaso (1816-1864), mas levando em consideração as práticas usadas pelos generais do exército imperial, supõe-se que os habitantes da região do Cáucaso Setentrional foram dizimados. Estas práticas incluíam a queima de aldeamentos inteiros, juntamente com seus moradores, a queima de colheitas, sujeitando a população à fome, e o desmatamento de grandes áreas usadas para a caça e para a preparação de estoques de lenha para os invernos rigorosos. Este primeiro genocídio foi denunciado amplamente pelos sobreviventes das populações exterminadas, que fugiram para a Turquia ou outros países, e também por algumas figuras importantes da Rússia, como o escritor Liev Tolstoi<sup>98</sup>. Uma das consequências mais notórias do processo colonizador foi a destruição de uma estrutura social existente entre os *vainakhi*, que se distinguiam de outros habitantes da região pela forma de organização social, onde, não possuindo nem Estado, nem governo central, as decisões sobre todas as questões importantes para a comunidade de moradores eram tomadas coletivamente, e o órgão mais respeitado nestas decisões era representado pelo conselho de anciões. Outra característica importante era a propriedade coletiva sobre a terra, os bosques e as águas. Cada vila ou aldeia, que geralmente agregava uma grande família, formava seu conselho; o conjunto de conselhos formava, por sua vez, um conselho maior, e, somente no caso de uma guerra, escolhia-se um líder (como aconteceu durante a resistência à colonização no século XIX). Como consequência da colonização, uma forma de organização social (a gestão das comunidades por meio de

---

<sup>97</sup> “Inguches” também é uma nomeação atribuída aos povos do Cáucaso Setentrional durante a colonização e provém do nome do aldeamento Angusht.

<sup>98</sup> Khadji-murat (TOLSTOI 2010) e Prisioneiro do Cáucaso (TOLSTOI 2008) são dois relatos desse escritor sobre a colonização do Cáucaso Setentrional.

conselhos) começou a ser substituída por outra (a xariá islâmica) (Cf. NUKHÁEV 2003: 53), ou seja, um modo de vida existente durante vários séculos foi rapidamente destruído e substituído por outro que trouxe consigo a estratificação social, a urbanização e o surgimento da noção de etnicidade, levando mais tarde à formação de um Estado-nação.

Diferentemente de outros povos do Cáucaso que foram exterminados durante a colonização<sup>99</sup>, os tchetchenos sobreviveram e resistiram ao exército imperial bravamente, entrando, a partir daquele momento, no imaginário da população da Rússia como “inimigos ferozes” e “montanhese indomáveis”. Esta imagem foi propagada através de ampla produção artística sobre o assunto no século XIX, fenômeno abordado minuciosamente por Susan Layton (1994) em seu trabalho sobre as representações do Cáucaso e de seus moradores nas principais obras da literatura russa. Os livros escritos pelos historiadores na Rússia apresentavam, por sua vez, o processo de colonização como uma guerra justa e como um processo civilizatório de populações bárbaras, carentes de cultura, de higiene, de racionalidade, etc., reafirmando um discurso comum a todas as potências colonizadoras e, ao mesmo tempo, formando a percepção negativa e deficiente a respeito dos povos colonizados.

Com o extermínio de grande parcela da população e devido ao longo período de enfrentamento armado e conseqüente desestruturação social, além da onda migratória de populações do Cáucaso Setentrional para o império otomano, a religiosidade tradicional e as normas de *adat*<sup>100</sup> (forma de solução de conflitos operante entre os *vainakhi*, embasada em princípios pré-definidos pelos anciões) foram gradualmente substituídos pelo direito islâmico (xariá) e grande parte dos habitantes daquela região tornou-se muçulmana. Entre as várias orientações filosóficas e políticas existentes no islamismo, a preferência, inicialmente, foi dada ao sufismo<sup>101</sup>.

Com a colonização, o Cáucaso Setentrional passou a ser dividido em unidades

---

<sup>99</sup> Cf. DUMÉZIL 1965.

<sup>100</sup> Adat inclui, além das normas de direito, que, a partir do século XVI foram estabelecidas pelo Mekhk Khel (o conselho de anciões que legislava), as normas éticas de conduta em todas as situações de vida pessoal e comunitária. (Cf. IL'ASSOV 2006:176-185)

<sup>101</sup> O Sufismo começou a ser difundido no Cáucaso Setentrional já a partir do século XI, mas sua popularidade aumentou a partir da colonização pelo império russo, no século XVIII. Mansur, líder da resistência à colonização da segunda metade do século XVIII foi adepto da irmandade sufi *nakshbandi*, a mais representativa entre os povos montanhese desta região (Cf. AKAEV 1999).

administrativas dentro do império russo associadas à “nacionalidade” ou à “etnia” de seus moradores. Surgem, assim, a partir do século XIX, os tchetchenos, os inguches, os karatchai, os balkary, os tcherkessy e os kabarda, identidades, hoje em dia, reivindicadas pelos próprios moradores da região e relacionadas às exigências de independência política.

Outro fato histórico que contribuiu para a formação da imagem dos tchetchenos como inimigos da população russa foi a deportação stalinista de 1944. A história da deportação é desconhecida pela maioria da população da Rússia e associada a vários mitos e rumores sobre a colaboração dos povos deportados com o exército nazista.

Com o fim de império russo, em 1917, o Cáucaso Setentrional passou a reivindicar sua independência. Várias organizações diferentes foram formadas entre 1917 e 1924 (quando a URSS foi criada): congressos populares, estados regidos pela xariá ou pelos conselhos bolcheviques, ou, ainda, organizações autônomas. Vale a pena listar a pequena cronologia dos principais acontecimentos políticos no Cáucaso Setentrional neste período. Em abril de 1917, aconteceu o Primeiro Encontro do Povo tchetcheno (em Grozny) que abrangeu todas as camadas sociais (desde os magnatas industriais até os bolcheviques e a elite religiosa). No mês seguinte, em maio de 1917, sucedeu o Primeiro Congresso Nortecaucasiano, que elegeu o Comitê Constituinte para a criação da República Nortecaucasiana; este Congresso declarou sua lealdade ao governo provisório da Rússia<sup>102</sup> e procurou unir todos os montanhenses do Cáucaso Setentrional numa unidade administrativa autônoma dentro da Rússia<sup>103</sup>.

Em setembro de 1917, o Segundo Congresso Nortecaucasiano elaborou a constituição provisória da futura unidade administrativa. Em dezembro de 1917, foi proclamada a República Montanhesa com um governo provisório, que redigiu uma declaração apoiando o regime político da monarquia constitucional. No início de 1918, esta formação política foi aniquilada pelos bolcheviques. Também no início de 1918, em Urus-Martan, teve lugar o Segundo Congresso do Povo tchetcheno, que se opôs tanto à República Montanhesa, quanto aos bolcheviques. Este congresso elegeu um novo órgão de poder: o

---

<sup>102</sup> Com a destituição do imperador, em fevereiro de 1917, foi constituído o governo provisório na Rússia. Este governo provisório deveria funcionar até a abertura de Assembleia Constituinte, que não chegou a acontecer devido à tomada de poder pelos bolcheviques, em outubro de 1917.

<sup>103</sup> Cf. POLIAN 2000, 2007.

majlis, que passou a funcionar em vila Staryie Atagui (*Старые Атагу*). Logo em seguida, os participantes do Congresso dividiram-se: uns foram a favor do estado regido pela xariá, outros, a favor da organização deste por meio dos conselhos (a favor do poder dos *soviets* e de fazer parte do estado soviético)<sup>104</sup>.

Já em 29 de março de 1918, foi proclamado o poder soviético em Terek<sup>105</sup>. Em maio de 1918, o Terceiro Congresso dos Povos de Terek decretou a distribuição das terras dos cossacos para os montanhesees pobres. Quase simultaneamente, em maio de 1918, foi também proclamada a República da União dos Povos Montanhesees do Cáucaso, proclamada a independência e o desligamento da RSFSR<sup>106</sup>. A República da União dos Povos Montanhesees do Cáucaso foi reconhecida pelos governos da Turquia, da Alemanha, da Geórgia, do Azerbaijão e pelo Império Austro-Húngaro<sup>107</sup>.

E, em 1919, foi proclamada a independência dos Emirados do Cáucaso Setentrional, estado teocrático regido pela xariá, que foi reconhecido pela RSFSR (governo bolchevique). Em março de 1920, os bolcheviques aniquilaram os Emirados do Cáucaso Setentrional. Em 1921, aconteceu o Congresso Constituinte Montanhês, para o qual Stalin foi convidado. Foi proclamada a República Montanhesa Soviética e os montanhesees exigiram que as leis desta formação administrativa fossem a xariá e o adat; também exigiram a devolução das terras, anteriormente tomadas pelos bolcheviques para a constituição das fazendas coletivas (*kolkhoz*), opondo-se, desta maneira, à política de coletivização. A partir deste momento, sucederam várias rebeliões e inúmeros confrontos com tentativa de afirmar a independência perante a URSS, que foram combatidos pelo Exército Vermelho<sup>108</sup>.

Esses conflitos, que levaram a vários levantes armados contra as forças do exército vermelho e da KGB enviadas para a região<sup>109</sup>, acentuaram-se com a implantação de processos de coletivização<sup>110</sup> e de industrialização na região<sup>111</sup>. Os levantes da população

---

<sup>104</sup> Ibidem.

<sup>105</sup> Nome dado ao Cáucaso Setentrional por causa de seu maior rio, o Terek, que perpassa quase toda a região.

<sup>106</sup> República Soviética Federativa Socialista da Rússia, formação estatal que substituiu o império russo e que, em 1924, passou a constituir a URSS (formada neste ano).

<sup>107</sup> Cf. POLIAN 2000, 2007.

<sup>108</sup> Ibidem.

<sup>109</sup> Os principais conflitos ocorreram em 1920, 1929-1932 e 1939.

<sup>110</sup> A partir de 1929, na URSS, foi lançada a política de criação obrigatória de fazendas coletivas no campo,

contra o governo soviético continuaram após o começo da Segunda Guerra Mundial e foram apresentados à população da URSS como a colaboração com o exército nazista. Esta versão foi aceita já que a resistência armada existente na região a partir de 1917, em prol da independência e contra a coletivização, fora abafada e desconhecida pela maioria de cidadãos soviéticos.

Em 1944, por ordem de Stálin, acusados de traição foram deportados de seus territórios: tchetchenos, inguches, karatchai, kalmyks, balkary e tártaros da Crimeia. Oficialmente, foram deportados 500.000 tchetchenos e inguches (POLIAN 2000). Em 23 fevereiro de 1944, os tchetchenos e os inguches foram, à força, colocados nos trens e levados para o Cazaquistão e para a Ásia Central; a República Tchetchênia-Inguchétia foi apagada, neste momento, do mapa da URSS<sup>112</sup>. Aqueles que resistiram foram executados.

A história da deportação durante muitos anos permaneceu desconhecida devido à censura vigente na URSS. As publicações posteriores ao fim da URSS revelam que, por exemplo, na vila Khaibakh, na Tchetchênia, todos os moradores, 200 pessoas, foram queimados dentro de um estábulo<sup>113</sup>. Quem tentou fugir foi fuzilado. Também foram fuzilados os moradores das vilas vizinhas<sup>114</sup>. Quase metade dos deportados faleceu durante o transporte nos trens, devido às condições desumanas, à ausência de alimentação e de água

---

denominada de coletivização. No Cáucaso Setentrional, essa política não foi bem aceita pela população por várias razões. Como nesta região as práticas de uso coletivo de recursos naturais e de produção agrícola coletiva datavam de longa época, a coletivização foi compreendida como mais uma tentativa do poder central (da URSS) de submeter os tchetchenos ao seu governo.

<sup>111</sup> A industrialização do Cáucaso Setentrional no período soviético foi relacionada, principalmente, à extração do petróleo. Grande parte da região foi urbanizada durante este processo. Hoje em dia, a extração petrolífera cessou, já que os poços de petróleo na Tchetchênia eram de pouca profundidade e esgotaram-se; fato este que levou ao desemprego dos trabalhadores desta indústria.

<sup>112</sup> Com a restituição, em 1954, da República tchetcheno-Inguchétia, os tchetchenos e os inguches foram agrupados nessa unidade administrativa: República tchetcheno-Inguchétia, neste caso específico não gerando muitos conflitos, já que os tchetchenos e os inguches há tempos habitavam o mesmo território e possuíam um autodenominador comum: *vainakhi*. Já no caso de outros povos do Cáucaso, as divisões administrativas efetuadas na época da URSS geraram vários conflitos. Posso citar aqui a divisão dos ossetas entre a Ossétia do Norte (pertencente à Federação Russa) e a Ossétia do Sul (pertencente à Geórgia); a junção de kabardas e bálkaros dentro de uma unidade administrativa; a junção de karatchai e therkessy em uma unidade administrativa; e a inclusão da região Prígorodny (um dos primeiros palcos de conflitos armados após o fim da URSS), habitada inicialmente pelos inguches, na Ossétia do Norte. O caso de Nagorny Karabakh também é emblemático, já que este território habitado pelos armênios passou, a partir da decisão dos governantes da URSS, a fazer parte do Azerbaijão, e também se tornou foco de enfrentamentos armados, desde 1991.

<sup>113</sup> Polian (2000: 122-123).

<sup>114</sup> Sobre esse fato, cf. Polian (2000: 122-123).

e ao frio. Um pequeno número de pessoas conseguiu fugir para as montanhas antes de serem levados aos trens e formaram uma guerrilha que, durante décadas, lutou contra os representantes do poder central. Moradores de outras regiões da URSS foram levados para terras outrora habitadas pelas populações deportadas: processo que gerou inúmeros conflitos descritos, por exemplo, no livro do escritor Anatóliy Pristávkin, *Adormecia uma nuvem dourada* (1991). Os povos deportados começaram a recuperar seus direitos após a morte de Stalin, em 1954, quando foi restituída a República Tchetchênia-Inguchétia e foi permitido o retorno de deportados para seus antigos locais de moradia. No entanto, o retorno para a terra natal e a reabilitação das comunidades encontraram diversos obstáculos, como uma economia local desestruturada, desemprego crônico e um território ocupado por moradores provindos de outras regiões. A república Tchetchênia-Inguchétia, dentro da URSS, apresentava os maiores índices de desemprego e os menores índices de educação, para citar alguns dos problemas.

Com o fim da União Soviética, o Tatarstão e a Tchetchênia foram as duas únicas unidades administrativas que se recusaram a assinar o acordo para integração na FR, em 31 de março de 1992. Após longas negociações, o Tatarstão assinou este acordo em 15 de fevereiro de 1994, entrando assim na FR e conseguindo alguma autonomia; a Tchetchênia, por sua vez, ficou sozinha na luta pela independência (proclamada já em 1990) entre as 89 unidades administrativas da FR.

A proclamação da independência da Tchetchênia, em um primeiro momento, não alterou as relações entre esta república e as autoridades da FR. Foi formado um Comitê Executivo da República Tchetchênia, presidido pelo Major-General Dzhokar Dudaev, que, todavia, rapidamente transformou-se em um fórum de disputas políticas entre a ala radical-nacionalista e a ala democrática liberal. Em agosto de 1991, a República Tchetchênia-Inguchétia foi dissolvida, e ainda que a Inguchétia tivesse se organizado enquanto uma república autônoma da FR, a Tchetchênia reivindicava uma República soberana. Em outubro de 1991, Iéltsin, chefe do governo da Rússia naquela época, impôs um ultimato aos líderes separatistas tchetchenos. No mesmo mês, Dudaev elegeu-se presidente da auto-proclamada

República tchetchena Itchkéria<sup>115</sup>, que a URSS recusou-se a reconhecer. No entanto, após alguns meses foi acordado um comunicado conjunto entre a Rússia e a Tchetchênia para a resolução do conflito, incluindo aspectos políticos, legais, econômicos e de segurança pública. Neste mesmo período ocorreu o desmantelamento da URSS, cujas estruturas foram, em grande medida, herdadas pela FR.

Após os confrontos entre Léltsin e o Parlamento da Rússia, entre setembro e outubro de 1993, a política do Kremlin em relação à Tchetchênia assumiu um caráter mais ameaçador. Paradoxalmente, diversas lideranças políticas que trabalharam intensamente para a desintegração da União Soviética não hesitavam em defender a integridade da Rússia, devido, principalmente, a um possível “efeito dominó”, caso uma das regiões da FR conquistasse a independência. Em 11 de dezembro de 1994, Léltsin assinou um decreto referindo-se às “medidas de garantia de legitimidade, ordem e segurança social no território da República tchetchena” e, em seguida, tropas do exército invadiram o território tchetcheno. A tomada de Grozny, capital e maior cidade tchetchena, pelo exército russo aconteceu durante a virada do ano. Foram usados bombardeios aéreos a bairros residenciais e hospitais, mesmo com informações sobre a continuidade da presença de grande parte de moradores na cidade. Os noticiários sobre a guerra na Tchetchênia iam ao ar misturados com a programação festiva de fim de ano, e as informações sobre as mortes entre a população civil foram censuradas na mídia russa. A primeira guerra durou dois anos, até 1996, e recomeçou em 1999, desta vez no período de renúncia de Léltsin e de eleição de Pútin para a presidência da FR. A partir de 1999, a guerra na Tchetchênia foi apresentada pelo governo da Rússia, para o país e para o exterior, como uma operação contra-terrorista (um dos agravantes mais sérios do uso dessa terminologia foi a impossibilidade de julgar os crimes cometidos contra a população civil como crimes de guerra). Na atualidade, a guerra foi declarada como terminada, apesar de ainda serem “apagados alguns focos de resistência”, segundo o jargão oficial. Em 2003, na República tchetchena aconteceram as eleições para a presidência local e foi realizado um plebiscito sobre a entrada ou não na FR (referendo para a aprovação de uma nova constituição). Ambos os eventos foram denunciados pelos observadores internacionais e por algumas instituições da Rússia como

---

<sup>115</sup> Itchkéria é o nome de uma das regiões montanhosas da Tchetchênia.

altamente fraudulentos.

Hoje em dia, quase diariamente saem nos jornais da Rússia as notícias sobre as explosões de ferrovias, de estradas, de unidades militares ou policiais, sobre os confrontos entre o exército e os guerrilheiros, não somente na Tchetchênia, mas em todo o Cáucaso Setentrional: na Inguchétia, no Daguestão, na Kabardino-Balkária e na Karatchaevotcherkíssia<sup>116</sup>. As unidades do exército continuam atuando na região e as práticas de sequestro de moradores, supostamente envolvidos com a guerrilha, de ativistas de direitos humanos ou de jornalistas por desconhecidos encapuzados tornaram-se rotina. Todavia, as informações sobre estes acontecimentos não suscitavam muita repercussão nas conversas que eu tinha durante a pesquisa de campo sobre a situação na Tchetchênia; ao contrário dos atos terroristas, acontecidos em Moscou, que se tornaram o tema predileto da mídia e ganharam enorme repercussão nas discussões entre os moradores da cidade.

Muitas pesquisas salientam a relação entre o aumento de sentimentos xenófobos entre a população da FR e as guerras na Tchetchênia, analisando o papel da mídia e da indústria cultural (literatura, filmes, programas de TV) na formação da opinião pública. Galina Zvéreva (2002), por exemplo, descreve como a produção cultural da última década contribuiu para a formação da imagem do inimigo e para a justificação das guerras. Para a pesquisa, a autora usou produtos culturais que tiveram grande repercussão e popularidade na Rússia: filmes de ficção como “Guerra” (2002) e “Prisioneiro das montanhas” (1996); séries de TV como “Forças especiais” e “Tarefa masculina”; e ficção literária em forma de diários e depoimentos de participantes das guerras, gênero bem difundido atualmente<sup>117</sup>. Nesta produção, a guerra entre a Rússia e a Tchetchênia surge como:

- “natural”: há um grande apelo à inimizade “natural” entre os povos devido à suposta incompatibilidade cultural, às diferenças inatas e inalteráveis entre os russos e os tchetchenos;

- historicamente justificada e antiga: apelos à guerra do Cáucaso no século XIX e ao “caráter inato” guerreiro e insubmisso de tchetchenos;

---

<sup>116</sup> Uma das notícias mais recentes da mídia brasileira pode servir de exemplo da situação atual no Cáucaso Setentrional: “Dois policiais morrem em explosão de carro bomba no Daguestão”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/984637-dois-policiais-morrem-em-explosao-de-carro-bomba-no-daguestao.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2011.

<sup>117</sup> Exemplos desta produção literária pode ser encontrada no sítio eletrônico <[www.lib.ru](http://www.lib.ru)>.

- como uma situação onde a masculinidade aflora; trata-se de um evento masculino;
- comparada ao espírito combativo da Segunda Guerra Mundial, quando o povo russo teve que se unir perante um inimigo forte e cruel;
- comparada à guerra no Afeganistão, devido ao mesmo inimigo “exótico” e “muçulmano”, e ao mesmo tipo de problemas que os exércitos invasores enfrentaram;
- comparada às guerras dos EUA e da UE contra o Iraque e o Afeganistão.

Outro texto interessante é a dissertação de Iliá Júkov, “Análise crítica do discurso da mídia impressa: as peculiaridades da representação do conflito no Cáucaso Setentrional entre 1998 e 2000” (2002). O pesquisador trabalhou com os principais jornais russos e com alguns alemães e estadunidenses, realizando a análise comparativa de artigos dedicados às guerras na Tchetchênia. Eis alguns dos principais resultados obtidos durante a pesquisa:

- a criação de grupos antagônicos pela imprensa (“nós” e “outros”);
- ausência de citações de fontes tchetchenas na imprensa russa;
- nomeações diferentes do conflito na imprensa russa (operação contra o terrorismo, pacificação) e estrangeira (guerra);
- uso de adjetivos específicos que se tornam um clichê na descrição de situações relacionadas com o conflito.

Uma das conclusões importantes do trabalho de Júkov aponta para o fato de que a mídia serve de principal fonte de conhecimento sobre as guerras, pois a maioria dos leitores não possui a experiência de guerra, nem têm acesso às fontes alternativas de informação, e quase ninguém questiona as informações fornecidas, acreditando e assumindo o ponto de vista apresentado. Ou seja, as duas funções do discurso militar na imprensa são a orientação e a manipulação de opinião pública.



## O “outro” emergente: processos migratórios recentes.

Após a desintegração da União Soviética, no final de 1991, quinze novos estados foram criados. Tal reestruturação política originou uma série de incidentes e complicações e demandou a reestruturação da legislação no que diz respeito à cidadania e aos direitos sociais e econômicos das pessoas. Como a população da URSS foi dividida entre quinze novos estados, as pessoas tiveram que optar por uma nova cidadania. Paralelamente a tal reestruturação política, Boris Léltsin, o primeiro presidente da Rússia, apresentou à população um pacote de reformas que incluía direitos e liberdades civis (como, por exemplo, a liberdade de expressão e de religião), mas também a liberação dos preços, antigamente controlados pelo estado. E, ainda, uma parte da propriedade estatal foi privatizada. Neste contexto, surgem novos e maiores (em comparação à época anterior) fluxos migratórios e um grande número de pessoas, por razões muito diferentes, passa a se deslocar pelo gigante território da ex-URSS.

A anulação da antiga categoria *cidadão soviético* propiciou o crescimento de sentimentos e identidades nacionalistas. Cada cidadão soviético deveria tornar-se obrigatoriamente cidadão de alguma recém-surgida unidade estatal, como, por exemplo, a Federação Russa. Poder-se-ia optar pela cidadania relacionada a sua nacionalidade<sup>118</sup>, ou, ainda, optar pela cidadania relacionada ao seu local de nascimento ou atual país de moradia e trabalho. Vale lembrar que a divisão administrativa da URSS fora feita a partir do princípio nacional (a cada unidade administrativa correspondia uma nacionalidade). Nessa divisão, russos não seriam necessariamente cidadãos da FR; assim como ucranianos, uzbeques, letões e todos os povos pertencentes às nações titulares dos novos Estados, que poderiam ser ou não cidadãos de seus respectivos países. Por exemplo, uma pessoa de nacionalidade russa e filha de pais russos que residisse na Ucrânia até o fim da URSS poderia optar pela cidadania ucraniana, ou optar por mudar para a FR e tornar-se *russiana*. Este processo de pessoas poderem retornar às regiões de suas respectivas nacionalidades

---

<sup>118</sup> Nacionalidade (*nazionalnost*) era um item obrigatório (No 5) nos passaportes internos de cada cidadão soviético. Hoje em dia é optativo. Na URSS, a nacionalidade atribuía-se em razão da nacionalidade da mãe.

adquirindo a cidadania deste lugar é legalmente aceito até hoje. A dupla cidadania é possível para os cidadãos da FR, desde que haja o acordo bilateral entre os países.

Os primeiros conflitos “étnicos” também começaram nos últimos anos da União Soviética e no período de sua dissolução: guerras em Nagorny Karabakh (1989), Ossétia do Sul (1990-1992), Abkházia (1992-1993), Ossétia do Norte-Inguchétia (região Prígorodnyi) (1992). Coloco entre as aspas o adjetivo “étnico”, pois a origem étnica das pessoas que participaram destes conflitos dificilmente pode servir de única causa explicativa para os acontecimentos. A Ossétia do Sul, por exemplo, desde a década de 1960 foi o território mais desprovido de bens sociais dentro da Geórgia, com os menores índices de instrução, de professores com nível superior de ensino, menor número de escolas, maior mortalidade infantil, menores salários, entre outros fatores. A mídia nomeia estes conflitos de “étnico-territoriais”, sem mencionar o caráter social das demandas pela independência ou pela mudança de governos. A população dos territórios em conflito também nunca é homogênea: na mesma Ossétia do Sul, no final da década de 1980, somente 66,2% eram ossetas, a outra parte, dividida entre os georgianos (29%) e outras nacionalidades. A maior parte dos ossetas, moradores da Geórgia, estava dispersa pelo país (100 mil, dos 164.000)<sup>119</sup>. Os casamentos entre os representantes de etnias diferentes eram e continuam sendo algo muito comum na região. Porém, todos os moradores da Ossétia do Sul sofriam devido ao baixo nível social e econômico da região.

Em decorrência destes conflitos, muitas pessoas se viram obrigadas a abandonar suas casas e terras e partir em busca de locais mais seguros, tornando-se refugiados e migrantes<sup>120</sup>. Outra razão para a migração foi e continua sendo a rápida deterioração da estabilidade social e do nível econômico de vida da população da ex-URSS. O desemprego é um dos fatores que leva milhares de pessoas a procurarem por uma vida melhor em regiões distantes, principalmente nos grandes centros urbanos.

As locomoções pelo território da FR e a busca do emprego e de nova moradia são dificultadas pelo sistema de registro residencial, que existe desde a década de 1930 e não foi anulado após o fim da URSS. Para permanecer legalmente em Moscou, assim como em

---

<sup>119</sup> Shnirelman 2003: 461.

<sup>120</sup> Mais adiante apresento as diferenças entre ser refugiado e migrante e/ou imigrante.

qualquer local da Rússia, precisa-se da *propiska* (registro residencial), que pode ser *postoiánniaia* (permanente) ou *vrémennaia* (temporário). Caroline Humphrey, antropóloga que há anos desenvolve pesquisa nos países pós-socialistas, analisa a situação dos despossuados na Rússia pós-soviética e escreve em seu artigo *Mythmaking, Narratives, and the Dispossessed in Rússia* (2002: 26):

These are tied to one another in a circular way: without a job you cannot get a “propiska”, without a “propiska” you cannot get a job, without a passport you cannot get a “propiska” (...), and so forth. The dispossessed, we can now see, come in many categories, signaled by deprivation of one or another document; but what is important is that a loss of one official status threatens the unraveling of the hole edifice, that is, descent into the wilderness of having no entitlements at all.

Assim, a diferenciação entre os estabelecidos e os *outsiders* (Cf. ELIAS 2000) também se dá no plano burocrático, o que resulta na manutenção de uma relação de dependência com as estruturas administrativas, sejam elas governamentais ou não; mas, de qualquer maneira, estas relações sempre são de poder e podem se manifestar explicitamente ou não. Pela legislação vigente, sem registro de residência, qualquer pessoa (não importa se é estrangeiro ou cidadão da Rússia) pode permanecer em qualquer local do país somente por três dias. Após este período é necessário obter o registro adquirindo um imóvel, se inscrevendo no imóvel de alguém ou negociando com as autoridades: qualquer uma das opções exige despesas, que, sobretudo no caso de Moscou, são bastante elevadas. Ou seja, qualquer pessoa é obrigada a apresentar às autoridades locais a razão de sua permanência no local, seja esta temporária ou não.

O estatuto de refugiado dá direito a se estabelecer num local diferente, dá direito ao registro residencial e, como consequência, aos serviços de saúde, educação, assistência social, programas de moradia, e ao trabalho. Porém, a obtenção deste estatuto é incrivelmente difícil como consequência de uma legislação confusa, sempre modificada e diferenciada, devido às mudanças da situação política e econômica no país (como a eleição ou reeleição de Pútin, em 1999 e 2003; o início das guerras na Tchetchênia, em 1994 e 1999;

o conflito com a Geórgia, em 2006, ou a intervenção militar na Ossétia do Sul, em 2008; ou, ainda, a crise econômica de 1998. Há variações consideráveis entre as leis municipais e federais, ou entre os artigos da lei e os atos oficiais. Ser refugiado significa ser reconhecido como tal pelas estruturas administrativas – e aqui as ONGs desempenham um papel importante facilitando este reconhecimento. Ainda de acordo com Humphrey (2002: 21):

The dispossessed include: refugees coming into Russia from the successor states of the CIS<sup>121</sup>; the unemployed; economic migrants; demobilized soldiers, abandoned pensioners, invalids, and single-parent families; vagrants and the homeless; and people living in various illegal ways, such as contract laborers without residence permits in large cities (limitchiki) <...>. In February 1992, by presidential decree, the Russian government set up a single bureau, the Federal Migration Service (FMS), to deal with all this groups. “Migration”, that is, movement and interstitiality, was thus defined as the problem to be solved.

O Serviço Federal de Migração (SFM) é subordinado ao Ministério do Interior (ao qual, também são subordinadas as unidades de polícia) e passou por várias reformas, as mais importantes em 2006 e 2010, quando foram realizadas algumas modificações no processo de obtenção do registro de residência.

O SFM lida com refugiados, migrantes forçados, temporariamente deslocados, migrantes (cidadãos da FR que se deslocam por várias razões pelo território do país) e imigrantes (cidadãos de outros países que se encontram na FR). Segundo o SFM, no final de 1992, logo após a desintegração da URSS, na Rússia havia 470 mil refugiados vindos de zonas de conflitos armados e 800 mil migrantes forçados provenientes das ex-repúblicas soviéticas<sup>122</sup>. Segundo a convenção da ONU de 1951, refugiado é todo aquele que, temendo se tornar vítima de perseguições, devido a sua religião, cidadania, pertença a determinado

---

<sup>121</sup> União de Estados Independentes (Community of Independent States): associação entre alguns estados (Azerbaijão, Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Moldova, Rússia, Tajiquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Ucrânia), ex-repúblicas federativas da URSS.

<sup>122</sup> Dados disponíveis no sítio eletrônico da Agência Federal de Estatística do Estado: <[http://www.gks.ru/free\\_doc/new\\_site/population/demo/demo44.htm](http://www.gks.ru/free_doc/new_site/population/demo/demo44.htm)>. Acesso em: 6 abr. 2011.

grupo social, ou por ser portador de uma ideologia política específica, encontra-se fora de seu país de origem e não goza da proteção do mesmo. A legislação da FR possui uma descrição similar do que seja um refugiado, todavia, a categoria de “migrante forçado” é peculiar e somente existe na legislação da FR, pois determina a situação de um cidadão da FR que abandona seu local de moradia pelas mesmas razões que um refugiado. Se para o refugiado o principal problema a ser enfrentado é a legalização (obtenção do estatuto de refugiado ou de abrigo temporário), para o migrante forçado o mais difícil é a obtenção de registro residencial. Em pior condição encontram-se ainda os “temporariamente deslocados”, categoria criada para as vítimas da guerra na Tchetchênia e do conflito na região Prígorodnyi, pois o destino destas pessoas é determinado pelos atos legislativos que podem ser aprovados ou não, e se modificam constantemente. Em 1998, o número de refugiados e migrantes forçados chegou a 1 milhão e 191 mil, sendo a maior parte destas pessoas composta por russos voltando para Rússia (ou vindo pela primeira vez...) de outros países recém formados com a dissolução da União Soviética<sup>123</sup>.

O gráfico abaixo apresenta os dados sobre a migração na FR. A cor rosa corresponde ao número de pessoas que migraram para Rússia e a cor azul, o número de pessoas que imigraram do país. Observa-se que o pico da migração corresponde a 1994<sup>124</sup>:

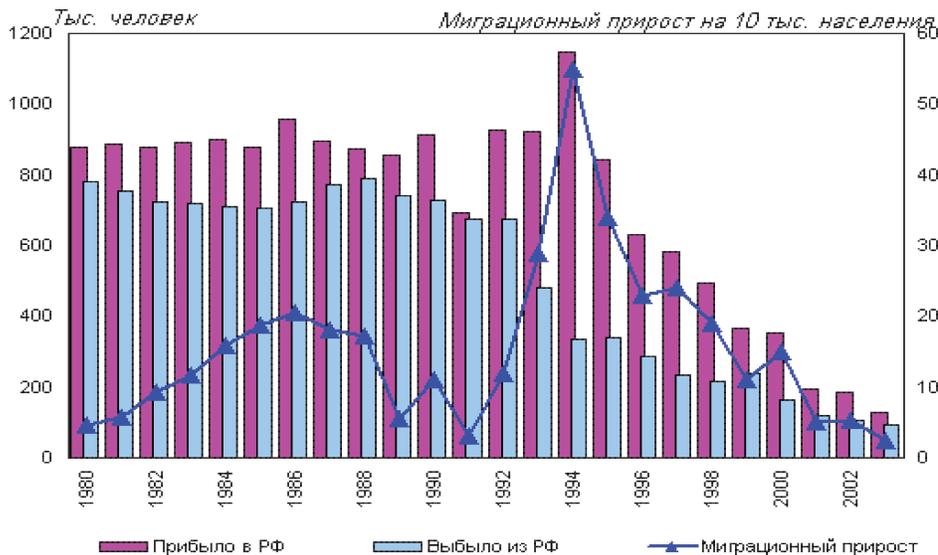
---

<sup>123</sup> Para estes e demais números, ver dados do 8º Relatório Demográfico Anual referente à população residente na Rússia em 2000. Disponível em: [http://www.demoscope.ru/weekly/knigi/ns\\_r00/razdel5g5\\_7.html](http://www.demoscope.ru/weekly/knigi/ns_r00/razdel5g5_7.html). Acesso em: 6 abr. 2011.

<sup>124</sup> Gráfico disponível em: <http://www.demoscope.ru/weekly/2004/0151/barom04.php>. Acesso em: 8 out. 2012.

**Figura 9** Gráfico com os dados sobre a migração na FR. Com a cor rosa estão marcadas as pessoas que imigraram para a FR. Com a cor azul, as que emigraram do país. Com as setas azuis estão indicados os picos de migração.

**Fonte** Versão eletrônica do boletim População e Sociedade. Disponível em: <http://www.demoscope.ru/weekly/2004/0151/barom04.php>. Acesso em: 21 out. 2011.



O SFM desempenha um papel importante na *via crucis* de obtenção do estatuto de refugiado ou migrante forçado, já que é a instância que legaliza esses estatutos. No entanto, na maioria das vezes, aqueles que querem ser reconhecidos como refugiados ou migrantes se dirigem às organizações não-governamentais. Somente no início da década de 1990, as pessoas conseguiam obter com bastante facilidade junto ao governo todos os documentos (*bumágui*) necessários para estabelecerem-se no novo local. Porém, desde então, os procedimentos para a obtenção do estatuto de migrante forçado complicaram-se muitíssimo. Geralmente, os funcionários dos órgãos administrativos exigem uma grande quantidade de declarações e documentos, impossibilitando o desenrolar do processo. Nas palavras de Humphrey (2002: 24-25):

The most radically dispossessed, however, are the migrants and refugees <...>. No one knows the true dimensions of migratory processes in Russia, and there is no law in place to define these

people's rights. As Brubaker (1992) has written, "The collapse of centralized authority has 'internationalized' what was previously counted as internal migration. This has transformed yesterday's internal migrants, secure in the Soviet citizenship, into today's international migrants of contested legitimacy and uncertain membership." According to the Federal Migration Service, there were at the end of 1993 around 2 million such "international" refugees, most of them Russians returning to the homeland from the Baltic, Central Asian, and Caucasian states. But at the same time, there are uncountable numbers of migrants within Russia, such as people fleeing from intolerable conditions in the polar regions or people squeezed out of jobs and seeking their luck wherever they can. As there is no operating law on migrants, the FMS [Federal Migration Service] has resorted to what it calls "sublegal methods to sift out what it sees as deserving cases among the myriads categories; on this it bestows its tiny resources. The great majority of migrants have never heard of the FMS, or else they correctly reckon that it can be of no help to them, and all this people are left to fend for themselves in the exhausting practicalities of Russian society.

A princípio, as ONGs reconhecem como migrantes forçados todas as pessoas que se declaram como tais, porém nem todas as pessoas procuram as ONGs. No caso de Moscou, a situação para a obtenção de estatuto de refugiado ou migrante forçado é uma das piores.

Pude acompanhar o percurso de algumas pessoas na busca pela obtenção de estatuto oficial de refugiado ou migrante forçado durante minha pesquisa de campo em Moscou, na ONG Comitê de Assistência Civil. Esta ONG foi formada por voluntários envolvidos na defesa dos direitos humanos em 1990, quando a primeira onda de refugiados chegou a Moscou após os confrontos na região de Nagorny Karabakh. A partir daquele momento, as atividades do Comitê buscam auxiliar os refugiados, os migrantes forçados e os imigrantes que vêm para a capital da Rússia nos seguintes aspectos: estabelecendo contatos junto às autoridades locais para a regularização da situação legal; defendendo judicialmente

indivíduos acusados de crimes (sejam eles comuns ou considerados atos terroristas); fazendo com que recebam auxílio médico, pensões e indenizações; defendendo o direito à moradia, ao emprego e à educação; e contatando outras formas de ajuda humanitária. As pessoas que procuram a ONG são frequentemente as vítimas da xenofobia e da discriminação pela origem étnica.

Dentro da ONG funciona um Centro de Adaptação e Educação para filhos de migrantes forçados (CAE), criado como parte do Comitê de Assistência Civil em 1995. Seu principal objetivo é a adaptação de crianças em suas novas condições de vida através da reapropriação das habilidades de aprendizado e comunicação, seriamente prejudicadas em decorrência do trauma ocasionado pela sobrevivência em meio a conflitos armados ou deslocamento de suas moradias para um novo (e muito diferente) local. Frequentemente, as crianças necessitam de auxílio psicológico para conseguir resolver ou atenuar as experiências traumáticas que enfrentaram – na Tchetchênia ou outra região de conflito, nos campos de refugiados ou no processo de migração forçada. As atividades voltadas para a reabilitação psicológica das crianças são realizadas por uma equipe de professores e psicólogos, em conjunto com os pais. O CAE possui capacidade para atender cerca de quarenta crianças. O meu contato na ONG era a diretora do CAE, Katia, quem eu conhecia já há alguns anos e, a partir deste contato, tive oportunidade de participar de algumas das atividades desenvolvidas por funcionários da ONG.

O escritório do Comitê situa-se no subsolo de um prédio de dois andares na região central de Moscou, perto de uma estação de metrô.



**Figura 10** Entrada da ONG Comitê de Assistência Civil. Moscou. 2004.  
**Fonte** Autoria própria

A maior parte de pessoas que buscam ajuda reside em bairros bem distantes deste local, onde não há metrô, nem prédios de poucos andares, pois são lugares periféricos onde reinam edifícios gigantes de blocos (uma paisagem monótona e similar em todas as grandes cidades da ex-URSS). Ir à sede da ONG, para estas pessoas, torna mais viável a possibilidade de poder estabelecer-se em Moscou, no caso. Observando o cotidiano da Assistência Civil sempre me perguntava: “mas como as pessoas chegam até aqui, como ficam sabendo deste lugar?”. Para muitos, tomar conhecimento da ONG é a parte mais difícil do processo, pois a informação a respeito corre nas redes comunitárias, alternativas às oficiais. A maior parte dos migrantes vem à procura de uma carta (*okhrannaia grámota*) expedida pela ONG que explica a situação da pessoa e as razões pelas quais ela ainda não obteve o estatuto oficial e não possui outros documentos, frequentemente perdidos ou não

existentes. A carta pode ser apresentada aos policiais na rua, durante as não raras revistas de “pessoas com aparência suspeita” (*liza podozrítelnoi vnéchnosti*), ou nas escolas para que os filhos possam assistir às aulas, ou até para os donos de imóveis, para que possam alugar um quarto ou apartamento. A ONG desempenha, assim, o papel de um estado paralelo, expedindo documentos que servem para uso oficial.

O Comitê atende ao público três dias por semana. Geralmente, eu encontrava Kátia nos dias quando não havia atendimento, mas algumas vezes pude presenciar o movimento das pessoas que vinham pedir assistência. Como pude notar, o ambiente mais propício às conversas e menos marcado pelas relações de poder era fora do prédio, nos bancos onde os fumantes se reúnem. Aqui, as funcionárias e os migrantes misturavam-se, porém não percebi muita comunicação. Os grupos de migrantes falavam em suas línguas, raramente em russo, embora na presença das funcionárias passassem a falar em russo ou a ficavam em silêncio. Lembro que uma das funcionárias comentou sobre sua ida para Tchetchênia, onde ela não podia fumar na rua, assim como todas as mulheres de lá; tive vontade de perguntar a ela sobre esta viagem (não conhecia esta mulher pessoalmente), mas o silêncio que se fez ao redor foi tão marcante que não consegui pronunciar uma palavra. As filas dentro do prédio também eram silenciosas, pouco se diferenciando dos ambientes oficiais. Este silêncio, a meu ver, pode ser compreendido sob vários aspectos: seja como uma recusa de assimilação, ou um modo de preservar sua identidade e integridade, seja como uma clara percepção e sinalização das relações de poder entre os funcionários da ONG, sejam eles voluntários ou contratados, e aqueles que buscam a assistência.

Com as crianças percebi a mesma reserva. Apesar de mostrarem-se mais à vontade que os adultos - corriam soltas pelos corredores, tomavam chá com os professores e até participavam de atividades extraescolares (como quando fiz uma apresentação sobre o Brasil) - eram ainda muito tímidas. Participei da festa do fim do ano letivo, onde todos – tanto professores (muitos deles estrangeiros), quanto crianças – cantaram ou recitaram em suas línguas, e dançaram suas danças tradicionais, superando de certo modo tamanha timidez, já que era evidente que muitos alunos e alunas só concordavam em ir para o “palco” improvisado após vários encorajamentos. Não havia nenhuma criança extrovertida, e os pais também eram muito discretos. Somente no final da festa, após o chá coletivo, a exibição de

desenhos animados e de várias idas para fumar “lá fora” o gelo se quebrou e um dos pais ensinava como pronunciar letras complicadíssimas do alfabeto tchetcheno, entre muitas risadas; enquanto isso, outra mulher passava a receita do pão típico que fazem no Cáucaso. Após este dia, quando encontrava alguma destas pessoas no caminho para a ONG, ou no metrô, nós nos cumprimentávamos, porém nunca mais conversamos, e as crianças entraram em férias escolares. Eu e Kátia conversamos bastante sobre as crianças e, segundo seu relato, sua única experiência de misturarem-se entre si foi durante um acampamento de verão, onde, longe dos pais, todos brincaram juntos – os de fora e os de dentro (da cidade onde foi o acampamento), os meninos e as meninas, os que sabem falar uma língua em comum e os que não sabem.



**Figura 11** Meninas tchetchenas apresentando uma dança durante a festa de encerramento de ano letivo no CAE. Moscou. 2005.

**Fonte** Autoria própria.



**Figura 12** CAE: festa de encerramento do ano letivo – crianças, seus parentes e professores assistindo às apresentações. Moscou. 2005.  
**Fonte** Autoria própria.

O trabalho voluntário realizado pela equipe de professores é bastante dificultado pela dinâmica de circulação dos alunos e pais no CAE: o número de alunos que frequenta as aulas esporadicamente é muito alto, impossibilitando atividades sistemáticas de aprendizagem ou de apoio emocional. Isso se deve a inúmeros fatores, tais como a saída das famílias de Moscou, dificuldades de transporte até o centro da cidade, instabilidade e desestruturação psicológica dos migrantes e refugiados. As aulas muitas vezes são improvisadas nos corredores da ONG ou em uma pequena sala de convivência que serve de cozinha e é lugar de conversas e de maior convívio entre os alunos, seus pais, professores e funcionárias da ONG Comitê de Assistência Civil.

Além de assistência jurídica, o Comitê também distribui roupas, óculos, sapatos, ingressos para espetáculos e atrações culturais; assim, muitas pessoas vão justamente à procura destes bens. Ou seja, a busca da ajuda do CAE ou de outras ONGs aparece como

sintoma da situação precária na qual a família ou o indivíduo se encontram.

No dia-a-dia conversei com pessoas que vivem em Moscou e provêm de regiões em conflito (como Tajiquistão, por exemplo), e que em nenhuma hipótese nomeiam-se “refugiados”, pois, embora essa categoria sirva para pedir ajuda aos órgãos oficiais ou às pessoas na rua, e a obtenção deste estatuto pode ser um marcador de diferença que de fato favorece o estabelecimento da pessoa num local novo, o termo “refugiado” é percebido como uma categoria estigmatizadora e foco de preconceitos.

Durante o período de acompanhamento das atividades desenvolvidas na ONG tive acesso aos depoimentos dos migrantes. Cada família, ou indivíduo que vem à ONG entra numa fila e, após o tempo de espera (que varia muito dependendo da época do ano, mas geralmente é bastante longo), são atendidos por uma das funcionárias que faz uma ficha, registrando os principais dados da pessoa e realiza uma breve entrevista. O próximo passo é um depoimento por escrito que as pessoas são convidadas a fazer, descrevendo os fatos que os levaram a recorrer à ONG. Estas histórias compõem um vasto acervo usado para redigir os relatórios anuais e semestrais sobre a situação de migrantes em Moscou, que a ONG publica e divulga.

Eis, por exemplo, uma história bem comum sobre os migrantes uzbeques que se encontravam presos pelos serviços de migração da Rússia, correndo sério perigo de deportação. Suas histórias foram transcritas pela funcionária do Comitê, sua advogada. São histórias de cinco homens que chegaram a Moscou e a outras cidades russas fugindo do regime de Karímov, atual presidente do Uzbequistão, por várias razões, nem sempre claras nos relatos. Alguns deles tinham parentes ou conhecidos nos locais para onde se dirigiam, outros não conheciam ninguém, mas todos, independentemente de cada caso particular, contaram que é impossível obter um registro residencial em três dias, que é o tempo exigido por lei, e que, desesperados, gastaram a maior parte do dinheiro que tinham na tentativa de conseguir algum papel que justificasse a permanência no local. Nenhum deles se nomeava *béjenez* – refugiado -, mas todos falavam que tiveram que ir embora – *uiékhat* – de casa; e que da casa - *iz doma* - eles foram expulsos. Então, a tentativa de se estabelecer em um local novo é vista por estas pessoas como uma última saída, como uma opção tomada na ausência de outras, ou devido ao fracasso das tentativas de permanecer no Uzbequistão. Os

órgãos oficiais e policiais nomeiam estes homens de *liza aziatskoi nazonálnosti* – pessoas de nacionalidade asiática - e são orientados a parar todos os sujeitos com esta aparência, assim como, os *liza kavkázskoi nazonálnosti* - pessoas de nacionalidade caucasiana -, para a averiguação de identidade e registro residencial. Neste caso específico, antes de migrar, os entrevistados já sabiam da existência do SFM e dos procedimentos que deveriam ser tomados, mas também sabiam que a apelação a este órgão poderia levar a consequências dúbias: tanto à prisão e à deportação, quanto à obtenção de uma declaração que facilitasse a permanência no local de migração. Assim, nenhum dos entrevistados revela as verdadeiras razões da migração, pois a constituição do Uzbequistão, por exemplo, proíbe a perseguição devido à religião (um dos homens foi perseguido porque exercia rigorosamente os ritos religiosos), à cidadania, à pertença a um determinado grupo social ou ideologia política: ou seja, razões pelas quais (segundo os depoimentos) as pessoas, na prática, fogem do país. O contato com as ONGs de defesa de direitos humanos, como, no caso, com o Comitê de Assistência Civil, é descrito nos depoimentos como um fator positivo que possibilitou, no mínimo, uma oportunidade de “falar a verdade” e ser ouvido sem medo de repressão, além de ser um meio de conseguir ajuda dos advogados de plantão que, no momento das entrevistas, literalmente, salvavam estas pessoas da deportação ao país de origem.

Outros depoimentos que pesquisei são relatos a respeito das causas que levaram ex-moradores da Tchetchênia a saírem da região e dirigirem-se a Moscou. Transcrevo abaixo o relato de Luiza Bakáeva:

Em 1994, quando a guerra começou, eu estava grávida de nove meses. Em 26 de novembro, quando começaram os bombardeios, eu fui levada ao hospital, mas lá não havia ninguém e voltamos para casa. Depois, em 29 de novembro, os bombardeios recomeçaram e eu comecei a sangrar. Eu fui levada para um outro hospital e dei à luz antes do tempo, em 30 de novembro de 1994.

No final de dezembro de 1994, minha casa, um edifício de cinco andares perto da estação ferroviária, ao lado dos escritórios do Ministério do Interior e da KGB, foi destruída por bombas. Com três

filhos e um bebê nas mãos, eu e meu marido fomos para a vila. O neném estava com fungo na boca, com infecção dermatológica, com umbigo sangrando, eu mesma não conseguia nem sentar, nem andar, pois o parto foi muito difícil (...). Em 1996, quando o exército russo estava em Grozny, à noite, às 22:30, explodiram a casa do meu avô e avó. Lá com eles estava a minha filha maior e ela se queimou lá e teve 65% de queimaduras pelo corpo. Isto foi no dia 13 de janeiro, à noite. Ela não podia ser levada ao hospital, pois era o horário do toque de recolher. Um de nossos vizinhos, usuário de drogas, ficou aplicando injeções nas veias dela e consegui fazer ela sobreviver até de manhã. De manhã ela foi levada para a unidade de queimaduras do hospital, onde não havia nenhuma condição de tratamento, só trocavam as faixas dela dia sim, dia não, sob anestesia. Após dois meses ela morreu – no dia 13 de março, no aniversário de um ano de seu casamento.

Ela tinha 18 anos e meio. Depois em agosto os guerrilheiros entraram de novo. Estávamos morando na casa de conhecidos, na frente de uma unidade de exército. 7 de agosto houve uma explosão na rua, começaram a gritar, chamar ajuda. Eu estava ouvindo, mas não queria sair. Eu tinha certeza que meu marido foi atingido, mas até o último momento eu nutria a esperança. Quando eu ouvi no meu pátio muitos homens entrando, eu abri a porta e gritei em minha língua: “Aquilo que eu temia você me trouxe”. Os vizinhos me disseram: “Não grite, traga a almofada e as faixas”. Mas ele não me ouvia, estava deitado como um cadáver. Depois os vizinhos o levaram para um hospital, no meio dos bombardeios...

Outro depoimento é o diário escrito por um homem que decide permanecer em sua vila durante a segunda guerra na Tchetchênia (iniciada em 1999). Ele dedica e dirige o diário a sua família, que ele conseguiu levar embora da Tchetchênia, e descreve em pormenores, dia após dia, a destruição paulatina de sua casa (razão de sua permanência). Ele toma a

decisão de partir quando esta é finalmente destruída por bombas e estilhaços de mísseis.

São páginas e páginas que descrevem as razões pelas quais aqueles que o SFM denomina de “temporariamente deslocados” e “migrantes forçados” deixaram seus locais de moradia e dirigiram-se a Moscou.

Atualmente, pessoas que fugiram das guerras na Tchetchênia são forçadas a retornar aos seus lugares de origem. Existe uma forte pressão tanto por parte do governo da FR, quanto por parte do governo da Tchetchênia, para que não haja mais nem “temporariamente deslocados”, nem “migrantes forçados” provenientes do Cáucaso Setentrional. Sobre a região caucasiana pertencente à FR, enfrentando uma situação de violência e de confrontos armados (Daguestão, Inguchétia, Kabardino-Balkária, Karatchaevo-Tcherkéssia e a própria Tchetchênia), há um discurso oficial propagado pelos meios de comunicação de que a guerra acabou e não existem mais motivos pelos quais os moradores poderiam temer por suas vidas e/ou não conseguiriam meios para a sobrevivência naquela região. Ou seja, a obtenção de um estatuto oficial de temporariamente deslocado ou migrante forçado tornou-se impossível para os ex-moradores do Cáucaso setentrional.

\*\*\*

Se na década de 1990 e início da década de 2000 a maioria dos migrantes que vinha para Moscou pertencia às categorias de refugiados ou migrantes forçados, hoje em dia predomina a migração por razões econômicas e a maioria dos migrantes e imigrantes é de trabalhadores temporários, popularmente conhecidos como *gastarbaiters*<sup>125</sup>. O aumento da migração por razões econômicas é comum em muitos países do mundo e, segundo Oliveira, entre outros pesquisadores,

O fenômeno migratório não é algo novo, mas certamente recebeu um grande impulso desde que a globalização foi acelerada. Num primeiro

---

<sup>125</sup> O termo *Gastarbaiter*, amplamente usado na Rússia contemporânea para os migrantes econômicos é uma adaptação de palavra alemã *Gastarbeiter* (*Gast* + *Arbeiter* = Hóspede + Trabalhador). Esta palavra foi introduzida pela mídia na década de 1990, primeiramente em Moscou e São Petersburgo, e, hoje em dia, se tornou um sinônimo para os trabalhadores migrantes.

momento, as guerras e as disputas de poder produziram um número significativo de exilados e refugiados políticos. Mas atualmente, a motivação econômica e a facilidade de deslocamento intensificaram a circulação de pessoas por diferentes países em busca de melhores condições de vida. (OLIVEIRA 2007: 66,67)

A maioria dos migrantes econômicos vem para Moscou ou das ex-repúblicas soviéticas, principalmente da Ásia Central (mas também da Moldova, Ucrânia e Bielorrússia) e, neste caso, assim como os migrantes da China, do Afeganistão, da Coreia do Norte e do Vietnã, são considerados estrangeiros; ou vem de outras regiões da Rússia, principalmente do Cáucaso Setentrional. Se na década de 1990 a presença de “outros” era relacionada à suposta ameaça terrorista, atualmente o fator que predomina é a falta de emprego, a situação social e econômica precária de uma grande parcela da população na Rússia contemporânea, e a insatisfação que muitas vezes se dirige aos “quem vêm de fora” está ligada ao fato de que estes, supostamente, ocupam os postos de trabalho disponíveis anteriormente para a população local.

No entanto, contrariando este senso comum e o discurso da mídia, que representa a permanência de migrantes como causa do desemprego e do crescimento da criminalidade, pesquisas científicas demonstram uma realidade bastante diferente, principalmente em Moscou, onde a população envelhece e, simplesmente, não existe força de trabalho necessária para atender a demanda do mercado (Cf. ZAIONTCHIKOVSKAIA, MKRTCHAN 2009). Na realidade, existe a necessidade de atrair os migrantes para a cidade e para o país, fenômeno que perdurará durante as próximas décadas, pois a tendência demográfica é de envelhecimento da população. O que acontece então? Por quais razões estes dados não chegam até a mídia, por que a população os desconhece? Por que, pelo contrário, são divulgadas as informações sobre a criminalidade “étnica” em Moscou? Por que a presença de migrantes é percebida como um fato alarmante a ameaçador?

Segundo Leokádia Dróbijeva<sup>126</sup>, a situação migratória é heterogênea e varia de uma

---

<sup>126</sup> Leokádia Dróbijeva, do Instituto de Sociologia da Academia de Ciências da FR, é uma das pesquisadoras mais importantes da atualidade sobre os processos migratórios na Rússia contemporânea. Realizei uma

região para outra<sup>127</sup>. Em alguns locais, os migrantes vêm ocupando as esferas anteriormente preenchidas pela população local, e aí realmente existe concorrência e embate entre eles. No entanto, em muitas regiões, os migrantes vão trabalhar em setores que se encontravam vazios, com déficit de trabalhadores. No caso de Moscou, por exemplo, há alguns anos havia uma grande demanda de trabalhadores no setor de limpeza urbana e serviço pesado, principalmente nos meses de inverno. Hoje em dia, os trabalhadores provenientes da Ásia Central ocupam estes postos de trabalho.

Muitas reclamações da população local têm sentido: trabalhadores migrantes encontram-se em situação de uma dependência econômica e social muito maior, já que os trâmites para a obtenção de legalidade são difíceis, e, portanto, aceitam menores salários e piores condições para o exercício de suas funções. Os empregadores não raramente preferem lidar com trabalhadores que não possuem permissão legal de trabalho, podendo assim manipulá-los e explorá-los, sem se preocuparem com o pagamento de salários ou a com as condições precárias de trabalho.

Em Moscou, existe grande disparidade entre o número de cotas anualmente anunciadas pelo SFM para vagas de trabalho oferecidas a migrantes e a necessidade real de força de trabalho, calculada por instituições de pesquisa como, por exemplo, o Instituto de Sociologia da Academia de Ciências da Federação Russa.

Conforme Vladimir Mukomel'<sup>128</sup>, esta disparidade não pode ser considerada acidental. Considerando as pesquisas realizadas no campo de estudos multidisciplinares sobre os processos migratórios na Rússia contemporânea, os órgãos governamentais precisaram elaborar uma política que possibilita lidar com a situação migratória que se configurou nos últimos anos. Existem regiões na Rússia que atualmente são e continuarão sendo lugares de êxodo migratório devido ao alto nível de desemprego local, à desestruturação econômica e/ou aos cenários de violência e de conflitos armados. Daguestão, por exemplo, é uma região que apresenta todas estas características: após o fim da URSS, a indústria local parou

---

entrevista com a pesquisadora em agosto de 2008, durante o trabalho de campo em Moscou.

<sup>127</sup> Sobre isso, ver Entrevista (2009).

<sup>128</sup> Vladimir Mukomel' é pesquisador do Instituto de Sociologia da Academia de Ciências da FR (Centro de Pesquisas Etnopolíticas e Regionais) e um dos mais notórios pesquisadores de processos migratórios na Rússia contemporânea. Realizei uma entrevista com o pesquisador em agosto de 2008 durante o trabalho de campo.

de funcionar, o desemprego que já era grande aumentou mais ainda e, hoje em dia, a região passa por uma situação de conflitos armados. Em seu depoimento, Mukomel' contou que todo dia três ônibus cheios saem da capital do Daguestão para Moscou, e ainda há o trem e o aeroporto com as linhas diárias para a capital da Rússia. Todas as repúblicas situadas no Cáucaso Setentrional encontram-se numa situação similar. Por outro lado, grandes cidades como Moscou representam um centro de atração para os migrantes devido ao crescimento econômico e à concentração de renda, fatores que permitem uma maior chance de encontrar um emprego. Na Rússia, a tendência para os próximos anos é de intensificação ainda maior de fluxos migratórios. Desta maneira, não houve e não existe a possibilidade do governo permanecer omissos perante esse cenário, já que a situação persistirá. O pesquisador foi muito enfático durante nossa conversa e apontou que, entre dois caminhos possíveis de lidar com a questão migratória, o governo escolheu o pior deles, aquele que gera desconfiança, preconceito e não resolve as questões políticas, econômicas e sociais colocadas no cenário atual, explicitado acima. O primeiro caminho seria a escolha de uma política que, apoiando-se em dados de pesquisa, possibilitaria a organização de fluxos migratórios e procuraria facilitar os procedimentos para a permanência legal de trabalhadores em seus locais de destino. Não haveria a negação da existência de graves problemas sociais e econômicos em muitas regiões do país e haveria trabalho tanto com a população receptora, tanto com os próprios migrantes para a aceitação mútua. Mas o principal seria a legalização de trabalhadores possibilitando a eles e a suas famílias o acesso aos serviços de saúde, de educação, de moradia, de cultura etc. Para isto, os procedimentos jurídicos para a obtenção de registro de residência e permissão de trabalho deveriam ser modificados e facilitados, a corrupção existente teria de ser combatida e as pesquisas sobre a oferta e a demanda no mercado de trabalho realizadas constantemente. Esse caminho traria bons resultados, já que existe esta clara separação no país das regiões que demandam força de trabalho migrante e que possivelmente continuarão demandando no futuro devido aos processos demográficos, como o envelhecimento da população e a diminuição da natalidade. No entanto, o caminho que foi adotado é diferente. O SFM e os órgãos municipais e regionais que lidam com a migração não levam em conta os dados das pesquisas que apontam que há uma demanda real de trabalhadores no mercado de trabalho nas grandes cidades, e continuam a oferecer

um número muito pequeno de cotas de trabalho para os migrantes. Deste modo, a maioria de trabalhadores acaba sendo obrigada a trabalhar ilegalmente, enfrentando muitas dificuldades. Por outro lado, na mídia predomina o discurso que associa a presença de migrantes com o aumento de precariedade econômica e de criminalidade. Não existindo posicionamento oficial por parte do governo contra tal discurso, pode-se deduzir a conivência com o preconceito contra migrantes. Por que foi escolhido este caminho, ao invés do outro? Segundo Mukomel', a aceitação da necessidade de regulação e organização de fluxos migratórios exigiria do governo a reestruturação de vários setores institucionais e um sério combate à corrupção, decisão que necessariamente levaria à reconfiguração de relações de poder no país.

Migrantes ilegais, mal remunerados concentram-se nas periferias de centros urbanos como Moscou, bairros que já possuem níveis mais altos de criminalidade. Sem acesso aos serviços de saúde, eles encontram-se em situação precária e apresentam uma incidência maior de doenças; questões que eu costumava colocar durante as conversas sobre o fenômeno da migração em Moscou. A resposta mais comum ouvida durante as conversas informais era de que em Moscou há muitíssimos problemas, o trabalho está difícil, existe uma enorme disputa de vagas para entrar em escolas e creches públicas, que não atendem a todos, as filas em hospitais estão enormes e, devido a todos esses fatores, “os de fora” não precisam vir até aqui em busca de uma vida melhor, pois a vida não é melhor aqui e com a presença dos “outros” torna-se ainda mais difícil.

Jornalistas, por sua vez, silenciam os dados sobre a necessidade de força de trabalho migrante em Moscou e escrevem sobre o dinheiro russo que vai para Tajiquistão, Quirguistão e outros países, já que os migrantes, trabalhadores temporários, enviam grande parte de seus salários para as famílias que residem em suas terras natais<sup>129</sup>. Além disso, como havia mencionado antes, os noticiários sobre a criminalidade sempre enfocam a origem não-russa dos transgressores da lei e, no caso do preso ser russo, sua nacionalidade não é mencionada. A imagem negativa do “outro” - migrante - forma-se, em grande parte, a partir deste discurso midiático.

---

<sup>129</sup> Sobre isso ver Tchubakha (2011).

Mesmo que a maioria de migrantes seja composta de “russos étnicos”<sup>130</sup>, o tema da migração é marcado pelo discurso xenófobo e do preconceito étnico, seja contra os representantes de outras nacionalidades (“não-russos”, “não-eslavos”), seja contra os “russos étnicos”. O grau de rejeição é certamente diferenciado, mas no limite teríamos uma divisão básica entre o “nós”, de dentro, e os “outros”, de fora. No entanto, o senso comum julga que a maioria dos migrantes é de origem étnica diferente dos moradores nativos.

Recentemente, o secretário de imprensa do SFM declarou em uma entrevista à rede de comunicação BBC que a questão da migração está ligada à sobrevivência da raça branca e que, na Rússia, esta questão é bem sensível<sup>131</sup>. A declaração teve grande repercussão na mídia e, passados alguns dias, o secretário foi demitido. Todavia, esta percepção da realidade social na Rússia contemporânea é emblemática, principalmente, tratando-se de um porta-voz do órgão responsável pela organização dos fluxos migratórios, pela recepção de migrantes forçados e refugiados. E essa percepção é também a mais comum em reportagens na TV e nos jornais, impressos ou eletrônicos, mais populares na FR: nessas reportagens, a migração aparece como etnicamente marcada e, como já foi apontado anteriormente, ligada ao aumento da criminalidade e à acentuação de problemas sociais.

As percepções da realidade contemporânea entre os grupos “nós” e “outros” são contraditórias. Os moradores locais temem os refugiados das guerras na Tchetchênia, por considerá-los cúmplices e envolvidos nos ataques terroristas. Os refugiados compreendem o deslocamento para os grandes centros urbanos da FR ou para o exterior (mais raramente, devido às dificuldades de procedimentos legais) como única possibilidade de sobrevivência e condenam os atos terroristas que, em sua visão, só servem para intensificar a repressão e o mal-estar. Os “insiders” reagem com negatividade à presença e ao aumento da migração. Os migrantes trabalhadores não são bem-vindos, são discriminados tanto pelos policiais e burocratas, quanto pela população local. Os migrantes entendem sua mudança da terra natal como uma contribuição ao desenvolvimento das cidades, já que ocupam principalmente os segmentos de mercado de trabalho com deficiência de trabalhadores (construção civil e

---

<sup>130</sup> Expressão utilizada para se referir aos russos originários de outras repúblicas da antiga União Soviética, seguindo o modelo alemão de *Volkdeutsche*, “alemães étnicos”, famílias de “origem alemã”, há décadas, ou mesmo séculos, distribuídas por boa parte da Europa central e oriental, pelos Bálcãs e mesmo pela antiga União Soviética.

<sup>131</sup> Cf. Nikólskaia (2011).

limpeza urbana, no caso de Moscou e São Petersburgo).

E não há diálogo entre estes dois modos de percepção. As vozes dos “outros” são silenciadas, impossíveis de serem ouvidas. O coro do “nós” é amplo: é a voz da mídia, é a voz do governo, é a opinião de meus interlocutores do segundo grupo<sup>132</sup>. Mesmo elogiando o trabalho de migrantes da Ásia Central, por exemplo, os moradores locais concordam que sua presença é um fator indicador de uma situação econômica e política precária, mas também é um fator negativo: “Já que estão aqui, vamos usá-los, mas seria melhor se eles não estivessem aqui” - foi o depoimento que escutei mais de uma vez ao indagar sobre os elogios que os trabalhadores migrantes recebiam. Uma conversa interessante sucedeu com uma moradora de Moscou de meia idade (na faixa dos 50), professora de uma universidade pública. Após elogiar o serviço de um migrante quirguiz contratado para fazer reforma em sua casa, elogiar sua presteza e humildade e (algo crucial para o contexto local) sua aversão às bebidas alcoólicas, ela falou com bastante irritação sobre sua percepção negativa do modo como as mulheres moscovitas vestem-se e comportam-se. Ao mesmo tempo, a preocupação desta professora foi de que um aumento significativo de migrantes provenientes das áreas rurais da Ásia Central poderia influenciar em padrões culturais e comportamentais locais, e que precisaria controlar o número de migrantes e os obrigar a aceitar e a seguir as normas sociais “de raiz” (*korennyie*), na expressão dela. A heterogeneidade de migrantes e refugiados é percebida pela população local e apresentada pelos meios de comunicação como um fenômeno homogêneo, com características sociais e culturais comuns e idênticas, e, o mais importante, divergentes dos padrões locais.

Esta situação é comum em muitos países, outrora centros colonizadores. No caso da FR, a dicotomia entre os moradores locais e a população migrante e a pauta do convívio entre os “de dentro” e os “de fora” pela xenofobia e pelo preconceito é constituída em relação aos períodos históricos anteriores, nos quais havia uma forte presença - no imaginário coletivo e no discurso governamental - de “inimigos”, de “outros” antagônicos. A constituição do conceito “etnia” no período soviético também contribuiu para a “etnização” (Cf. MILES 2008: 122-125) das relações e das diferenças sociais, tanto antes, como atualmente.

---

<sup>132</sup> Relembrando que o segundo grupo de interlocutores é aquele constituído por pessoas sem engajamento nas questões relativas à denúncia da guerra na Tchetchênia e da xenofobia.

**VOCABULÁRIO DAS PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS:  
AS RETÓRICAS DE EXCLUSÃO**



O discurso xenófobo tem como foco as diferenças, o que cria uma situação bastante ambígua, pois o direito e o respeito à diferença formam a pedra angular do antiracismo contemporâneo, assim como das teorias do multiculturalismo e do diferencialismo. As teorias racistas contemporâneas tendem a substituir a suposta desigualdade biológica pela absolutização da diferença cultural, sem criar hierarquias entre as culturas e teorias sobre sua desigualdade. Ao invés disso, se afirma um caráter rígido, quase que natural (aqui certamente nota-se a aproximação com a teoria racista de Chamberlain e Gobineau, que apelava às diferenças biológicas das raças humanas) das diferentes culturas que, entrando em contato, não se assimilam e não se misturam, mas, pelo contrário, tendem a dissolver e a prejudicar suas respectivas integridades.

Desta maneira, a definição do racismo como uma teoria sobre a desigualdade racial dos grupos humanos dificilmente ajuda na solução e na compreensão dos problemas contemporâneos do aumento da xenofobia e do preconceito racial, não dando conta das afirmações neo-racistas. Esta antiga definição até hoje em dia é operante nos meios antiracistas engajados e se resume à seguinte descrição, citada por Taguieff, em introdução à coletânea de artigos sobre as metamorfoses do racismo contemporâneo (1992: 17):

<...> le racisme est une idéologie dont le noyau dur est constitué par l'affirmation d'une inégalité, fondée sur des différences de nature, entre les groupes humains (races), affirmation qui implique des pratiques d'exclusion, de discrimination, de persécution ou d'extermination, que préparent et/ou accompagnent des attitudes de haine et de mépris (de « l'autre »).

Atualmente, as práticas da discriminação não se fundamentam na suposta inferioridade de certos grupos, mas em seu “caráter cultural diferente”, em sua “cultura incompatível”. Esta mudança de discurso se deu após a destruição do conceito pseudocientífico da existência de raças humanas biologicamente diferentes entre si. O neo-racismo contemporâneo foi reformulado e passa a ser chamado de “racisme culturel”, que, nas palavras de Taguieff (1992 : 36), é “une théorie de la détermination totale de l'individuel par un jeu de facteurs sociaux ou culturels”, – ou ainda de “fundamentalismo cultural”,

usando o termo de Stolcke (1995). Mas, por que continua sendo racismo?

Stolcke faz uma análise detalhada a respeito da noção de racismo cultural de Taguieff (STOLCKE 1995: 4):

Taguieff's (1981) is probably the most detailed, though controversial, analysis of ideological developments among the various tendencies of the French right since the seventies. It is controversial because the author at once harshly criticizes antiracist organizations for invoking, in their defense of immigrants' "right to difference", what he regards as an equally essentialist conception of cultural difference (see also Duranton-Crab 1988). The French right began orchestrating its anti-immigrant offensive by espousing what Taguieff has termed a "differential racism", a doctrine which exalts the essential and irreducible cultural difference of non-European immigrant communities whose presence is condemned for threatening the "host" country's original national identity. A core element of this doctrine of exclusion is the repudiation of "cultural miscegenation" for the sake of the unconditional preservation of one's own original purportedly biocultural identity. By contrast with earlier "inegalitarian racism" (Taguieff's term), rather than inferiorizing the "other" it exalts the absolute, irreducible difference of the "self" and the incommensurability of different cultural identities. A key concept of this new rhetoric is the notion of enracinement (rootedness). To preserve both French identity and those of immigrants in their diversity, the latter ought to stay at home or return there. Collective identity is increasingly conceived in terms of ethnicity, culture, heritage, tradition, memory, and difference, with only occasional references to "blood" and "race." As Taguieff has argued, "differential racism" constitutes a strategy designed by the French right to mask what has become a "clandestine racism".

Houve tentativas de substituir o nome deste fenômeno, pois

L'accusation raciste s'appuie tantôt sur une différence biologique, tantôt sur une différence caractérologique, tantôt sur une différence culturelle. Tantôt elle

part de la biologie, tantôt de la culture, pour généraliser ensuite à l'ensemble de la personnalité, de la vie et du groupe de l'accusé. (...) En somme, nous nous trouvons devant un mécanisme infiniment plus varié, plus complexe et malheureusement plus courant que peut le laisser croire le terme strict de racisme. Il faudrait songer à le remplacer par un autre mot, ou une locution, qui exprimerait à la fois la variété et la parenté des démarches racistes. (TAGUIEFF 1992: 40)

Porém, este racismo cultural opera com as mesmas distinções com as quais operava o racismo biológico, o que implica o contínuo uso do conceito em pesquisas contemporâneas sobre a questão. Segundo Taguieff (1992: 51):

Le neo-racisme culturel et différentialiste privilégie les arguments fondés sur la structure du réel. Mais le réel anthropologique est ici réduit à l'immédiatement perceptible, et en particulier au plus visible: tout le monde peut voir les différences de couleur de peau, ou entendre les différences de langues ou d'accents.

Na Rússia contemporânea, o discurso contra a imigração pode ser considerado um discurso racista, ao insistir na impossibilidade de convivência com os migrantes vindos de outras regiões e portadores de uma cultura diferente, o que ameaçaria a cultura local. A ideia da existência de um “choque entre civilizações diferentes” é um tema constante em materiais escolares na FR (Cf. SHNIRELMAN 2006a) e o direito de defender os costumes locais contra a “invasão” de outras culturas é proclamado como legítimo<sup>133</sup>. Paradoxalmente, o substancialismo e a essencialização das culturas caminham junto com o multiculturalismo e o diferencialismo. A “necessidade” da assimilação apresenta-se como outra questão que exige uma análise específica. Aqui afirmo somente que a assimilação pretendida das “culturas alheias” enquadra-se dentro do discurso nacionalista, aquele que afirma a superioridade ou a primazia das “culturas locais” em relação às “vindas de fora”.

---

<sup>133</sup> Da população urbana de Moscou ou São Petersburgo, em exemplos citados por Mal'kova (2007).

O nacionalismo, neste caso específico, acaba por viabilizar a discriminação e a xenofobia, sendo que a cultura nacional se torna um fenômeno rígido, bem definido e ameaçado de destruição. O tempo é percebido como se fosse congelado, imóvel - é um tempo eterno, pois a cultura local, segundo a teoria nacionalista, sempre foi assim, formou-se um dia e continua imutável. Pertencer a esta cultura só é possível para aquele indivíduo que nasceu e foi criado dentro dela, ou seja, aquele que a ela pertence espacialmente (STOLCKE 1995: 9). A situação de afirmação da “identidade nacional” (percebida como “cultura”) é comum em muitos países colonialistas e a seguinte declaração sobre o cenário contemporâneo francês facilmente poderia ser aplicada às circunstâncias atuais da Rússia:

Le discours anti-immigrés, essentialisant, globalisant et démonisant les étrangers « indésirables » de diverses manières (« les Arabes », «l’immigration », etc.), est un discours raciste qui se présente comme une réaction normale de citoyens français excédés, submergés, en état de légitime défense contre une invasion ou une agression, sous le label de « préférence nationale ». (Taguieff 1992: 44)

O aumento da xenofobia revelou-se como um fenômeno que acompanhou as tentativas de superar a crise do fim da URSS. Hoje em dia, a agressão e a xenofobia concentram-se (2/3 de todas as respostas às pesquisas sobre a questão) em pessoas vindas da região de Cáucaso, em ciganos e em migrantes da Ásia<sup>134</sup>. Neste contexto, vale a pena recordar que nem o extermínio dos povos do Cáucaso durante a colonização, nos séculos XVIII e XIX, nem as deportações stalinistas são reconhecidos como crimes de genocídio, apesar de um claro enquadramento destes acontecimentos dentro da descrição adotada pela convenção da ONU<sup>135</sup>. Inclusive, a história das deportações está desaparecendo dos livros

---

<sup>134</sup> Dados de 2008, disponíveis em: <<http://www.levada.ru/archive/mezhetnicheskie-otnosheniya/v-kakoi-mere-vy-gotovy-imet-delo-so-sleduyushchimi-natsionalno-8>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

<sup>135</sup> Segundo a convenção da ONU – ou tratado de Genebra: “Entende-se por genocídio qualquer dos seguintes atos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, como tal:(a) matar membros do grupo;(b) causar lesão grave à integridade de física ou mental de membros do grupo;(c) submeter intencionalmente o grupo a condições de existência capazes de ocasionar-lhe a destruição física total ou parcial;(d) adotar medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo;(e) efetuar a transferência forçada de crianças do grupo

didáticos da rede escolar da Rússia, junto com a memória das repressões stalinistas, com o intuito de uma representação “mais positiva” do passado (SHNIRELMAN 2006a).

“Indivíduo de nacionalidade caucasiana”, um termo pejorativo usado tanto na linguagem oficial (atos judiciais, declarações do governo etc.), quanto no dia-a-dia das pessoas, exemplifica bem a aceitação e a impunidade da retórica racista e xenófoba na Rússia de hoje. Esta expressão surgiu na época da URSS dentro dos círculos militares e foi usada pelo comando do exército para descrever as relações não formais entre os rapazes durante o serviço militar obrigatório. Um dos problemas ainda atuais na FR é a impossibilidade de servir o exército perto de sua casa, em sua cidade, região ou república. Essa regra vale para todos os cidadãos do país, independentemente de sua procedência. Antes do fim da URSS, tal prática era justificada pela necessidade de inculcar valores internacionais na população jovem masculina e de combate à corrupção e ao sistema de privilégios entre os parentes, conhecidos etc. Os soldados deveriam perder suas identidades nacionais e regionais e adquirir uma nova identidade universal soviética. Além disso, existia e existe dentro do exército uma rígida hierarquia entre os novatos e aqueles que já se encontram no segundo ano de serviço, fenômeno amplamente conhecido e denunciado como *dedovschina*<sup>136</sup>, causa de múltiplos crimes e humilhações. Um dos jeitos de resistir a este tipo de discriminação passou a ser a organização informal e espontânea dos jovens pelo princípio de procedência territorial, fato que, por sua vez, criou a hierarquia entre os eslavos (maioria predominante em todas as unidades, independentemente de sua localização geográfica) e os não-eslavos, que passaram a ser taxados de “indivíduos de nacionalidade caucasiana” ou “asiática”.

Este jargão discriminatório rapidamente foi assimilado pela população civil e, hoje, constitui uma das expressões mais usadas para a descrição e a nomeação do “inimigo”, ou do grupo “hostil”, em relação à população local, indicando a continuidade com o período histórico precedente no uso das definições discriminatórias.

O uso das expressões “indivíduo de nacionalidade caucasiana” ou “asiática” se enquadra dentro do discurso racista devido, por exemplo, à óbvia inexistência de tais

---

para outro grupo”.

<sup>136</sup>

*Dedovschina*, de *ded*: avô, velho. De *ded* são chamados os veteranos no exército.

nacionalidades. A origem territorial das pessoas aparece neste discurso como determinante de seus comportamentos, traços de caráter, modos de agir, aparência etc. Tanto as qualidades biológicas (a cor de pele, a vitalidade, a fertilidade), quanto as características culturais são atribuídas às pessoas segundo sua procedência, ou descendência. Neste caso, o termo “racismo” para descrição das situações de uso das expressões discriminatórias parece inquestionável, inclusive se trata de racismo biológico (já que marcado por características fenotípicas), juntamente com o neo-racismo cultural.

“Indivíduo de nacionalidade caucasiana” foi uma expressão que passou a ser usada ainda no período soviético. Como foi possível concomitantemente o uso de expressões racistas e a ideologia internacionalista na antiga União Soviética?

Ao pesquisar o uso das retóricas de exclusão na URSS, deparei-me com uma situação aparentemente paradoxal e ambígua. Se, por um lado, foi elaborada uma crítica contundente da teoria racial nazista e o racismo fora denunciado e interpretado como uma ideologia capitalista; por outro, vários conceitos racistas entraram em uso no mesmo período. Assim, a teoria racial foi criticada pelos cientistas soviéticos a partir da década de 1930 e as afirmações contra o racismo científico apareceram na URSS antes que em outros países. Em 1930, alguns autores soviéticos propuseram a revisão radical da concepção da raça: o africanista Chiik (1930) descreveu o conceito biológico de raça como um conceito abstrato e propôs sua substituição pelo conceito “raça social” (SHNIRELMAN 2011. Vol. 1: 228). Em 1938, no Museu de Antropologia da Universidade Estatal de Moscou foi aberta uma grande exposição dedicada ao combate da teoria racial do fascismo (SHNIRELMAN 2011. Vol. 1: 231). A relação da “nação” com a “raça” também foi negada pelos cientistas soviéticos na década de 1930. No entanto, a “nação” era definida, a partir das teorizações de Stálin, como “uma comunidade que compartilha de mesma constituição psicológica” (Ibidem: 231). Outro fato importante é que ao negar a hereditariedade de características comportamentais, apostava-se na possibilidade de correção através de trabalhos forçados daquelas práticas sociais compreendidas como “desvios” (nacionalismo, homossexualidade, só para citar alguns).

Já a partir de 1938 e, principalmente, com a assinatura de Pacto Mólotov-

Ribbentrop<sup>137</sup> e até o fim do governo de Stálin (1953), não foram mais editadas publicações que abordavam a crítica da teoria racial (SHNIRELMAN 2011. Vol. 1: 234-235). A partir de abril de 1938, a nacionalidade, item obrigatório nos documentos de identidade soviéticos, cessou de ser livremente escolhida e deveria obrigatoriamente ser idêntica à nacionalidade de um dos pais (Ibidem: 236). Outra característica do período stalinista foi o antisemitismo. Os caucasianos também foram alvo de perseguição e de discriminação: as deportações de populações do Cáucaso setentrional, em 1944, foram realizadas sem julgamento, sendo a pertença a certa nacionalidade ou etnia o fator determinante da punição.

Ao descrever a abordagem das teorias racistas durante a época stalinista (1924-1953), Shnirelman apresenta a seguinte síntese (Ibidem: 234, 235):

Vale a pena notar que após 1938 e até o fim da época stalinista, não foi publicado na URSS nenhum trabalho científico com a análise do racismo e de suas causas sociais e filosóficas. A análise estatística da literatura crítica antiracista, publicada na URSS, entre 1931 e 1941, demonstra a seguinte tendência. A publicação de alguns raros trabalhos no início da década de 1930, foi substituída por um aumento significativo destas publicações a partir de 1934 (com a chegada de nazistas ao poder na Alemanha e suas primeiras ações racistas, em 1933). Depois houve uma decaída e, em 1938, um novo aumento de publicações antiracistas, causado pelos fatores políticos internacionais. Em 1939, o número destas publicações passou a decrescer significativamente; e, em 1940, cessou por completo: fato, sem dúvida, decorrente de Pacto Molotov – Ribbentrop. E, por final, com o início da Segunda Guerra Mundial, a quantidade da literatura antifascista publicada no país aumentou, no entanto, se tratava de edições de propaganda, que não apresentavam nenhum carácter analítico e foram publicadas em jornais e revistas populares.

---

<sup>137</sup> O Pacto Mólotov – Ribbentrop (*Deutsch – Sowjetischer Nichtangriffspakt*, em alemão), foi um acordo intragovernamental assinado pelos Chefes dos Departamentos de Assuntos do Exterior da URSS e da Alemanha, em 23 de agosto de 1939. Foram acordados: 1. A neutralidade mútua (o comprometimento da Alemanha e da URSS de não se atacar); 2. A neutralidade em caso de ataque a um dos dois países por algum terceiro; 3. A troca de informações de interesse de uma ou ambas as partes; 4. A divisão de esferas de interesse de ambos os países (a divisão da Polônia; a anexação dos países Bálticos e da Finlândia à URSS).

Na URSS a etnia foi pensada pelos cientistas soviéticos como uma identidade determinada pelos fatores biológicos e psicológicos e, assim, aproximava-se da noção de raça<sup>138</sup>. Vale a pena notar, que na URSS não se falava da identidade étnica, mas de pertença étnica (Ibidem: 248). Alguns pesquisadores, como Bonnet (2002) afirmam que a racialização na URSS ocorria em forma de etnização. Foi Stalin, responsável inicial das diretrizes da política nacional da URSS nos anos 1920, quem formulou o conceito “científico” do caráter psicológico individual pertencente a cada etnia específica (STALIN 1951). Desde então e até os dias de hoje os cientistas empregam a psicologia para analisar as origens dos conflitos considerados interétnicos e/ou nacionais. Assim, uma das teorias sobre a origem dos conflitos no Cáucaso setentrional muito discutida em círculos acadêmicos da Rússia contemporânea é a hipótese do historiador Mark Bliev, que considera a crueldade e a prática de seqüestros características “etnogenéticas” dos inguches que estariam associadas ao período de formação social tribal (BLIEV 1983). Bliev defende esta teoria usando expressões como “arquétipos étnicos” ou “caráter étnico”. Outros cientistas também exploravam a idéia de um temperamento “passional” dos inguches e dos tchetchenos (TCHOMAEV 1972). Estas concepções, por sua vez, foram bem aceitas pelos jornalistas que escreviam sobre os conflitos contemporâneos no Cáucaso deduzindo as causas dos confrontos de uma incompatibilidade de “organismos etno-sociais” russos e caucasianos (SHNIRELMAN 2005, 2006a).

O termo “organismo etno-social” foi introduzido no vocabulário científico pelo etnógrafo soviético Iulian Bromlei e tornou-se um dos fundamentos mais importantes da teoria soviética de etnia, a partir da década de 1970<sup>139</sup>. *Etnos* (этнос)<sup>140</sup>, segundo Bromlei (1983b: 57-58), é

<...> uma agrupação humana de várias gerações, constituída historicamente num território específico, e que possui não somente as características comuns; mas, também, as peculiaridades, relativamente estáveis, de cultura

---

<sup>138</sup> Sobre esta relação ver também Stolcke 1993.

<sup>139</sup> Para a teoria de etnicidade na URSS ver BROMLEI; KOZLOV 1989: 425-438; GREENFELD 1988; HIRSCH 2002; WEITZ 2002a, 2002b.

<sup>140</sup> Corresponde à “etnia”, em português.

(incluindo a língua) e de mentalidade; e a noção de sua unidade, em comparação a todas as outras formações (autoconsciência), fixada em seu próprio nome (etnônimo)<sup>141</sup>.

Bromlei introduz o termo “etnikos” (do grego), que seria o sinônimo de “etnia”, quando esta é compreendida restritamente, sem ser relacionada à “nacionalidade”. Para Bromlei (1983b: 59),

cada pessoa adulta, independentemente de onde ela esteja, necessariamente pertence a algum etnikos: ou ao seu núcleo central, ou a sua parte “periférica”. Em função disto, a humanidade em qualquer momento de sua história é uma aglomeração de etnikos distintos.

Já para descrever como a “etnia” e a “nacionalidade/ nação” estão relacionadas, Bromlei formula o conceito de “organismo etno-social” (1983b: 62-64):

Dentre as formações étnicas compactas, um lugar peculiar ocupam aquelas entrelaçadas com os assim chamados organismos sociais. Organismos sociais são as sociedades territoriais-políticas, que representam as macrounidades autônomas do desenvolvimento social (tribos – nas sociedades pré-históricas; estados – nas sociedades de classes). As formações que surgem durante este processo em muitos casos possuem uma autonomia que traz as condições favoráveis para a estabilidade da etnia e para sua reprodução.

Tais formações caracterizam-se pela unidade étnica (cultural, antes de tudo) e, frequentemente, pela unidade territorial, econômica, social e política (este seria, por assim dizer, o exemplo máximo). Mas as principais componentes de um organismo etno-social são, sem dúvida, os fatores

---

<sup>141</sup> Cito no capítulo II (p. 75) como a autonomeação *notchkhil* e *vainakhi* foi substituída por *tchetchenos* e *inguches*, no início da colonização do Cáucaso setentrional pelo império russo. Vale notar que a autonomeação *vainakhil* (que significa “nosso povo”) atribuía-se aos povos falantes de idiomas diferentes, de religiões diferentes (muçulmanos e pagãos), de ocupações diferentes (pastores e agricultores, por exemplo), mas que compartilhavam de mesmo modo de organização social (*teipes* e direito *adat*).

étnicos, por um lado, e social-económicos, por outro. Consequentemente, cada organismo etno-social inclui aquela parte de etnikos correspondente que se situa no território compacto dentro de uma formação política e que representa, por assim dizer, uma unidade social-económica.

Compondo, como se sabe, a base de todos os fenômenos sociais (inclusive dos étnicos), - os fatores social-económicos são muito mais móveis de que estes últimos (étnicos). Justamente por causa deste certo conservadorismo e da autonomia das características étnicas, existe a possibilidade de conservação de um mesmo (em parâmetros étnicos) etnikos durante as diferentes formações social-económicas. Por exemplo, o etnikos polonês existiu no feudalismo e no capitalismo, e continua existindo no socialismo (por isto, falamos de poloneses tanto em relação à época feudal, quanto às épocas capitalista e socialista).

No entanto, o organismo etno-social se representa como um fenômeno diferente. Sua pertença a tal ou qual formação lhe atribui um caráter específico. Este fato justifica a comum em dias de hoje distinção entre vários tipos históricos das formações etno-sociais: tribo, povo minoritário (*narodnost*), nações burguesa e socialista.

Interessante que até a década de 1970, o “caráter psicológico” das etnias ou das nações foi um conceito bastante criticado dentro de estudos etnográficos na URSS. Shnirelman aponta os críticos da “psicologização” da etnia ou da nação e descreve os princípios usados por Iulian Bromlei para a conceituação de características psíquicas dos grupos sociais (SHNIRELMAN 2011 (1): 267-269):

O destacado etnógrafo soviético S.A. Tókariev não encontrava nada de útil para uma análise científica na concepção de “constituição psíquica” e não usava este conceito para sua conceitualização de “etnia”. Outro etnógrafo importante da época, N.N. Tcheboksárov, também evitava o uso deste conceito (“constituição psíquica”), analisando, ao invés disto, a autocompreensão étnica. O filósofo I.S. Kon advertia sobre uma

compreensão ingênua de que os povos, similarmente aos indivíduos, possuem traços psicológicos rígidos e duvidava da possibilidade de constituir um “passaporte psicológico” para tal ou qual povo. Ele também não apoiava o interesse pelas “descrições genéticas que apelam à procedência ou às origens” (dos povos).

Apesar destas advertências, na década de 1970, a conceituação de “psique étnica” passou a fazer parte da teoria soviética de etnicidade. Um de seus precursores, V. Kozlov, questionando a percepção de comunhão de um “carácter nacional” ou de uma “constituição psíquica”, afirmava que alguns povos possuíam “algumas características específicas da constituição psíquica”. Por fim, ele incluía as “peculiaridades da constituição psíquica” nas características de etnia.

<...>

Yu. V. Bromlei escrevia sobre a “constituição psíquica”, compreendo-a como “composição psíquica complexa” que sintetiza as “formações intelectuais, libidinosas e emocionais”. Segundo Bromlei, juntamente aos “estereótipos psíquicos” esta “constituição psíquica” determina os traços comportamentais mais comuns dos membros de etnia. Ele afirmava a existência dos “traços étnicos persistentes” e do “carácter nacional”, baseando-se em teorias marxistas. E concordava que o “carácter étnico” é mutável e que pode-se julgar sobre a “psique étnica” somente baseando-se em indicadores como comportamento ou formas materiais de cultura. Negando a afirmação racista sobre o dote inato de alguns povos, ele, no entanto, escrevia que os grupos étnicos diferenciam-se em suas qualidades, mas atribuía a diferença às qualidades adquiridas no percurso de vida, e não às peculiaridades herdadas naturalmente. Bromlei enfatizava que estas peculiaridades adquiridas que diferenciam as etnias, frequentemente são compreendidas como inatas. Mas, afinal, ele insistia na comunhão de um certo “tipo (carácter) psicológico” dentro de representantes de etnia, independentemente de suas diferenças de classe.

A partir das especulações de Bromlei sobre o “caráter psicológico” das etnias, vários antropólogos passaram a desenvolver as pesquisas que buscavam a comprovação e a conceituação das diferenciações entre os grupos sociais a partir dos fatores biológicos. Assim,

em 7 de julho de 1982, aconteceu no Instituto de Etnografia da Academia das Ciências da Federação Russa uma acalorada discussão proposta por A.F. Dachdamírov<sup>142</sup>. A maioria de seus participantes não discutiam sobre o ser humano e seu universo psíquico particular, mas discutiam a nação (a comunidade étnica) com sua “comunhão de vida espiritual”, seu “caráter nacional” e sua “psicologia nacional”. Curiosamente, durante a discussão o racismo não fora mencionado por ninguém. Yu. V. Bromlei, que participou da discussão, decorria sobre as “diferenciações biopsíquicas dos povos” e demonstrou interesse em “pesquisas biopsíquicas”<sup>143</sup>. Estas afirmações foram apoiadas por G.V. Starovóitova que representou a psicologia como uma “característica biológica de etnia”, enfocou a ideia de Koslov sobre a similaridade de etnias e de populações biológicas e supus que pequenos grupos étnicos com um índice alto de endogamia podem estabelecer características psíquicas “determinadas geneticamente”. (SHNIRELMAN 2011 (1): 271)

“Caráter nacional” foi outro termo usado amplamente no período soviético, e que continua sendo empregado atualmente. Escrevia-se muito sobre as peculiaridades culturais de tal ou qual nacionalidade: literatura nacional, tradição nacional em pintura, por exemplo, foram expressões comuns na época da URSS. Compreendia-se que “as peculiaridades do caráter nacional resultam dos fatores sociais, e não dos fatores biológicos e raciais determinados geneticamente”<sup>144</sup>. A discussão em torno da conceitualização de “caráter

---

<sup>142</sup> Discussão sobre a metodologia de pesquisa dos problemas nacional-psicológicos.

<sup>143</sup> BROMLEI 1983a *apud* SHNIRELMAN 2011 (1).

<sup>144</sup> Gnaténko, P.I. **Caráter nacional: mitos e realidade**. Kiev: *Visha skola*, 1984. P. 108, 113-115, 133 *apud* Shnirelman 2011 (1): 259, 494.

nacional” desenvolveu-se na URSS a partir da década de 1960 entre os filósofos, sociólogos e antropólogos:

<...> o filósofo moscovita I.P. Tsamerián propus usar o conceito “carácter nacional”,o descrevendo como uma “junção de sentimentos e impressões compostas sob a influência da vida material e do meio ambiente durante o processo da formação e do desenvolvimento da nação”<sup>145</sup>. O filósofo ucraniano I.E. Krávťsev também compreendia o “carácter nacional” como um “emaranhado das impressões percebidas a partir do meio ambiente”<sup>146</sup>. Por sua vez, o filósofo V.V. Alekséiev definia o carácter psicológico como uma “junção de variados sentimentos, desenvolvidos historicamente entre as pessoas durante o processo de sua união em uma nação”<sup>147</sup>, (SHNIRELMAN 2011 (1): 260)

Surgiram conceitos e áreas de estudo como “psicologia nacional”; e alguns pesquisadores insistiam na existência de um “carácter nacional soviético”<sup>148</sup>, na “psicologia social idêntica” do povo soviético<sup>149</sup>, ou na necessidade de sua formação<sup>150</sup> (SHNIRELMAN 2011 (1): 262).

Com o fim da URSS, um autor até então conhecido somente em círculos restritos ganhou popularidade nacional ao publicar em várias edições sua concepção de desenvolvimento de etnias e nacionalidades diferentes: Liév Gumilióv, filho de uma das

---

<sup>145</sup> Tsamerián I.P. **Nações e relações nacionais numa sociedade socialista desenvolvida**. Moscou: *Naúka*, 1979. P. 12 *apud* Shnirelman 2011 (1): 260, 495.

<sup>146</sup> Krávťsev I.E. **O desenvolvimento das relações nacionais na URSS**. Kíiev: Editora da Academia das Ciências da República Federativa Socialista da Ucrânia, 1962. P. 87 *apud* Shnirelman 2011 (1): 259, 494.

<sup>147</sup> Alieksiéiev V.V. **Família, tribo, povo, nação como formações históricas de sociabilidade humana**. Moscou: *Gospolitizdat*, 1962. P. 29 *apud* Shnirelman 2011 (1): 259, 494.

<sup>148</sup> Gnaténko, P.I. **Carácter nacional: mitos e realidade**. Kíiev: *Visha skola*, 1984. P. 122-128. Krávťsev I.E. **O desenvolvimento das relações nacionais na URSS**. Kíiev: Editora da Academia das Ciências da República Federativa Socialista da Ucrânia, 1962. P. 94 *apud* Shnirelman 2011 (1): 262, 494.

<sup>149</sup> Djunúsov M. **Teoria e prática das relações nacionais**. P. 57 *apud* Shnirelman 2011 (1): 262, 494.

<sup>150</sup> Djandildin N.D. **A união do internacional ou nacional na psicologia do povo soviético**. Alma-Ata: Kazaxstan, 1989. Arutiunián S.M. Os fatores sociais-psicológicos das relações nacionais socialistas. In: Arutiunián S.M. (Org.) **Questões da psicologia nacional**. Tcherkessk: *Karatcháievo-Tcherkiésskaia obl.tipográfiia*, 1972. P. 56-84. Filátov V.N. O carácter nacional e a psicologia de classe. In: Altmychbáiev A.A. (Org.) **Nação e relações nacionais**. Frunze: Ilim, 1966. P.56 *apud* Shnirelman 2011 (1): 262, 494, 495.

maiores poetisas do século XX, Anna Akhmátova. Na década de 1970, ele passou a desenvolver uma teoria de etnogénesis, muito conhecida e bem aceita, a partir do final da década de 1980, tanto entre o público leigo (graças, entre outros fatores, ao número grande de publicações, à popularidade da própria figura de Gumilióv e à linguagem bastante simples que possibilitou a leitura de seus trabalhos por leitores pouco familiares com o discurso científico antropológico ou histórico), quanto entre os cientistas e pesquisadores. Segundo Shnirelman (2011 (1): 280, 281):

Gumilióv se automeceu de “pai da etnologia” e incluiu em sua concepção de etnogénesis postulados que identificavam a etnia com a população biológica. Em um de seus primeiros trabalhos sobre a “etnia”, ele a nomeava de “unidade biológica”<sup>151</sup>. Posteriormente, Gumilióv apresentava a etnia como um “fenômeno natural” e um “fenômeno de biosfera, ou integridade sistêmica de tipo discreto, que funciona com a energia geobioquímica de substância viva, em concordância com o segundo princípio de termodinâmica”<sup>152</sup>.

Gumilióv discorre em suas publicações sobre a similaridade de desenvolvimento de etnias com o desenvolvimento biológico de um organismo; ele hierarquiza as etnias (elaborando conceitos como subetnia e superetnia) e elabora a teoria de “tensão passionária” presente em populações “mais desenvolvidas” (segundo sua retórica); ele alerta, ainda, sobre o perigo de mestiçagem. Shnirelman aponta ainda a influência de ideias nacionalistas na teoria de etnicidade desenvolvida por Gumilióv, já que este foi aprisionado durante vários anos em campos de concentração soviéticos (os GULAG's<sup>153</sup>), onde as ideias nacionalistas e nazistas foram amplamente propagadas como forma de resistência ao governo da URSS; além disso, a partir de décadas de 1960-1970, Gumilióv se aproximou de círculos intelectuais

---

<sup>151</sup> Gumilióv L.N. Sobre o termo “etnia”. In: **Presentações dos departamentos e das comissões da Sociedade Geográfica da URSS**. Leningrado, 1967. N 3.P. 14. *apud* Shnirelman 2011 (1): 280, 505.

<sup>152</sup> Gumilióv L.N. **Etnogénesis e biosfera da Terra**. Leningrado: Editora da Universidade de Leningrado, 1989. P. 15 *apud* Shnirelman 2011 (1): 280,281, 505.

<sup>153</sup> GULAG: Glávnoie upravliénie ispravítelno-trudovykh laguieríei, trudovykh poseliénii i miest zakliutchiénii (Administração geral de campos de correção e de trabalho, de assentamentos de trabalho e de locais de detenção; Главное управление исправительно-трудовых лагерей, трудовых поселений и мест заключения). Funcionou na URSS entre 1934 e 1960, agrupando mais de 30.000 locais de detenção.

nacionalistas na URSS que, apesar de não terem uma influência significativa sobre a produção ideológica, existiam e agrupavam algumas figuras notórias da época, como, por exemplo, o pintor Glazunóv, cuja produção cito no prólogo a esta tese.

\*\*\*

A demarcação de grupos sociais e suas relações em termos étnicos e/ou nacionais apoiada por muitos pesquisadores na Rússia contemporânea faz parte do debate público, entrando em conteúdo de matérias de ensino fundamental e superior, assim como em textos de jornalistas e escritores contemporâneos.

Usar termos como “etnia” e “raça” pressupõe sua existência, o que complica a tarefa de analisar as retóricas e os mecanismos de exclusão. Seria necessária a busca de outros conceitos ou rejeitar de vez a demarcação de grupos sociais segundo suas “nacionalidades”, “culturas” ou “origens étnicas”. Uma saída possível, uma vez confirmada cientificamente a inexistência das raças humanas, mas sua inegável permanência em discursos, teorias e práticas racistas e mesmo em explicações que se querem razoáveis dos conflitos contemporâneos, seria justamente mudar o enfoque do debate para a função que desempenha a continuidade do uso destes termos. O racismo poderia, então, ser descrito como intenção de definir o grupo social em termos biológicos ou culturais com intuito de legitimar sua discriminação (cf. MILES 1989). Stolcke (1995:4) aponta, neste sentido, para a existência de um “racismo sem a raça”:

Notwithstanding the insistent emphasis on cultural identity and difference, scholars have tended to identify a "new style of racism" in the anti-immigrant rhetoric of the right (Barker 1981, 1979; Taguieff 1987; Soloinos 1991; Wieviorka 1993). Several related reasons have been adduced for this. Analysts in France no less than in Britain attribute this culturalist discourse of exclusion to a sort of political dialectic between antiracists condemnation of racism for its association with Nazi race theories and the right's attempts to gain political respectability by masking the racist undertones of its anti-immigrant program. Besides, ordering humans hierarchically into races has become indefensible scientifically (Barker 1981, Taguieff 1987) and it is a mistake to suppose that racism developed historically only as a justification of relations of domination

and inequality (Barker 1981). Lastly, even when this new "theory of xenophobia" (Barker 1981) does not employ racial categories, the demand to exclude immigrants by virtue of their being culturally different "aliens" is ratified through appeals to basic human instincts, that is, in terms of a pseudobiological theory. Even though the term "race" may, therefore, be absent from this rhetoric, it is racism nonetheless, a "racism without race" (Rex 1973:191-92; Balibar 1991; Solomos 1991; Gilroy 1991: 186-87).

Houve tentativas recentes de se repensar o uso do conceito "etnia" na Rússia contemporânea. Esse processo iniciou-se após o fim da URSS, como consequência de possibilidade de um maior intercâmbio com a comunidade científica internacional. Vale a pena salientar que as pesquisas científicas na URSS aconteciam por meio de autorreferência: na maioria dos casos, somente os autores soviéticos ou dos países "socialistas" eram estudados, citados, pesquisados e comparados; não havia diálogo com pesquisadores de campos de conhecimento similares de outros países. Isto acontecia devido à censura, pois todas as pesquisas científicas produzidas fora do país eram consideradas *a priori* "burguesas" e, assim, equivocadas em suas interpretações da realidade. A maneira de "driblar" estas diretivas dos censores, usada de vez em quando e correndo-se alguns riscos, era fazendo análises críticas (leia-se: devastadoras) da produção científica "capitalista", descrevendo-as e apresentando os nomes e as publicações, tornando-as, pelo menos, conhecidas. Pouquíssimos pesquisadores soviéticos saíam do país para participarem de congressos e encontros internacionais. Até a década de 1990, não havia na Rússia publicações de Lévi-Strauss e Nietzsche traduzidas, só para citar alguns exemplos. Eu tive sorte de terminar a escola tendo já podido ler Kafka traduzido para o russo, porém, minha mãe nunca o leu, e tampouco leu Foucault, mesmo sendo professora universitária de história (não porque a leitura de Foucault é indispensável neste caso, mas porque este nome era simplesmente desconhecido entre os profissionais das ciências humanas até sua primeira grande tradução para o russo, em 1991<sup>154</sup>).

---

<sup>154</sup> Uma tradução de "As palavras e as coisas" foi realizada em 1977, porém com uma tiragem minúscula e que passou quase despercebida pela comunidade científica devido a esta tiragem limitada e à pouca circulação. As próximas traduções de outros textos de Foucault para o russo seriam publicadas somente a partir de 1991.

Atualmente, existem já traduções de todos os autores importantes de todos os campos de conhecimento para o russo, no entanto, muitos destes autores ainda não fazem parte da bibliografia dos cursos de ensino superior. Dois anos atrás, em 2010, os estudantes da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Estatal de Moscou, uma das maiores e mais respeitadas da Rússia, tiveram que lutar coletivamente para que Foucault, Guattari, Deleuze, Barthes (só para citar alguns) fossem estudados nos cursos de graduação. Pois, até hoje em dia, na maioria das instituições de ensino superior, somente se estudam os autores locais. A produção científica foi delimitada pelas fronteiras do país e após sua abertura os pesquisadores precisaram em poucos anos dar conta da multiplicidade e diversidade das interpretações científicas existentes, tomando conhecimento de toda a produção literária e científica internacional desenvolvida a partir da década de 1920. O impacto deste processo foi, obviamente, enorme. A deficiência de conhecimento da produção científica internacional ainda não foi superada e muitos autores importantes continuam sem tradução para o russo.

A ressignificação e a crítica do conceito de “etnia” pelos cientistas sociais, antropólogos e etnólogos na FR acontecem no exato período de abertura política do país (segunda metade da década de 1980), devido à possibilidade de interação com a comunidade científica internacional e, também, devido à explosão dos conflitos classificados como “étnicos” em vários lugares da extinta União Soviética.

Tishkov<sup>155</sup> (1992) faz uma abordagem geral deste processo e explicita alguns pontos cruciais de discussão ao redor do próprio campo de conhecimento - etnografia/etnologia/antropologia - na FR:

Besides the inadequacy of its basic terminology, the discipline is confronted by a no less serious crisis of self-definition. For obvious reasons, a question mark now hangs, for many scholars, over the two terms of the usual label “Soviet ethnography”. Who are we, and what should we be called in present circumstances? First, with regard to the name of the discipline, it seems to me that the necessity for change here is dictated by factors both internal and external and not simply by eagerness for reform along Western lines. Neither

---

<sup>155</sup> A grafia de nome difere-se no caso de citação deste trabalho específico devido à transliteração do nome de Valéri Tichkov em inglês, idioma desta publicação.

ethnology nor social-cultural anthropology is new to our country. The history of the destruction of the Department of Ethnology at the Moscow State University and the fate of the author of the first textbook with the title *Ethnology*, P. F. Preobrazhensky, have recently been outlined by Markov and Solovei (1990)<sup>156</sup>. In the 1930s, after the Marxist purge of the humanities, ethnography was relegated to the status of a historical subdiscipline, and so it remains to this day. But ethnology and anthropology do have distinct subject matter: the study of peoples and cultures, their interrelationships, and the analysis of that most complex social phenomenon, ethnicity; they also have a distinctive method: ethnography, in the form, primarily, of fieldwork and analysis of ethnographic artifacts. Therefore there are sufficient grounds for ethnology to be belatedly established in our country as a social science, independent at all levels, from the training of students to the granting of professional degrees. We need a discipline with broader horizons than the ingroup description of mainly material culture that is characteristic of Soviet ethnographic texts (TICHKOV 1992: 372-373).

Neste importante artigo (um dos primeiros a aparecer numa revista internacional logo após a abertura do país, além de ter sido escrito pelo diretor do Instituto de Etnologia e Antropologia da Academia de Ciências da URSS<sup>157</sup> e Ministro das Nacionalidades do governo Léltsin<sup>158</sup>), Tichkov inicia a crítica ao uso dos conceitos “etnia” e “etnicidade”:

This tendency to reify social phenomena is most apparent in the treatment of ethnicity and the ethnocultural community. Here the postulates of the politicized “Marxist-Leninist theory of nations”, based on Stalin's strict interpretation of the muddled reasoning of V. I. Lenin and its more recent scholastic modifications, continue to prevail. (...) On this score, I will again

---

<sup>156</sup> MARKOV, G. E.; SOLOVEI, T. D. 1990. Etnograficheskoe obrazovanie v Moskovskom gosudarstvennom universitete. *Sovetskaya Etnografiya*, no. 6. *apud* TISHKOV 1992: 372-373.

<sup>157</sup> Tichkov continua ocupando este cargo até o presente momento.

<sup>158</sup> Tichkov foi ministro entre fevereiro e outubro de 1992. Pútín, em 2000, fundiu este Ministério com o setor responsável pelas políticas migracionais da URSS. E, em 2001, o Ministério de Assuntos Federais e Políticas Nacionais e Migracionais foi extinto, passando a integrar o Ministério de Assuntos Internos.

quote Levin (1990: 242)<sup>159</sup>, many of whose views I share:

'The "ethnacist" view of culture – the view that its origin is exclusively national or classist – is part of a still widespread ideology which has come down to us from the pre-scientific past. The idea that the earth is today populated by such-and-such races, nations, or, to use a more archaic but fashionable term, ethnoses, that each nation as a hypostasis is endowed with its own language, particular psyche, and, hence, distinctive culture, inimitable folklore, altogether genuine and unique art, and many other virtues, that because of its invariably great past and remarkable roots it is entitled to an equally outstanding and, of course, collective future for its progeny, for which it (the progeny) requires a strongly protected reserve, that is, an impermeable state and, consequently, a "sacred" border, and other popular postulates which go make up ethnicism are hollow knowledge – knowledge acquired at school which has been rejected by the foremost scholars' (TISHKOV 1992: 379).

e, em seguida:

In the soviet social sciences, ethnicity is viewed as absolutely "natural" and "independent variable" and a primary cause of phenomena. The emergence and existence of ethnic groups is a crude social fact, and such groups are even classified as "ethnosocial organisms" or "biosocial communities". The ethnation, with its "objective" physical characteristics (territory, common economy, language, etc.), is considered the highest type of ethnic community; it is understood by both scholars and politicians as a kind of archetype or supreme substance possessing statehood and providing the basis for social structure, including economics, politics, and culture. This classic credo of nationalism in its ethnic variant is deeply embedded in both Soviet communist doctrine and state judicial practice, with their cultures of intolerance, exclusivity, rejection of compromise, and absolute state bureaucratic control in the organization of the life of the society (TISHKOV 1992: 380).

---

<sup>159</sup> LEVIN, I. 1990. "Nuzhen narodovedcheskii likbez: Intervyu s Isidorom Levinom," in *Ozhog rodnogo ochaga*. Edited by G. Guseinov and D. Dragunskyy, p. 242. Moscow: Progress *apud* TISHKOV 1992: 379.

Tishkov ressalta que as “nações socialistas” da URSS foram construídas como etnonações, que o federalismo “socialista” funcionou “on the basis of the ethnic principle of the state system” (1992: 380) e denomina de racistas as práticas do Estado soviético (“Many investigators of modern ethnic processes have based their work on the racist state practices of recording nationality according to the bloodline of one parent”<sup>160</sup>). Apesar desta contribuição crítica, as possíveis soluções para a superação da problemática não foram apontadas. Ainda que descreva criticamente a própria construção do campo de conhecimento da etnologia e da antropologia na URSS, Tichkov opta pela ressignificação desses conceitos problemáticos, afirmando-os e legitimando seus usos.

Verdery (TISHKOV: 393), em resposta ao texto de Tichkov, aponta para um dos principais pontos da discussão contemporânea acerca do uso dos conceitos “raça” e “etnia”: “Tishkov paradoxically reinforces this narrowness by continuing to define anthropology as the study of ethnicity (distinguishing it from ethnology, which studies peoples and cultures) even while urging anthropologists to stop ‘constructing ethnicity’”. Durante meu trabalho de campo, um dos pontos de apoio para a pesquisa e lugar que propiciou numerosas e interessantes conversas sobre a problemática da tese foi o IEA RAN, que ocupa o décimo primeiro andar do enorme edifício popularmente conhecido como “cérebro dourado”, devido ao seu design destoante em relação ao resto da cidade de Moscou.

---

<sup>160</sup> Tishkov 1992: 380.

**Figura 13** Edifício principal da Academia de Ciências da FR. Moscou 2009.  
**Fonte** Autoria própria.



Pude perceber que dentro do próprio instituto existem grandes divergências sobre a problematização da teoria soviética sobre etnicidade, o próprio conceito de “etnia/étnico/etnização” e suas relações com o racismo/racialismo (MILES 2008: 126-130) na Rússia contemporânea.

Na lojinha do andar, onde são comercializados as publicações do IEA, pude observar alguns trabalhos antigos e outros recentemente publicados: lado a lado títulos como: “O problema da raça na antropologia física russiana” (publicação de 2002, na qual constam capítulos como “Classificações raciais: aproximações metodológicas” ou “Processos de crescimento e desenvolvimento entre os representantes de distintas raças”); “Medicina étnica: ontem – hoje – amanhã” (2006); ou o almanaque “Raças e povos” (1993), onde um dos autores afirma que “Raça é um conceito biológico, enquanto etnicidade é um conceito sociológico” (ROSHIN 1993: 63) e que “A etnicidade é a necessidade natural dos seres humanos de viver e conviver juntamente sob a forma de tais ou quais comunidades. É a condição objetiva e social para a sobrevivência da espécie humana na natureza e na sociedade” (ROSHIN 1993: 74).

Notoriamente, as pesquisas que problematizam a “eticidade” constituem uma minoria, se comparadas com as publicações que constroem teorizações antropológicas a partir de conceitos como “etnia” e/ou “raça”. Nota-se também a falta ou a quase ausência de diálogo ou de oportunidades para o diálogo entre os adeptos de ambos os campos teóricos (os que seguem a teoria soviética da etnicidade desenvolvida por Bromlei, citada anteriormente, e aqueles que a revisam criticamente). Tanto que, ao comunicar-me inicialmente com Viktor Shnirelman, coorientador desta tese, acabei sendo apresentada pessoalmente exclusivamente a pesquisadores e pesquisadoras do IEA que compartilham as mesmas ideias sobre a necessidade de uma revisão crítica de toda a teoria soviética da etnicidade e que questionam a continuidade dos usos dos conceitos “raça” e “etnia” para a análise antropológica ou social. Por outro lado, este grupo, minoritário dentro do IEA, tem uma maior representatividade e aceitação dentro da comunidade científica internacional, devido à maior circulação de suas publicações em línguas estrangeiras e ao maior interesse em participação em encontros acadêmicos fora da FR. Pelo contrário, dentro do país, as pesquisas de Shnirelman sobre o racialismo, por exemplo, são pouco conhecidas e

requisitadas somente por alguns veículos mediáticos com orientação política socialista ou anarquista e de oposição ao governo.

Como é o uso dos conceitos “raça” e “etnia” entre alguns setores da sociedade da Rússia contemporânea? Qual a problemática mais evidente destes usos? As retóricas de exclusão realmente são moldadas por estes dois conceitos?

Inicialmente, nota-se a partir de conteúdo de imprensa e de outras mídias (canais de TV, estações de rádio, internet) que o uso destes conceitos, principalmente o de “etnia”, é imprescindível para a descrição de todos os processos sociais, políticos e econômicos no país. “Etnia” e “nação / nacionalidade” são conceitos-chaves, sem os quais seria impossível descrever ou analisar a realidade, tamanha a frequência de seus usos. E se a nacionalidade é, atualmente, a pertença a um determinado país, a “etnia” é algo mais dificilmente definível, dado que é um conceito que balança entre a pertença a alguma “nação” (pertença a uma formação política) e a pertença a uma “raça” (pertença a um grupo biológico e/ou cultural). Portanto, existem “russos étnicos” que vivem na Ucrânia ou na Alemanha, por exemplo; por que eles não são descritos como simplesmente “russos”? Devido à confusão entre os denominadores “russo/ russo” apontada anteriormente? Mas esta confusão não existe legalmente, já que “russianos” são cidadãos da FR, independentemente de suas nacionalidades. O mesmo se passa com os “georgianos étnicos” (filhos ou netos de antigos cidadãos da Geórgia que vivem desde seu nascimento em Moscou, por exemplo). Aparentemente, o fato de adicionar o próprio adjetivo “étnico” nestes casos serve justamente para apontar a partir de onde a diferença entre os indivíduos é constituída: a partir de sua “etnia”. E o que é “etnia” para um jornalista, por exemplo? Se olharmos o dicionário, veremos que a “etnia é um tipo de agrupamento social constituído historicamente, representado por uma tribo, ou um povo minoritário (*narodnost*) ou uma nação. Neste sentido, o conceito de “etnia” é próximo ao de “povo”<sup>161</sup>. Segue a pergunta – e o que, neste caso, é um povo? Quais suas delimitações, como reconhecemos representantes de diferentes etnias e/ou povos, ou nacionalidades?

“Nacionalidade” e “etnia”, por outro lado, são utilizadas no dia-a-dia quase como

---

<sup>161</sup> GRANDE DICIONÁRIO ENCICLÓPEDICO Moscou, Editora científica “Grande Enciclopédia da Rússia”, 2001. P. 1416.

sinônimos. A “nacionalidade”, termo constante em todos os documentos até o fim da URSS, até hoje é compreendida como um fator biológico e calculada a partir da nacionalidade dos pais, ou de um deles - lembrando que nacionalidade não é sinônimo de cidadania, apesar da divisão política tanto da URSS quanto da FR acontecer também a partir de vinculação de tal ou qual nacionalidade a um território geográfico fixo. Assim, não existia a “nacionalidade soviética”, mas a “cidadania soviética”, e todos os soviéticos, além desta identidade, que agrupava os moradores da URSS, compartilhavam de alguma “nacionalidade” - lembrando da divisão marxista-leninista-stalinista da multiplicidade de formações sociais em três categorias – nações (*natsii*), povos (*narody*) e povos minoritários (*narodnosti*). Esta “nacionalidade biológica” poderia ser estabelecida, na URSS, a partir da pertença a cada um destes três grupos e dependia do momento histórico e conjuntura política. Os representantes de pequenos povos do Norte do país, por exemplo, na época stalinista optaram ou foram obrigados a se nomear a partir da pertença à “nação”, já que se esperava sua integração em formações sociais maiores, que “evoluiriam” até a condição de uma formação estatal. Na época precedente ao fim da URSS, pelo contrário, passou a ser mais vantajoso pertencer a um povo minoritário, devido ao sistema de cotas para o ensino superior (ou outros fatores que cito no primeiro capítulo)<sup>162</sup>.

Na FR, a identidade “soviética” foi substituída pela “russiana” e, apesar de pronunciado distanciamento das políticas nacionais soviéticas, as “nacionalidades” continuaram suas existências. Quais foram as mudanças?

Houve a tendência de alguns povos (“*narody*”) que formavam as Repúblicas Autônomas da URSS dentro das Repúblicas Federativas (estas últimas, apenas, que se tornaram países independentes após a sua desintegração: Armênia, Azerbaidjão, Belorússia, Cazaquistão, Estônia, Geórgia, Letônia, Lituânia, Moldova, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão), a reivindicar a independência (Tchetchênia) ou uma maior autonomia (Tatarstão): aspirações negociadas logo após o fim da URSS e, posteriormente, duramente reprimidas.

Atualmente, a FR é dividida politicamente entre “povos” (ou *narody*), que constituem

---

<sup>162</sup> No primeiro capítulo descrevo os mecanismos de categorização étnica que possibilitavam estas mudanças de nacionalidade durante os censos.

as Repúblicas, e “povos minoritários” (ou *naródnosti*), que constituem as Regiões Autônomas: esta divisão é constituída a partir da nacionalidade, que, por sua vez, se confunde com a “etnicidade”. A diferença entre os representantes de tal ou qual povo minoritário é vista enquanto uma diferença “étnica”. A diferença entre os povos (ou “*narody*”) em alguns casos também é “étnica”, como no caso das Repúblicas Tchetchênia e Inguchétia, por exemplo; embora no caso da República Daguestão seja diferente, já que ela própria é constituída pelo conjunto de vários “povos”/ “etnias” diferentes. Grande parte da FR é também dividida em Regiões (*gubérnias*), formações administrativas cuja população predominante é de “russos étnicos”. Assim, algumas formações políticas coincidem com as fronteiras “étnicas”, outras não; no entanto, em muitos casos, sem o uso do conceito “etnia”, as fronteiras entre as repúblicas passariam a ser mais facilmente questionáveis e mesmo transformáveis.

Na mídia e durante as conversas sobre a “etnicidade” com meu círculo de pesquisa, pude perceber que os termos “nacionalidade” e “etnia” se misturam e se confundem devido à herança de uso do conceito de “nacionalidade” na URSS. Com o passar dos anos, a noção de “nacionalidade” passa a ser substituída pela noção de pertença a tal ou qual “etnia”, conceito demasiadamente “científico”, segundo alguns depoimentos (já que o seu uso na URSS se restringia às discussões acadêmicas), embora irrefutável graças, justamente, a este componente.

Para muitos, há uma forte relação entre o comportamento social da pessoa e sua nacionalidade/etnia. Presenciei vários relatos nos quais as relações sociais entre o empregador e o empregado, por exemplo, foram descritas em termos étnicos, onde a etnicidade (lugar de nascimento, ou descendência biológica, no caso) determina as atitudes ou o jeito de ser das pessoas. Como esta relação é explicada por moradores de Moscou, em algumas conversas que presenciei? A etnia ou a nacionalidade da pessoa passam, deste modo, a determiná-la mais do que sua posição social (ser migrante ou refugiado, por exemplo) e mais do que outras características, como gênero, idade, passado rural ou urbano etc.<sup>163</sup> Pensa-se que os representantes de uma nacionalidade ou etnia possuem

---

<sup>163</sup> Não afirmo aqui que gênero ou idade ou outros marcadores identitários determinam tal ou qual ser

traços culturais e comportamentais idênticos, característicos do grupo, que se destacam e podem ser reconhecidos. Em uma conversa (na rua com uma vizinha) fui advertida a respeito dos critérios para a escolha de uma babá, que procurava no momento. Assim, soube que “as ucranianas e as moldavas roubam, as armênias já são mais confiáveis e as russas, apesar de serem de confiança, trabalham mal”. Sem entrar nos méritos éticos desta afirmação, percebe-se a grande relevância atribuída à nacionalidade da futura babá, no caso. Perguntei, na hora, sobre as fontes destas informações: boatos e mídia; e uma resposta que cansei de ouvir: “Todos sabem disto”. É importante notar que depoimentos similares foram pronunciados na maioria das conversas: quando as pessoas são julgadas, ou descritas, elas geralmente são identificadas a partir de sua nacionalidade e/ou etnia. Estas afirmações foram comuns em ambos os círculos de pesquisa, pois ativistas de direitos humanos e funcionários da ONG Comitê de Assistência Civil, que acolhem refugiados, não são imunes a este tipo de declarações<sup>164</sup>. A experiência pessoal de confirmar ou de contradizer tais afirmações acaba não importando tanto: “Cada regra tem suas exceções”. Os julgamentos etnicizantes podem ser tanto negativos, quanto positivos; os negativos resultando em atos discriminatórios, de perseguição e de preconceito.

Por que a “etnia” ou a “nacionalidade” prevalecem entre outros possíveis marcadores identitários? Na URSS, país “socialista”, a ideologia oficial igualitária proclamava o fim da divisão da sociedade em classes antagônicas. A princípio, não deveriam existir na URSS nem classes sociais, nem discriminação de gênero, nem desigualdade social entre os moradores das áreas rurais e urbanas. Portanto, os conflitos oriundos da discriminação social no país deveriam ser apresentados ou compreendidos como algum outro tipo de conflitos. Entre as décadas de 1920 e 1940, por exemplo, o setor industrial passou por uma aceleração de crescimento e necessitava de força de trabalho livre. Esta necessidade foi suprida com a força de trabalho proveniente dos campos de concentração e das áreas rurais, já que muitos camponeses tornaram-se operários após perderem suas terras e devido à

---

humano, somente aponto a relevância da identidade étnica e/ou nacional em algumas conversas que presenciei; e a relativa não relevância, ou o não mencionamento de outras identidades.

<sup>164</sup> Relembro, que um dos círculos de pesquisa incluía pessoas que eu conhecia por acaso nas ruas durante os passeios com meu filho recém-nascido, ou vizinhos, ou membros de minha família, ou ex-colegas de escola; e o segundo incluía as pessoas engajadas em trabalhos de denúncia de xenofobia e de práticas discriminatórias contra os migrantes e os refugiados.

urbanização do país, iniciada nesta época e que continua até o período atual. E se no início do processo de industrialização e coletivização os camponeses foram acusados de serem proprietários (representando assim uma classe social antagônica ao proletariado), pois a coletivização foi realizada a partir das regiões mais próximas ao centro político (Moscou e São Petersburgo); posteriormente, a resistência à coletivização em regiões mais longínquas, como na Tchetchênia, foi representada como uma reivindicação “nacionalista”, onde a “etnicidade” dos povos que resistiam aos processos de aceleração do crescimento industrial e coletivização forçada passou a desempenhar um papel “explicador” da resistência. Num país “socialista”, governado pelos representantes do Partido Comunista, não poderiam existir classes sociais diferentes, assim, muitos conflitos sociais foram abafados ou “revestidos” de “étnicos”.

Citei anteriormente dados sobre a precariedade de condições sociais, da inferioridade no desenvolvimento de sistemas de saúde e de educação e do desemprego em todo o Cáucaso Setentrional (e na Tchetchênia, em especial), na época da URSS. Os conflitos oriundos destas condições sempre foram apresentados, quando noticiados, como “étnicos”: a culpa era dos “tchetchenos ferozes e briguentos” que “possuíam uma cultura ou um caráter violentos” e “uma necessidade inata de conflitos”. Neste sentido, podem ser compreendidas as declarações comuns (que cito no primeiro capítulo) de muitas pessoas sobre a convivência com as crianças tchetchenas na infância e a lembrança de uma violência incomum destas crianças. Uma ideia como esta sobre a “violência inata”, ao ser repetida continuamente pelos veículos midiáticos e estar presente nos textos de literatura clássica estudados nas escolas, só pode se confirmar empiricamente. Por outro lado, neste caso específico, muitas declarações sobre estas crianças tchetchenas violentas foram feitas sobre crianças vítimas de guerra ou de deportação, que apresentariam maiores graus de violência devido a estes acontecimentos trágicos e recentes em suas vidas.

Conceitos como “etnia/ étnico/ etnicidade”, ao demarcar os grupos sociais, fazem parte do vocabulário das retóricas de exclusão que, considerando as afirmações teóricas expostas no início deste capítulo, formam o discurso racista/ racializante. Este processo teve sua origem ainda na URSS, onde, segundo Shnirelman (2011 (1): 288, 289):

<...> o processo de racialização desenvolvia-se lentamente. Primeiro, toda a população do país foi dividida em grupos étnicos (classificação e diferenciação), a etnicidade foi politizada (federação étnica) e grupos étnicos diferentes passaram a ter status políticos diferenciados (hierarquia). Depois, estes status foram confirmados legalmente (Constituição de 1936) e a etnicidade foi transformada em qualidade hereditária (o “quinto item” nos passaportes)<sup>165</sup>. Neste contexto, vale a pena lembrar que a URSS surgiu como uma federação étnica (etnofederação) não com o objetivo de construção de uma sociedade civil ou para garantir os direitos humanos, mas para a preservação dos idiomas e das culturas <...> o estado buscava a essencialização da cultura e a tornava uma base para a racialização.

Almejando a total consolidação da sociedade, o estado apostou na “construção de um povo soviético” por meio de “florescimento de todas as nacionalidades e culturas étnicas”. A óbvia contrariedade deste slogan provinha da própria essência de constituição estatal, que não considerava o carácter civil da nação. A nação compreendia-se como uma comunidade histórico-cultural. Tudo isto levou à concorrência do “povo soviético” com as nacionalidades avulsas, já que neste contexto a construção de povo soviético compreendia-se como tentativa de anular as identidades étnicas particulares. Obviamente, as elites locais opuseram-se a isto, já que seu poder político dependia totalmente das etnicidades politizadas. Assim, a autoconsciência étnica foi incentivada. Portanto, a argumentação biológica que compreendia a etnicidade como um “fenômeno natural” a relacionando com determinada cultura e território foi requisitada <...> Nestas condições, o surgimento de suspeitas e de antipatia em relação aos *outsiders* etnoculturais fica inevitável, já que nestes vislumbravam-se os concorrentes políticos e de ascensão social. Para combater os “outros” usavam-se os argumentos históricos e culturais.

Ele cita, também, alguns outros fenômenos sociais que poderiam ser compreendidos

---

<sup>165</sup> A partir de 1936, a nacionalidade tornou-se item obrigatório (o quinto, após nome, gênero, data de nascimento e local de moradia) em passaportes de cidadãos soviéticos) e herdado a partir da nacionalidade da mãe ou do pai.

como manifestações racistas: por exemplo, na década de 1970, os casamentos mistos (entre representantes de nacionalidades/ etnias distintas) não eram bem aceitos socialmente; e no início da década de 1980, houve uma declaração do Comitê Central do PC sobre o caráter nacional dos karatchai que prejudicava o progresso da República Autônoma Karatchaevotcherkédia. Importante lembrar que durante todo o período soviético foi difundida a ideologia internacionalista e que racismo foi condenado como uma expressão do capitalismo, negando-se sua existência (assim como a da xenofobia) na URSS<sup>166</sup>.

Ou seja, tanto as teorias de etnicidade desenvolvidas na URSS, quanto as práticas de organização administrativa do país como uma federação de etnias e nações, podem ser compreendidas como racializantes (não se tratando, no caso, de racismo biológico, mas de racismo cultural).

Já na Rússia contemporânea, pesquisadores destacam tipos diferentes de racismo: racismo cotidiano (*bytovoi*) pautado pelas emoções e pelo preconceito; racismo intelectual, a ideologia; racismo político, de movimentos sociais e slogans; racismo institucional; e racismo estatal, quando as afirmações racistas passam a constituir as leis<sup>167</sup>.

Desta maneira, nota-se a continuidade e a permanência das retóricas de exclusão pautadas pelos conceitos “etnia/ nacionalidade” desde a época da URSS. A xenofobia e o racismo camuflado (a discriminação de alguns grupos demarcados como “etnias” ou “povos”) persiste atualmente e se tornou mais presente devido a alguns fatores. Na FR, além de extinção da ideologia soviética que pregava os valores internacionalistas e a “amizade entre os povos”, os traumas sociais contribuíram para o aumento da xenofobia e do racismo: em primeiro lugar, o próprio fim da URSS, o desmoronamento de uma estrutura política, econômica e social inteira; em segundo lugar, a passagem para a economia de “livre” mercado e para o sistema econômico neoliberal, o empobrecimento de grande parcela de população e a piora de nível de vida; e, por fim, o aumento significativo de migração. As guerras na Tchetchênia iniciadas em 1994 e que deram início aos confrontos armados presentes até hoje em dia em toda a extensão do Cáucaso Setentrional também podem ser compreendidas como um dos fatores traumáticos que contribuiu para o elevado nível de

---

<sup>166</sup> SHNIRELMAN 2005, 2011 (1,2).

<sup>167</sup> MÁLAKHOV 2007, SHNIRELMAN 2007, 2011 (1,2).

violência xenófoba e o aumento de discursos discriminatórios em relação aos moradores de Cáucaso.

Compreende-se, portanto, que a dicotomia entre os grupos “nós” e “outros”, a própria divisão da sociedade em grupos antagônicos (demarcados cultural, territorial ou biologicamente) foi e continua sendo estrutural desde, pelo menos, a época da URSS, pois a divisão administrativa do país e seu funcionamento político e econômico se estruturavam a partir da divisão de população em “povos/ etnias/ nacionalidades”. A categorização de grupos sociais em termos étnicos repercute em discursos políticos, midiáticos e em conversas cotidianas de moradores. E como poderia ser diferente? Paradoxalmente, a ideologia socialista que salienta a divisão da sociedade em classes como o fator gerador da desigualdade e da discriminação, é uma das menos aceitas e discutidas, hoje em dia, na Rússia contemporânea, devido ao passado histórico do país.

No primeiro capítulo cito o depoimento de uma das principais pesquisadoras de problemática xenófoba na Rússia contemporânea que atenta para a necessidade de assumir a existência do racismo no país (KOJÉVNIKOVA 2008)<sup>168</sup>. Segundo esta pesquisadora, a existência do preconceito e da discriminação é negada na FR devido à dificuldade de presumir, por parte do governo e da mídia, a presença do fascismo, de práticas e de discursos racistas, num país vencedor da Segunda Guerra Mundial. O racismo é ainda compreendido, e pude perceber isto claramente durante o trabalho de campo, como discriminação pelas características biológicas de tal ou qual pessoa ou grupo social, e não como discriminação social, ou retórica de exclusão.

As críticas e as denúncias de xenofobia e de preconceito pela origem “étnica” de indivíduos ou grupos de pessoas operam com o mesmo vocabulário usado em retóricas de exclusão. Existe alguma saída desta situação aparentemente desesperançosa? Pretendo debater esta questão em última parte da tese, chegando a algumas possíveis conclusões e hipóteses a respeito da problemática central deste trabalho.

---

<sup>168</sup> Na página 52.

## **CONCLUSÃO**



*“No interior de grandes períodos históricos,  
a forma de percepção das coletividades humanas  
se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência”*

Walter Benjamin

*“... deixar se comover pelo sorriso do estrangeiro pode ser fatal para o xenófobo”*

Radmila Zygouris

Na introdução a esta tese, esboço os possíveis questionamentos que levam à compreensão do fenômeno da xenofobia na Rússia contemporânea. Questionamentos que partem, em primeiro lugar, da descrição do contexto específico e da afirmação sobre a existência da dicotomia entre os grupos “nós” e “outros”. O contexto específico da Rússia contemporânea é abordado em sua relação com os períodos históricos precedentes (império russo e URSS). Em alguns trechos deste texto menciono as características similares que podem ser evidenciadas em contextos contemporâneos em outros países e/ou regiões, sem, no entanto, detalhar esta questão por compreender sua complexidade que exigiria uma pesquisa à parte.

A existência da dicotomia entre os grupos “nós” e “outros” é afirmada a partir das evidências de discriminação de alguns grupos sociais, em forma de xenofobia, migrantofobia, preconceito étnico e/ ou racial. O discurso discriminatório (institucional, midiático, coloquial) é, predominantemente, proferido em termos étnicos; ou seja, a etnia aparece como um marcador de diferença e a pertença étnica como um dos principais fatores que levam à discriminação. Portanto, anuncio, logo na introdução, a necessidade de descrição de constituição do próprio conceito de “etnia/ etnicidade”, no contexto específico. Ao longo da tese, descrevo o processo de categorização étnica, a partir de primeiro censo promovido ainda no período imperial, na Rússia; e abordo a relação entre os conceitos “raça” e “etnia”.

Apresento, na introdução, a literatura, em russo, que foi usada como suporte a esta pesquisa e me detenho, brevemente, sobre outras fontes que auxiliaram no meu trabalho; listo, paralelamente, os principais pesquisadores contemporâneos da Rússia que lidam com as temáticas problematizadas aqui. Descrevo, também, os dois grupos de interlocutores, com os quais trabalhei durante o trabalho de campo, cujos depoimentos foram usados para a elaboração da tese.

Divido meu trabalho em três capítulos, sendo que os dois primeiros, a partir da afirmação da pauta da exclusão pela dicotomia entre os grupos “nós” e “outros”, procuram responder às seguintes questões: Quem são os “nós”? Quem são os “outros”? Quem são os agentes das práticas discriminatórias, xenófobas? Qual o aporte teórico destas práticas?

Inicialmente, ao começar o texto de primeiro capítulo, me situo como sujeito de investigação, afirmando-me como pertencente, enquanto ex-moscovita, ao grupo “nós”. A partir desta percepção, apresento algumas impressões subjetivas sobre o período de trabalho de campo, desenvolvido, principalmente, em Moscou. Parto, em seguida, à descrição de mecanismos de categorização étnica, operantes desde o final do império russo e transformados ao longo da história. Narro sobre a problemática de autonegação entre um dos povos, que habita a República Daguestão, e entre os moradores da região de Altai, e aponto para a ligação de etnicidade, escolha de pertença étnica, com o acesso aos bens simbólicos e materiais. Nas páginas seguintes, analiso a organização administrativa da URSS e da FR: como os dois países foram constituídos em forma de etnofederação e qual foi a nomenclatura usada para o processo de hierarquização de vários grupos sociais (povos). A próxima parte do Capítulo I é dedicada à apresentação das teorias e práticas nacionalistas que podem ser evidenciadas atualmente na FR. Levanto a hipótese sobre a importância de discursos proferidos pelos órgãos governamentais, pela mídia e pelos poderes judiciais para a formação das retóricas de exclusão e para a proliferação das práticas xenófobas e discriminatórias. Ao longo do texto deste capítulo, e dos próximos, intercalo a análise e a apresentação dos fatos com a descrição de pronunciamentos, opiniões e comentários feitos pelos meus interlocutores durante o trabalho de campo, sobre a problemática específica levantada em cada parte desta tese.

No segundo capítulo, discorro sobre a importância de uma imagem de inimigo, de um “outro” antagônico presente, desde a URSS, tanto no imaginário social, quanto em discursos de governo ou de jornalistas, na Rússia contemporânea. Elenco brevemente alguns dos principais “inimigos” ora da nação soviética, ora da nação russa e explico as razões de escolha, para a análise mais detalhada, de dois grupos sociais estigmatizados, atualmente, como indesejáveis e portadores de ameaça ao bem-estar da população local. Descrevo

como, a partir de colonização, iniciada ainda no século XVIII pelo império russo, as populações de Cáucaso Setentrional passaram a ser perseguidas e, concomitantemente, apercebidas e apresentadas em termos discriminatórios. Enfoco a análise, especificamente, no caso de população da Tchetchênia que, a partir da colonização, tornou-se vítima de constantes intervenções militares, sendo forçada a se deslocar para outros territórios do país. Os refugiados da Tchetchênia também são as principais vítimas de discriminação xenófoba e alvos de perseguição por parte dos grupos ou partidos nacionalistas, e por parte de alguns agentes do estado, como polícia. A partir de série de ataques terroristas cometidos na FR desde o início das guerras na Tchetchênia, toda a população deste território tornou-se, no imaginário social, cúmplice ou ator de tais tragédias. Escrevo, na tese, quais mecanismos possibilitaram a formação de imagem de um “inimigo tchetcheno”, e quais as principais consequências deste processo.

Na segunda parte do capítulo, apresento um outro grupo social alvo de xenofobia: os migrantes. Decorro sobre a transformação de processos migratórios a partir do fim da URSS e faço a análise de situação migracional atual, em Moscou e na FR. Aprofundo, nesta parte, os resultados de trabalho de campo que, em grande parte, foi realizado na ONG Assistência Civil, em Moscou. Apresento, também, a visão de alguns pesquisadores da Rússia sobre a problemática de migração e de xenofobia.

O terceiro capítulo é dedicado à abordagem teórica de alguns termos presentes em retóricas de exclusão na Rússia contemporânea. Ao concluir os capítulos “Nós” e “Outros”, percebo a importância dos conceitos como “etnicidade” e “pertença étnica” em discursos xenófobos; as práticas xenófobas também são aplicadas àqueles sujeitos compreendidos ou descritos como etnicamente diferentes. Aqui, faço uma breve apresentação de teorias de racismo cultural e discorro, mais detalhadamente, sobre a teoria soviética de etnicidade e suas repercussões e críticas contemporâneas.

Por fim, nesta parte de texto, afirmo, a partir de reformulação do neo-racismo contemporâneo e sua conceituação como racismo cultural (« *racisme culturel* » - “*une théorie de la détermination totale de l’individuel par un jeu de facteurs sociaux ou culturels*” (Taguieff 1992 : 36)), ou “fundamentalismo cultural” (Stolcke 1995), que há evidência de retóricas e práticas racistas na Rússia contemporânea, incluindo a xenofobia e o preconceito a partir da

diferença étnica.

Pesquisadores na Rússia, como Málakhov (2007) apoiam esta premissa, afirmando que o racismo é a exclusão social que se fundamenta pelas razões biológicas e/ou culturais, e que o racismo e a xenofobia são um fenômeno da modernidade, junto ao capitalismo.

Para Shnirelman (2011 (1), (2)), tampouco, não há diferenças marcantes entre o racismo e a xenofobia. Ele destaca tipos diferentes de racismo: racismo cotidiano (*bytovói*), pautado pelas emoções e preconceito; racismo intelectual, a ideologia; racismo político, de movimentos e slogans; racismo institucional; racismo estatal, quando as afirmações racistas passam a constituir as leis. E salienta, ainda, que existem muitas sociedades, tanto contemporâneas, quanto no percurso da história, onde as relações sociais não são marcadas nem pelo racismo, nem pela xenofobia. Quanto à URSS, Shnirelman (2011 (1)) também aponta para a existência do racismo, citando as deportações de 1944. Ele escreve dos três traumas que contribuíram para o aumento do racismo e da xenofobia na Rússia contemporânea: o fim da URSS, a passagem para a economia de mercado e a piora de nível de vida, e, por fim, o aumento de migração.

Outra questão importante que contribui para a proliferação e a aceitação social de discursos xenófobos, na Rússia, atualmente, é a continuidade de presença da imagem de inimigo. A própria noção de inimigo ou inimigos foi (durante a URSS) e continua sendo, nos dias de hoje, uma das principais representações que moldam a identidade pós-soviética - uma identidade negativa que, segundo alguns pesquisadores, como Gudkov (2000a)<sup>169</sup>, foi essencial para a reestruturação da sociedade pós-soviética. Para este autor, o “ser soviético” foi formado “através da inter-relação com as estruturas sociais repressivas e controladoras e adaptou-se a elas” (GUDKOV 2005). Para Gudkov, a violência em si (seja qual for sua intensidade ou natureza) não pode garantir a reprodução e a conservação de um regime repressivo durante um período de tempo prolongado. Para que isto aconteça de fato, é necessária a aceitação social das estruturas de poder e a população precisa se adaptar ao regime, identificando-se com ele e com seu discurso. Como demonstram as pesquisas sociológicas realizadas na Rússia, os “valores” e as representações herdadas do período

---

<sup>169</sup> Liév Gudkov é o chefe de Departamento das Pesquisas Sociais e Políticas do Centro De Monitoramento da Opinião Pública Levada.

soviético continuam sendo válidos e atuais na Rússia contemporânea. Em 1989, durante a pesquisa nacional de opinião empreendida pelo VtsIOM, à pergunta “Hoje em dia, existem inimigos do nosso país?”, 13% responderam com um “sim”, indicando algumas figuras ou forças, como: a máfia burocrática, os comunistas, os nacionalistas, os nazistas russos, os especuladores, os EUA, a OTAN, o FBI, os moradores do Cáucaso, os judeus, os chineses e os muçulmanos. 47% dos respondentes, naquele ano, deram a seguinte resposta: “Para que procurar inimigos se todos os males encontram-se em nós mesmos” (GUDKOV 2005). Passados dez anos, em 1999-2002, durante a segunda pesquisa nacional de opinião pública, 65-70% responderam positivamente sobre a existência de inimigos da Rússia, nomeando-os: tchetchenos, OTAN, fundamentalistas islâmicos, democratas<sup>170</sup>, China e outros. Na opinião de alguns pesquisadores, como Gudkov (2005), esta mudança de opinião revela a recuperação de uma estrutura identitária, outrora desintegrada, herdada da URSS. A própria divisão da sociedade em grupos antagonônicos foi fundamental para a ideologia marxista, dominante no período soviético, confirmando o postulado de Bauman (1999) sobre a importância dos antagonismos e das ambivalências para a modernidade.

À questão de interação com o “outro”, sujeito constituído por “nós”, foram dedicados vários estudos, como os de Landowsky (2002), Todorov (1993) e Lévinas (1993). O “outro” como um sujeito a ser delimitado foi e continua sendo estudado dentro do debate pós-colonial e dentro dos campos de pesquisa em torno de conceitos como “gênero” e “raça”. Entre estes, o debate científico que problematiza o conceito de “raça” torna-se mais importante para as questões elencadas nesta tese, devido a sua ligação com o debate ao redor de conceito de “etnia”, crucial para a compreensão das retóricas e dos mecanismos de exclusão na Rússia contemporânea.

Um aporte teórico para a compreensão da dicotomia entre os grupos “nós” e “outros” e, principalmente, para a questão de “outro” ser representado como ameaçador e incômodo, pode ser encontrado em autores como Koltai (2008) e Zygorius (1998), que abordam a

---

<sup>170</sup> O período de governo de Iéltsin, primeiro dirigente da FR após o fim da URSS, é conhecido como o período “democrata”, já que o lema de seu governo e de suas reformas foi a transição democrática. Assim, na FR, a “democracia” foi amplamente associada ao empobrecimento, ao dismantelamento de propriedade estatal, ao surgimento das máfias e ao desgoverno. Pútin, que em 1999 substituiu Iéltsin no governo, proclamou uma “democracia controlada” e apresentou as medidas autoritárias como um processo de correção dos erros do governo anterior, “democrático”.

problemática a partir do campo de estudos psicanalíticos.

Para Koltai,

O discurso da ciência quer que o outro seja igual, quer o bem do outro a qualquer preço, ainda que este nada queira saber desse bem e se recuse a ser igual. E quanto mais se exige uma suposta igualdade, mais o outro insiste em se manifestar como nada igual, totalmente diferente do que dele se espera. Quanto mais o discurso científico se exercita no sentido da uniformização, mais o disforme tende a se manifestar, e o disforme é o gozo, aquilo que transforma o outro em alguém que só me resta odiar, uma vez que ele põe em cheque a forma de gozar que eu tanto idealizo.

<...>

Nossas sociedades parecem levar cada vez mais em conta as vítimas, tanto as de dramas pessoais como de coletivos, do presente e do passado, a ponto de a vítima estar se transformando.. na metáfora de nossa condição moderna... essa é uma posição de puro gozo, cada vez mais distante do que poderíamos chamar de um sujeito engajado na própria vida com todos os riscos decorrentes do exercício de seu desejo. (Koltai 2008: 67, 68)

A relação com o “outro” é algo essencial na constituição psicológica do “eu”, e o problema surge quando este “outro”/“outros” de “você”/“vocês” transforma-se em “ele, ela”/“eles” (Zygouris 1998). Cede assim a interlocução, o diálogo, a possibilidade de interação. Os mecanismos psicológicos que fazem parte desta transformação englobam a relação entre o gozo e o desejo, as pulsões e os afetos. A angústia, um afeto presente em cada ser humano e relacionado com o eixo temporal, cresce nos períodos de incerteza ou grandes mudanças; perdendo o controle sobre o tempo, a concentração psíquica orienta-se para o espacial relacionado com as pulsões, inclusive a agressiva; que, por sua vez, quando é autorizada por um discurso de discriminação que nomeia e delimita o “outro”, resulta em

ação, em ato de agressão propriamente dito. Esta ação, muitas vezes, é contra a corporiedade do “outro”, contra sua presença física, já que é o espaço que se acentua e que torna a ser dividido e disputado (Koltai 2008; Zygoris 1998).

\*\*\*

Finalizando este texto, gostaria de citar dois trabalhos que propõem um enfoque interessante sobre a problemática da tese. Um deles, é a pesquisa de Thomas Barret (1995), que demonstra como no nível de convivência do dia-a-dia as relações entre os povos nativos e entre os novos moradores da região, muitas vezes obrigados a mudarem de suas casas pelo governo da Rússia, não foram tão simples e antagônicas. Barret (1995: 587, 599) também destaca alguns aspectos importantes deste convívio, como o intercambio comercial nas fronteiras (por exemplo, as armas brancas que os russos e os cossacos usavam perseguindo os montanheses foram produzidas e vendidas por próprios montanheses) e o fato de russos fugitivos formarem parte do exército de Chamil<sup>171</sup> (cerca de 300 pessoas em Veden<sup>172</sup> e 400-600 em Dargo<sup>173</sup>). Este estudo é particularmente curioso, pois quase todos os textos que tratam das relações entre a Rússia e a Tchetchênia sublinham a tensão permanente e a hostilidade entre as populações.

O segundo, enfoque, é a proposta de Felix Guattari (1996, 1987) sobre a operacionalidade de par “molar/molecular”, que pode elucidar tanto sobre a pesquisa específica citada acima, quanto sobre a problemática em torno de uso de conceitos como “etnia”, por exemplo:

Para mim, é muito importante considerar que esses processos de singularização podem ser, por um lado, capturados por circunscrições, por revelações de força que lhes dão essa figura de identidade – nunca esquecendo que se trata de um conceito de alguma forma profundamente reacionário, mesmo quando manejado por movimentos progressistas. Por outro lado, esses mesmos processos podem, concomitantemente, funcionar no registro molecular, escapando

---

<sup>171</sup> Chamil foi um dos principais líderes de resistência à colonização do Cáucaso Setentrional, no século XIX.

<sup>172</sup> Uma das regiões da atual Tchetchênia.

<sup>173</sup> Povoado tchetcheno.

totalmente a essa lógica identitária. Essa espécie de ambiguidade dos conceitos existe em todos os campos. (GUATTARI, ROLNIK 1996: 67).

E, por fim, ao concluir esta tese, aponto, que, em última instância, a existência das retóricas de exclusão é indispensável dentro do sistema das relações sociais, no qual, atualmente, encontramos-nos inseridos; e que sem a transformação destas relações, não haverá a extinção ou a desnecessidade de discriminação racial e xenófoba.

**EPÍLOGO  
DA CORAGEM**



Uma das imagens mais fortes e mais bonitas que já presenciei na minha vida é a do metro moscovita numa das noites do inverno de 2006-2007. Foi na última estação da linha vermelha - Iugo-Západnaia. A imagem me impressionou esteticamente, era linda pelas suas cores vivas e fortes no meio do cinza de final de dezembro, e me impressionou pela coragem, C O R A G E M, de seu portador: um moço jovem, afro descendente, vestia um casaco rubro escarlate com um Osama Bin Laden enorme estampado nas costas. Suas costas eram a bandeira: Ele Não Tinha Medo. Ele Não Tinha Medo no país dominado pela ideologia nacionalista. Ele Não Tinha Medo à noite em Moscou soterrada pela xenofobia. Ele Não Tinha Medo no metrô onde os auto-falantes martelam sem parar sobre a ameaça terrorista. Ele Não Tinha Medo na estação Iugo-Západnaia tristemente famosa pelos ataques dos nazistas (a Universidade de Amizade dos Povos, onde estudantes estrangeiros do mundo inteiro, mas principalmente da América do Sul, África e Ásia, estudam fica nesta região). Diz-se que ter coragem não significa não sentir medo, nunca sentir medo, mas saber e conseguir enfrentar e superar o medo. E este rubro-negro que vi passava uma sensação de esperança quase eufórica no ser humano, na atitude de se mostrar (não se esconder), de falar (não se calar), de lutar (não ser passivo), de viver enfim.

Parecia um sonho, inacreditável, mas era verdade, era real. Foi como um tapa em toda esta gente que morre de medo de se pronunciar sobre qualquer assunto maior de que o universo micro, mais micro possível, de casa, família, louça, banho, poltrona, TV, micro-ondas, refrigerador, meu carro, meu emprego garantido, meu cachorro, meu espaço privado murado e acústico. Foi um dos casos quando a atitude singular de Um ser pesou mais de que o comportamento das multidões=massas, comprovando a falência e o obsoleto da regra geral, do senso comum. E no país dominado pelo medo, onde o medo fora educado durante os séculos, onde as repressões, prisões e execuções varreram os mais corajosos e inconformados, esta afirmação de insubmissão e de voz é algo que realmente transforma a realidade, faz pessoas se despertarem e levantarem a cabeça, a enfrentarem com o olhar direto aquilo que as cerca. Pois se um pode fazer assim, se um anda, os outros andarão.

Viva a coragem, então! Vivas à coragem de todas as pessoas que não se calam na

Rússia – em Moscou, em São Petersburgo; na Tchetchênia; em todos os países que vivem sob a ditadura; em todos os lugares do mundo onde os grupos sociais vivem sendo oprimidos.

## REFERÊNCIAS

- AIGUI, Guenádi. **Silêncio e Clamor**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- AKAEV, Vakhit. **Sufismo e vakhabismo no Cáucaso Setentrional**. Moscou: IEA RAN, 1999. (Акаев, В.Х. Суфизм и ваххабизм на Северном Кавказе. Москва: ИЭА РАН, 1999).
- BARRETT, Thomas M. Lines of Uncertainty: The Frontiers of The North Caucasus. **Slavic Review**, Vol. 54, No. 3. (Autumn, 1995). P. 578-601.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- BERNARDO, João. **Para uma teoria de modo de produção comunista**. Porto: Afrontamento, 1975.
- BETTELHEIM, Charles. **A luta das classes na União Soviética**. 2a ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BLÍEV, Mark. A guerra do Cáucaso: suas origens sociais e sua essência. **História da URSS**. 1983. No 2. (Блиев М.М. Кавказская война: социальные истоки, сущность// История СССР. 1983. N2).
- BONNETT, Alastair. Communists like us. Ethnicized modernity and the idea of the “West” in the Soviet Union. **Ethnicities**. Vol.2, no 4. P. 435-467.
- BORTULUCCE, Vanessa. **A arte dos regimes totalitários do século XX: Rússia e Alemanha**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- BROMLEI, Iuri. **Ensaio sobre a teoria de etnos**. Moscou: Nauka, 1983. (Бромлей Ю.В. Очерки теории этноса. Москва: Наука, 1983).
- BROMLEI, Iuri. Sobre a questão da influência das especificidades do meio cultural sobre a psique. In: **Etnografia soviética**. 1983. No 3. P. 73-74. (Бромлей Ю.В. К вопросу о влиянии особенностей культурной среды на психику// Советская этнография. 1983. N3. С. 73-74).
- BRUBAKER, Rogers. **Nationalism reframed**. Nationhood and the national question in the New Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CADERNO de Literatura e Cultura Russa. N1. São Paulo: Atelie Editorial, março 2004.
- CARROLL, Lewis. **Alice** – Edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CHIIK. Problema racial e marxismo. Moscou: Associação de pesquisa científica sobre o estudo de problemas coloniais e nacionais, 1930 *apud* SHNIRELMAN, Viktor. “**Margem de tolerância**”. Ideologia e prática do racismo contemporâneo. Moscou: Novo observatório literário, 2011. Vol.1. P. 228. (Шнирельман, Виктор. "Порог толерантности". Идеология и практика нового расизма. Новое литературное обозрение, 2011).

DUMÉZIL, Georges. **Documents anatoliens sur les langues et les traditions du Caucase**. Vol. III. Paris: Institut d'Ethnologie, 1965.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2000.

ENTREVISTA sobre o problema de migração com Doutora em História e pesquisadora do Instituto de Sociologia da Academia de Ciências da FR. 4 nov. 2009. (Интервью с доктором исторических наук, главным научным сотрудником Института социологии РАН Л.М.Дробижевой о проблемах миграции. 4 ноября 2009 г.). Disponível em: <<http://www.migrant.ru/smi.php?id=541>>. Acesso em: 21 out. 2011.

**ETNOGRAFIA do censo 2002**. Moscou: Avtoizdat, 2003. (Этнография переписи 2002. Москва: Автоиздат, 2003).

GELLNER, Ernst. El nacionalismo y las dos formas de la cohesión em las sociedades complejas. In: DELANNOI, Gil; TAGUIEFF, Pierre-André (Org.) **Teorias del nacionalismo**. Barcelona - Buenos Aires – México: Ediciones Paidós, 1993.

GRAEBER, D. **Fragments of an Anarchist Anthropology**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2004.

**Grande dicionário enciclopédico**. Moscou: Editora científica “Grande Enciclopédia da Rússia”, 2001. P. 1416. (Большой энциклопедический словарь. Москва: Научное издательство “Большая российская энциклопедия”, 2001).

GREENFELD L. Soviet sociology and sociology in the Soviet Union. **Annual Review of Sociology**. 1988. Vol.14.

GUATTARI, Felix. Micropolítica do fascismo. In: **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_, ROLNIK, Suely. **Micropolítica. Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUDKOV, Liév. La rettorica del “nemico” nell'arte e nella litteratura totalitarie sovietica. In: **I viaggi di ERODOTO**. Trimestrale di culture storica. Milano. Ottobre 2000-marzo 2001. 43/44. P.30-39.

\_\_\_\_\_. Ideologema de “inimigo”. Os “inimigos” como síndrome de massa e

mecanismo de integração sociocultural. In: **Imagem de inimigo**. Moscou: O.G.I, 2005.

HIRSCH, Francine. The Soviet Union as a Work-in-Progress: Ethnographers and the Category Nationality in the 1926, 1937, and 1939 Censuses. **Slavic Review**, Vol. 56, No. 2. (Summer, 1997). P. 251-278.

\_\_\_\_\_. Practice of racial politics. **Slavic Review**. 2002. Vol. 61. N1. P. 31-36.

\_\_\_\_\_. **Empire of Nations: Ethnographic Knowledge and the Making of Soviet Union**. Cornell University Press, 2005.

HOBBSAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HUMPHREY, Caroline. Inequality and exclusion: a Russian case study of emotion in politics. **Anthropological theory**. 2001. Vol.1. N 3. P. 331-353;

\_\_\_\_\_. **The Unmaking of Soviet Life. Everyday Economies After Socialism**. Cornell University Press, 2002.

IL'ASSOV, Lekha. **Teipe tchetcheno – A República Tchetchêna e os tchetchenos**: história e contemporaneidade. Materias da Conferência Pan-russa. Moscou, 19-20 abr. 2005. Moscou: Naúka, 2006. P. 176-185. (Ильясов, Л. Чеченский тейп - Чеченская республика и чеченцы: История и современность: Матер. Всерос. науч. конф. Москва, 19-20 апреля 2005. М.: Наука, 2006, с. 176-185).

JÚKOV, Il'ia. **Análise crítica do discurso da mídia impressa**: as peculiaridades de representação do conflito no Cáucaso Setentrional entre 1998 e 2000. Dissertação para a obtenção do título de candidato de ciências em filologia. Tver, 2002. (Жуков, И. В. Критический анализ дискурса печатных СМИ: особенности освещения северокавказского конфликта 1998-2000 гг. Диссертация на соискание ученой степени ученой степени кандидата филологических наук. Тверь, 2002).

KHODARKOVSKY, Michael. Of Christianity, Enlightenment, and Colonialism: Russia in the North Caucasus, 1550-1800. **The Journal of Modern History**, Vol. 71, No2. P. 394-430.

KOJÉVNIKOVA, Galina. Linguagem de ódio nos meios de comunicação após Beslan: em busca de inimigos e a responsabilidade de jornalistas. In: **Linguagem de ódio em sociedade, política e meios de comunicação**. Materias de conferência. Moscou: Centro de desenvolvimento da democracia e de direitos humanos, 2005. (Кожевникова, Г. «Язык вражды в СМИ после Беслана: в поисках врага и ответственность журналистов», в: Язык вражды в обществе, политике и средствах информации. Материалы конференции. Москва: Центр развития демократии и прав человека, 2005).

\_\_\_\_\_. **Nacionalismo radical na Rússia e as contra ações. Relatório do Centro de Análise e Informação “Sova”**. 2007. (Кожевникова, Г. Радикальный национализм в

Rússia e o seu contradição em 2006 ano. Informação-analítico centro "Sova". 2007). Disponível em: <<http://www.sova-center.ru/racism-xenophobia/publications/2007/04/d10516/>>. Acesso em: 23 fev. 2008.

KOLTAI, Caterina. Racismo: Uma questão cada vez mais delicada. In: Ide: psicanálise e cultura. São Paulo, 2008 31 (47). P. 66-70.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LAYTON, Susan. **Russian Literature and Empire**: Conquest of the Caucasus from Pushkin to Tolstoy. New York: Cambridge University Press, 1994.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MÁLAKHOV, Vladímir. Crítica ao essencialismo em Ciências Sociais na Rússia contemporânea. In: **Ciências sociais, discurso racista e práticas discriminatórias**. Conferência Internacional. Centro independente de pesquisas sociológicas. São Petersburgo, 1 de dezembro de 2001. (Малахов, В. «Критика эссенциализма в социальных науках в современной России», в: Социальные науки, расистский дискурс и дискриминирующие практики. Международная конференция. Независимый центр социологических исследований. Санкт-Петербург, 1 декабря 2001).

\_\_\_\_\_. **Chegaram estes aí...** Ensaio sobre nacionalismo, racismo e pluralismo cultural. Moscou: Novo observatório literário, 2007. (Малахов, В. Понаехали тут... Очерки о национализме, расизме и культурном плюрализме. Москва: Новое культурное обозрение, 2007).

MAL'KOVA, Vera. **Moscú – uma mega pólice multicultural**. Moscou: Org-servis – 2000, 2004. (Малькова, В.К. Москва -многокультурный мегаполис. Москва: Орг-сервис-2000, 2004).

\_\_\_\_\_. **Moscú poliética no início de um novo milênio**: como a representa e a percebe a imprensa da capital. Moscou: RUDN, 2007. (Малькова, В.К. Полиэтническая Москва в начале нового тысячелетия: Как видит и показывает её столичная пресса. Москва: РУДН, 2007).

MILES, Robert, BROWN, Miles. **Racismo**. Moscou: Rosspen, 2008. (Майлз Р., Браун М. Расизм. Москва: РОССПЭН, 2008).

MUKOMEL', Vladímir. Aspectos metódicos e práticos de pesquisa da integração dos migrantes: a especificidade do espaço pós-soviético. In: MUKOMEL', Vladímir; ZAIONTCHKÓVSKAIA, Janna; MOLODIKOVA, Irina (Org.) **Metodologia e métodos de pesquisa de processos de migração**. Moscou: Centro de pesquisas de migração, 2007. P. 142-170. (Методические и практические аспекты изучения интеграции иммигрантов: специфика постсоветского пространства. Под ред. Жанны Зайончковской, Ирины

Молодиковой, Владимира Мукомеля - Центр миграционных исследований - М., 2007 ). Disponível em: <<http://migrocenter.ru/publ/pdf/metod.pdf>> Acesso em: 21 out. 2011.

**NACIONALISMO russo radical:** estrutura, ideias, personalidades. Moscou: Sova, 2009. (Русский радикальный национализм: структуры, идеи, лица. Москва: Сова, 2009).

NIKÓLSKAIA, Polina. "Acreditem, não sou nacionalista". Secretário de imprensa de Serviço Federal de Migração é demitido após a "declaração racista". **Gazeta.Ru.** Moscou, 20 abr. 2011. (Полина Никольская. «Поверьте, я никоим образом не националист». Пресс-секретарь ФМС уволен за «расистское высказывание». Газета.Ру. Москва, 20 апр. 2011.) Disponível em: <<http://www.gazeta.ru/social/2011/04/20/3590201.shtml>>. Acesso em: 21 abr. 2011.

**NO CAMINHO para o censo.** Moscou: Aviaizdat, 2003. (На пути к переписи. Москва: Авиаздат, 2003).

OLIVEIRA, Rejane de. Cenários interculturais: globalismo, imigração e a conformação das identidades argentinas na experiência da diáspora. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007.

PANOVA, Ekaterina. "Outro" na sala de aula: os professores sobre as diferenças étnicas. In: **Racismo na linguagem de ensino.** São Petersburgo: ALETE'A, 2008. (Панова, Екатерина. "Чужой" за школьной партией: представления учителей об этнических различиях. В: Расизм в языке образования. Санкт-Петербург: АЛЕТЕЙЯ, 2008).

POLIAN, Pavel. **Sem a vontade própria...** História e geografia das migrações forçadas na URSS. Moscou: Editora Humanitária, 2000. (Полян, П. Не по своей воле... История и география форсированных миграций в СССР. Москва: Гуманитарное издательство, 2000). Disponível em: <<http://www.memo.ru/history/deport/polyan1.htm>>. Acesso em: 17 de out. 2012.

\_\_\_\_\_. Foice e pedra: a etnia conflitante fortemente abraçada pelo poder soviético. **Estrela.** 2007. No 12. (Полян, Павел. Коса и камень: конфликтный этнос в крепчайших объятиях Советской власти. "Звезда". 2007. 12). Disponível em: <<http://magazines.russ.ru/zvezda/2007/12/pp7-pr.html>>. Acesso em: 21 out. 2011.

PRIL, liudmila. **Escolas nômades de politização entre os evenki do rio Queti:** objetivos, métodos e resultados. "Centro de documentação da história moderna da região de Tomsk" do Departamento de Arquivos da Administração da Região de Tomsk. [S.l.: s.n.] [2002-?] (Приль Л.Н. Кочевые политшколы у эвенков реки Кети: цели, методы и результаты. "Центр документации новейшей истории томской области" Архивного управления Администрации Томской Области). Disponível em: <<http://cdnito.narod.ru/politshkoli.htm>>. Acesso em: 21 out. 2011.

PRISTAVKIN, Anatoli. **Una nube dorada dormia.** Barcelona: Ed. Circulo de Lectores, 1991.

**RAÇAS e povos.** Edição anual da Academia de Ciências da Rússia. No 23. 1993. (Расы и народы. Ежегодник РАН. 23. 1993).

ROSHIN, S.K. Ethnocentrism: Theory and Political Reality of the 20th century. In: **RAÇAS e povos.** Edição anual da Academia de Ciências da Rússia. No 23. 1993. P. 59-104. (Расы и народы. Ежегодник РАН. 23. 1993).

SAID, Edward. **Orientalismo:** O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHNIRELMAN, Viktor. **As guerras da memória.** Mitos, identidade e política no Cáucaso Meridional. Moscou: Akademkniga, 2003. (Шнирельман, Виктор. Войны памяти. Мифы, идентичность и политика в Закавказье. Москва: Академкнига, 2003).

\_\_\_\_\_. Racismo ontem e hoje. **Pro et Contra**, 2005 (setembro-outubro). Moscou: Moscow Carnegie Center. (Шнирельман, Виктор. Расизм вчера и сегодня. Pro et Contra. 2005 (сентябрь-октябрь). Москва: Московский Центр Карнеги).

\_\_\_\_\_. “A incompatibilidade das culturas”: desde as concepções científicas e a educação escolar até a política real. In: **Nacionalismo russo.** Ideologia e sentimentos. Moscou: Centro analítico e de informação Sova, 2006. (Шнирельман, Виктор. «Несовместимость культур»: от научных концепций и школьного образования до реальной политики. В: Русский национализм. Идеология и настроение. Москва: Информационно-аналитический центр «Сова», 2006).

\_\_\_\_\_. **Ser alanos.** Os intelectuais e a política no Cáucaso Setentrional no século XX. Moscou: Novo observatório de literatura, 2006. (Шнирельман, Виктор. Быть аланами. Интеллектуалы и политика на Северном Кавказе в XX веке. Москва: Новое литературное обозрение, 2006).

\_\_\_\_\_. **“Os limpadores das ruas moscovitas”:** skinheads, meios de informação e opinião pública. Moscou: Academia, 2007. (Шнирельман, Виктор. «Чистильщики московских улиц»: скинхеды, СМИ и общественное мнение. Москва: Академия, 2007).

\_\_\_\_\_. **“Margem de tolerância”.** Ideologia e prática do racismo contemporâneo. Moscou: Novo observatório literário, 2011. (Шнирельман, Виктор. "Порог толерантности". Идеология и практика нового расизма. Новое литературное обозрение, 2011).

SLEZKINE, Yuri. The USSR as a Communal Apartment, or How a Socialist State Promoted Ethnic Particularism. **Slavic Review**, Vol. 53, No. 2. (Summer, 1994). P. 414-452.

SMITH, D. Anthony. **Identidade nacional.** Lisboa: Gradiva, 1997.

SOKOLÓVSKI, Sierguei (Org.) **Etnocognitologia**. Primeira publicação. Aproximações à pesquisa da identificação étnica. Moscou [s.n.] , 1994. (Этнокогнитология. Вып.1. Подходы к изучению этнической идентификации (редактор-составитель С.В. Соколовский). М., 1994).

STÁLIN, Ióssif. Marxismo e a questão nacional. In: STÁLIN, Ióssif. **Obras completas**. Vol. 2. Moscou, 1951. (Сталин И.В. Марксизм и национальный вопрос // Сталин И.В. Сочинения. Т.2. М., 1951).

STOLCKE, Verena. **Is sex to gender as race is to ethnicity?** In: VALLE, Teresa del. (Ed.) *Gendered anthropology*. London: Routledge. 1993.

\_\_\_\_\_. Talking Culture: New Boundaries, New Rhetorics of Exclusion in Europe. In: **Current Anthropology**, Vol. 36, No. 1, Special Issue: Ethnographic Authority and Cultural Explanation. (Feb., 1995).

\_\_\_\_\_. A “natureza” da nacionalidade. Em: MAGGIE, Y., REZENDE, C.B. (Org.). **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TAGUIEFF, Pierre-André. Lês métamorphoses idéologiques du racisme et la crise de l'antiracisme. In: TAGUIEFF, Pierre-André (Org.) **Face au racisme. Analyses, hypothèses, perspectives**. Tome 2. Paris: Éditions la découverte. 1992.

TCHOMAEV, K.I. As características da psicologia étnica dos povos montanheses do Cáucaso setentrional no período anterior à Revolução de 1917. In: ARUTIUNIAN, Serguei (Ed.). **Questões da psicologia nacional**. Tcherkessk: Karatchaievo-Tcherkiésskaia oblastnaia tipografiá, 1972. (Чомаев К.И. Дореволюционные черты этнической психологии горских народов Северного Кавказа// Арутюнян С.М. (ред.). Вопросы национальной психологии. Черкесск: Карачаево-Черкесская обл. типография, 1972).

TCHUBAKHA, Ígor'. Rússia não tem pena de seu dinheiro. **Rosbalt buisness**. São Petersburgo, 6 mar. 2011. (ЧУБАХА, Игорь. России своих денег не жалко. Росбалт бизнес. Санкт-Петербург, 6 мар. 2011). Disponível em:  
<<http://www.rosbalt.ru/business/2011/03/06/825902.html>>. Acesso em: 14 abr. 2011).

TICHKOV, Valiéri. O que é a Rússia e o povo da Rússia? **Pro et Contra**, 2007, maio-junho. P. 21-41. (Тишков, В.А. Что есть Россия и российский народ? Pro et Contra, 2007. 21-41).

TISHKOV, Valery. The Crisis in Soviet Ethnography. **Current Anthropology**. Volume33. Number 4, August-October 1992. P. 371.

TIURIUKÁNOVA, Elena. Migrantes de trabalho em Moscou: “segunda sociedade”. **Noticiário do Instituto Kennan na Rússia**, 2008. (Тюрюканова, Е.В. Трудовые мигранты в Москве: "второе общество". Вестник института Кеннана в России, 2008).

\_\_\_\_\_. Migrantes de trabalho em Moscou: “segunda sociedade”. In: **Imigrantes em Moscou**. Moscou: Três quadrados, 2009. (Тюрюканова, Е.В. Трудовые мигранты в Москве: “второе общество”. В: Иммигранты в Москве. Москва: Три квадрата, 2009).

TODOROV, Tzvetan. **Nós e outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana, V.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

TOLSTOI, Leon. **Os cossacos**. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, 1932.

TOLSTÓI, Liev. O Prisioneiro do Cáucaso. In: COSTA, Flávio. **Os melhores contos de aventura**. Tradução Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

\_\_\_\_\_. **Khadji-Murat**. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

VANEIGEM, Raoul. Banalidades básicas. In: **Situacionista – teoria e prática da revolução**. São Paulo: Conrad Editora, 2002.

VERDERY, Katherine. **What was socialism and what comes next?** Princeton University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. Transnationalism, Nationalism, Citizenship, and Property: Eastern Europe Since 1989. **American Ethnologist**, Vol. 25, No. 2. (May, 1998). P. 291-306.

VIANA, Nildo. O capitalismo de Estado da URSS. **Revista Ruptura**, n. 1. 1993.

VORONKOV, Viktor; KARPÉNKO, Oksana. É difícil não ser racista (no lugar de uma introdução). In: **Racismo na linguagem de ensino**. São Petersburgo: ALETE'A, 2008. (Виктор Воронков, Оксана Карпенко. Трудно не быть расистом (вместо введения). В: Расизм в языке образования. Санкт-Петербург: АЛЕТЕЙЯ, 2008).

WEITZ, Eric. Racial politics without a concept of race: reevaluating Soviet ethnic and national purges. In: **Slavic Review**, vol. 61, no1: 1-29. (2002).

\_\_\_\_\_. On certainties and ambivalences: reply to my critics. In: **Slavic Review**, vol. 61, no1: 62-65. (2002).

ZAIONTCHKÓVSKAIA, Janna, MKRTTCHAN Nikita. O papel da migração na dinâmica da quantidade e da composição populacional de Moscou. In: **Imigrantes em Moscou**. Moscou: Três quadrados, 2009. Зайончковская Ж.А., Мкртчян, Н.В. Роль миграции в динамике численности и состава населения Москвы. В: Иммигранты в Москве. Москва: Три квадрата, 2009).

ZVÉREVA, Galina. **Guerra tchetchena em discursos na cultura de massa na Rússia: as formas de representação do inimigo**. 2002. (Зверева, Г. Чеченская война в дискурсах

*массовой культуры: формы репрезентации врага.* 2002). Disponível em: <<http://www.polit.ru/article/2002/12/07/479426/>>. Acesso em: 20 out. 2012.

ZYGOURIS, Radmila. De alhures ou de outrora ou o sorriso do xenófobo. In: Koltai, Caterina. (Org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998.



## Bibliografia

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

APPIAH, K. Anthony. Identity, authenticity, survival: multicultural societies and social reproduction. In: GUTMANN, Amy (Ed.), TAYLOR, Charles. **Multiculturalism: examining the politics of recognition**. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 149-163.

\_\_\_\_\_. Race, culture, identity: misunderstood connections. In: APPIAH, K. Anthony, GUTMANN, Amy. **Color conscious: the political morality of race**. Princeton: Princeton University Press, 1996. p. 30-105.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AVTORKHÁNOV, Abdurakhman. **O império do Krémelin. Colonialismo soviético**. República Federal da Alemanha: Prometheus-Verlag, 1988. (Авторханов А. Империя Кремля. Советский тип колониализма. ФРГ: Prometheus-Verlag, 1988).

BABITCH, Irina. **Valores espirituais e problemas de formação de uma nova ideologia entre os povos do Cáucaso Setentrional**. Moscou: IEA RAN, 2008. (Бабич, И.Л. Духовные ценности и проблемы формирования новой идеологии у народов Северного Кавказа. Москва: ИЭА РАН, 2008).

BALIBAR Etienne, WALLERSTEIN Immanuel. **Race, Nation, Class: Ambiguous Identities**. London: Verso, 1991.

BAROT Rohit. Racialisation: The Genealogy and Critique of a Concept. In: **Ethnic and Racial Studies**. 2001. Vo. 24. N4. P. 601-618.

BAUMAN Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BERNARDO, João. **Labirintos do fascismo. Na encruzilhada da Ordem e da Revolta**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

BROMLEI, Iulian, KOZLOV, Viktor. The Theory of Ethnos and Ethnic Processes in Soviet Social Sciences. In: **Comparative Studies in Society and History**, Vol. 31. No. 3 (Jul., 1989). P. 425-438.

BRUBAKER, Rogers. Citizenship Struggles in the Soviet Successor States. In: **International Migration Review** 26 (2). 1992: 269-291.

\_\_\_\_\_. Political dimensions of migration from and among soviet successor states. In: WEINER, Myron (Ed.). **International Migration and Security**. Boulder, Colo.: Westview Press, 1993.

BUNCE, Valerie. The Political Economy of Postsocialism. **Slavic Review**, Vol. 58, No 4.

CASTORIADIS, Cornelius. **La société bureaucratique**. Vol. I e II, 10/18, 1973.

**CATEGORIAS étnicas e estatística**. Debates na Rússia e na França. Moscou: Rosinformagrotekh, 2008. (Этнические категории и статистика. Дебаты в России и во Франции. Москва: Росинформгротех, 2008).

CATFORD, John Cunnison. Mountain of Tongues: The Languages of the Caucasus. **Annual Review of Anthropology**, Vol. 6 (1997), pp. 283-314.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Livraria Francisc Alves Editora, 1988.

CRAPANZANO, Vincent. Estilos de interpretação e a retórica de categorias sociais. In: Maggie, Yvonne, Rezende, Claudia .B. (Org.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

**DÉBATS sur l'identité et le multiculturalisme**. Actes du 11e Colloque annuel de Réseau de suivi ethnologique et de prévention des conflits. 2-8 octobre 2004, Rennes. Moscou, 2005.

**DEMOCRACIA da vertical**. Moscou: Sova, 2006. (Демократия вертикали. Москва: Центр «Сова», 2006).

DÚBIN, Boris, GUDKOV, Liev. A especificidade do nacionalismo russo. **Pro et Contra**, 2005 (setembro-outubro). (Дубин, Борис; Гудков, Лев. Специфика русского национализма. Pro et Contra. 2005. (Сентябрь-октябрь)).

**ETNICIDADE e poder em Estados plietnicos**: Materiais da conferencia internacional. Moscou: Naúka, 1994. (Этничность и власть в полиэтничных государствах: Материалы международной конференции. Москва: Наука, 1994).

**ESTEREÓTIPOS socioculturais e étnicos**. Materiais da conferencia científica de jovens cientistas e pós-graduandos. Moscou: RGGU, 1998. (Социокультурные и этнические стереотипы. Материалы научной конференции молодых учёных и аспирантов. Москва: РГГУ, 1998).

FERRO, Marc. **O livro negro do colonialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

\_\_\_\_\_. A política das nacionalidades do regime soviético. In: CORDELLIER, Serge (Coord.). **Nações e nacionalismos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

**FORCED migration**. Repatriation in Georgia. New York: Open Society Institute, 1995.

FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1964.

FRY, Peter. **A persistência da raça**. Ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

**FUGIR! Coletânea de artigos sobre a migração no mundo contemporâneo**. Voronej: Editora do Sindicato dos Literários, 2007. (Бежать! Сборник статей о миграции в современном мире. Воронеж: Издательство профсоюза литераторов, 2007).

GAL, Susan, KLIGMAN, Gail. **The politics of gender after socialism**. Princeton University Press. Princeton, New Jersey, 2000.

GILROY Paul. **Between camps: nations, cultures and the allure of race**. London: Routledge, 2004.

GUELLER, Mikhail. **História do império russo**. Vol. 1 e 2. Moscou: MIK, 2001. (Геллер, М. История Российской империи. Москва: МИК, 2001).

HANN, Chris, HUMPHREY, Caroline, VERDERY, Katherine. Introduction: postsocialism as a topic of anthropological investigation". In: HANN, Chris (Ed.). **Postsocialism. Ideals, ideologies and practices in Eurasia**. Routledge, Londres, 2002.

**HISTÓRIA da região como campo de construção da identidade regional**. Volgograd: Editora da Universidade Estatal de Volgograd, 2008. (История региона как поле конструирования региональной идентичности. Волгоград: Издательство Государственного волгоградского университета, 2008).

**HISTÓRIA étnica e etnosocial dos povos do Cáucaso, da Ásia Central e do Cazaquistão**. São Petersburgo: MAE RAN, 1995. (Этническая и этносоциальная история народов кавказа, Средней Азии и Казахстана. Спб: МАЭ РАН, 1995).

HOBSBAWM, Eric, RANGER Terence (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

HUNGTINGTON, Samuel P. **The clash of civilizations. Remaking of the world order**. New York: Simon and Schuster, 1996.

**IMAGEM do inimigo**. Moscou: OGI, 2005. (Образ врага. Москва: ОГИ, 2005).

**IMIGRANTES em Moscou**. Moscou: Três quadrados, 2009. (Иммигранты в Москве. Москва: Три квадрата, 2009).

JERSILD, Austin. Faith, Custom, and Ritual in the Borderlands: Orthodoxy, Islam, and the «Small Peoples» of the Middle Volga and the North Caucasus. **Russian Review**, Vol. 59, No4, pp. 512-529.

KÁRPOV, Iúri. **Djiguite e lobo: as uniões masculinas na tradição sociocultural dos**

montanhese do Cáucaso. São Petersburgo: MAE RAN, 1996 (Карпов, Ю. Джигит и волк: мужские союзы в социокультурной традиции кавказских горцев. Спб: МАЭ РАН, 1996).

KHAPEVA, Dina, KOPOSSOV, Nikolai. 1992. Les demi-dieux de la mythologie soviétique. Étude sur les représentations collectives de l'histoire. **Cahiers des Annales** 47 (4-5): 963-988.

KOLTAI, Caterina (Org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro; Rocco, 1994.

**LINGUAGEM de ódio na sociedade, na política e em meios de informação. Materiais de conferência**. Moscou: Centro para o desenvolvimento da democracia e de direitos humanos, 2005. (Язык вражды в обществе, политике и средствах информации. Материалы конференции. Москва: Центр развития демократии и прав человека, 2005).

MÁLAKHOV, Vladímir, TICHKOV, Viktor. (Org.). **Multiculturalismo e transformação das sociedades pós-soviéticas**. Moscou: IEA RAN, 2002. (Малахов В.С., Тишков В.А. (ред.). Мультикультурализм и трансформация постсоветских обществ. М.: ИЭА РАН, 2002).

MARCHENKO, Anatolii. **To Live Like Everyone**. London: I.B.Tauris and Co., Ltd., 1989.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MILES, Robert, BROWN, Malcolm. **Racism**. 2Nd ed.. L.; N. Y., 2003.

MOURADIAN, Claire. Os russos no Cáucaso. In: FERRO, Marc (Org.). **O livro negro do colonialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

**NACIONALISMO russo. Ideologia e sentimentos**. Moscou: Centro analítico e de informação Sova, 2006. (Русский национализм. Идеология и настроение. Москва: Информационно-аналитический центр «Сова», 2006).

NICHOLS, Johanna. How Conifers Became Oaks in the Caucasus. **International Journal of American Linguistics**. P. 523-525.

**NÓS e eles. Conformismo e a imagem do “outro”**: coletânea de artigos sobre xenofobia. Moscou: Universidade Casa de Livros, 2007. (Мы и Они. Конформизм и образ «другого»: сборник статей на тему ксенофобии. Москва: Университет Книжный Дом, 2007).

PAÍS vive onda crescente de ataques racistas. **Folha de São Paulo**. 7 de outubro de 2006.

PETROV, Grigorii. Teoria racial ao serviço do fascismo. Moscou, Leningrado: OGUIZ, 1934. (Петров Г.И. Расовая теория на службе у фашизма. М.;Л.: ОГИЗ, 1934).

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

**PROBLEMA de raça na antropologia física russa.** Moscou: IEA RAN, 2002. (Проблема расы в российской физической антропологии. Москва: ИЭА РАН, 2002).

**RACISMO na linguagem de ensino.** São Petersburgo: Aletei, 2008. (Расизм в языке образования. Спб: Алетея, 2008).

**RELATÓRIO alternativo das ONG's.** Moscou: Zvénya, 2003. (Альтернативный доклад НПО. Москва: Звенья, 2003).

ROBERTS, Andrew. The State of Socialism: A Note on Terminology. *Slavic Review*, Vol. 63, No2, pp. 349-366.

**RÚSSIA e Tchetchênia - em busca de uma saída.** São Petersburgo: Editora da revista "Estrela", 2003. (Россия и Чечня — поиски выхода. Санкт-Петербург: Издательство журнала «ЗВЕЗДА»: 2003).

SCHNAIDERMAN, Boris. **Os Escombros e o Mito:** A Cultura e o Fim da União Soviética. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença:** ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SHANIN, Teodor. Ethnicity in the Soviet Union: Analytical Perceptions and Political Strategies. *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 31. No. 3 (Jul., 1989). P. 409-424.

SHEVCHENKO, Olga. 'Between the Holes': Emerging Identities and Hybrid Patterns of Consumption in Post-Socialist Russia. *Europe-Asia Studies*, Vol. 54, No. 6. (Sep., 2002). P. 841-866.

SOKOLÓVSKI, Serguei. **As imagens do outro em ciência, política e direito na Rússia.** Moscou: Caminho, 2001. (Соколовский, С.В. Образы других в российской науке, политике и праве. Москва, Путь, 2001).

SPÜLBECK, Susan. Anti-semitism and fear of the public sphere in a post-totalitarianism society: East Germany. In: HANN, Chris (Ed.). **Civil society:** challenging western models. Routledge, Londres, 1996.

SZYNKIEWICZ, Slawoj. Mythologized Representations in Soviet Thinking on the Nationalities

Problem. **Antropology Today** 6 (2). (1990).

TAGUIEFF, Pierre-André. **A cor a e sangue. Teorias francesas sobre o racismo**. Moscou: Ladomir, 2009 (Тагиефф, П.-А. Цвет и кровь. Французские теории расизма. Москва: Ладомир, 2009.).

TCHEREVATENKO, Valentina. **Transformação de estereótipos de gênero na sociedade tchetchena no período do conflito armado**. Moscou: IEA RAN, 2007. (Череватенко, В.И. Трансформация гендерных стереотипов в чеченском обществе в период вооружённого конфликта. Москва: ИЭА РАН, 2007).

**TCHETCHÊNIA 2003. Processo político por trás dos espelhos**. Moscou: Grupo Helsinque de Moscou, 2004. (Чечня 2003. Политический процесс в Зазеркалье. Москва: Московская Хельсинская группа, 2004).

TICHKOV, Valeri, STEPANOV Valeri. **Medição de conflito. Métodos e resultados do monitoramento etnocofoessional da rede EAWARN em 2003**. Moscou: IEA RAN, 2004. (Тишков, В.А., Степанов В.В. Измерение конфликта. Методика и результаты этноконфессионального мониторинга сети EAWARN в 2003 году. Москва: ИЭА РАН, 2004).

URJEWICZ, Charles. Transcaucásia: Terra, território e identidade nacional. Em: CORDELLIER, Serge (Coord.) **Nações e nacionalismos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

VELLER, Mikhail. **A grande última chance**. São Petersburgo: Parol, 2006. (Веллер, М. Великий последний шанс. Спб: Пароль, 2006).

VERDERY, Katherine. Ethnic relations, economies of shortage, and the transition in Eastern Europe. In: HANN, Chris. (Ed.). **Socialism: ideals, ideologies, and local practice**. London: Routledge, 1993. p. 172-186.

\_\_\_\_\_. Theorizing Socialism: A Prologue to the 'Transition'. **American Anthropologist** 18 (3): 419-439. (1991).

\_\_\_\_\_. **The Vanishing Hectare. Property and Value in Postsocialis Transylvania**. Cornell University Press. Ithaca & London, 2003.

\_\_\_\_\_. Faith, hope, and Caritas in the land of the pyramids, Romania 1991-1994. **Comparative Studies in Society and History** 37 (3): 623-669.

WETHERELL Margaret, POTTER Jonathan. **Mapping the Language of Racism: Discourse and the Legitimation of Exploitation**. New York: Columbia University Press, 1992.

WICHER, Hans Rudolf. **Rethinking nationalism and ethnicity. The struggle for meaning and order in Europe.** Oxford: 1997.

WIEVIORKA, Michel. **El espacio del racismo.** Barcelona: Paidós, 1992.



## BIBLIOGRAFIA SOBRE AS GUERRAS NA TCHETCHÊNIA

ACHIAMÉ, Robson (Ed.). **Terrorismo de Estado na Rússia: a guerra na Tchetchênia nos descaminhos da indústria da violência.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

AQUI moram pessoas. Tchetchênia: crônica da violência. Primeira parte. Julho - dezembro de 2000. Moscou: Zvén'ia, 2003. (Здесь живут люди. Чечня: хроника насилия. Часть 1. Июль-декабрь 2000г. Москва: Звенья, 2003).

ASTIGARRAGA, Isabelle. **Tchétchénie, un peuple sacrifié.** Paris: L'Harmattan, 2000.

BABITSKI, Andreï. **Un témoin indésirable.** Paris: Robert Laffont, 2002.

BESLAN: a verdade dos reféns. Edição independente, 2006. (БЕСЛАН: правда заложников. Независимое издание, 2006).

CAMPANA, Aurelie. **The Massive Deportation of the tchetchen People.** Disponível em: [www.massviolence.org/The-Massive-Deportation-of-the-tchetchen-People-How-and-why?artpage=1#outil\\_sommaire\\_0](http://www.massviolence.org/The-Massive-Deportation-of-the-tchetchen-People-How-and-why?artpage=1#outil_sommaire_0). Acesso em: 21 de out. 2012.

**COMITÉ Tchétchénie (ouvrage collectif), Tchétchénie, dix clés pour comprendre.** Paris: La Découverte, 2003.

DUNLOP, John B. **Russian Confronts in Tchetchenya. Roots of a Separatist Conflict.**

Cambridge University Press, 1998.

EDSON, Paulo. **Crônicas do Cáucaso. As guerras da Tchetchênia.** Sorocaba: Create Editora, 2012.

EVANGELISTA, Matthew. **The tchetchen Wars: Will Russia Go the Way of the Soviet Union?** Washington: Brookings Institution, 2002.

**EVIDENCE of War Crimes in Chechnya.** Disponível em: <http://www.hrw.org/en/news/1999/11/02/evidence-war-crimes-chechnya>. Acesso em: 21 out. 2011.

GALL, Carlotta; WAAL, de Thomas. **Chechnya. A Small Victorious War.** Pan Original, 1997.

GODLAS, Alan. **Sufism, Sufis and Sufi Orders.** Disponível em: <http://www.uga.edu/islam/Sufism.html>. Acesso em: 21 out. 2011.

GOLTZ, Thomas. **Chechnya Diary.** New York: St. Martin Press, 2004.

JERSILD, Austin. The tchetchen Wars in Historical Perspective: New Work on Contemporary Russian-tchetchen Relations. **Slavic Review**, Vol. 63, No2, pp. 367-377.

LIEVEN, Anatol. **Chechnya. Tombstone of Russian Power**. Yale University Press. New Haven and London, 1999.

LITVINENKO, Alexander. **Blowing up Russia**. New York: Encounter Books, 2007.

LOKSHINA, Tanya. Grozny: rebuilt, fearful and (almost) forgotten by the West. **Kavkaz Center**, 16 de março de 2010. Disponível em: <[www.kavkazcenter.com](http://www.kavkazcenter.com)>. Acesso em: 21 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Natalia Estemirova, champion of ordinary tchetchens**. Disponível em: <[www.opendemocracy.net](http://www.opendemocracy.net)>. Acesso em: 21 out. 2011.

LUKIN, Oleg. **Hot August in Grozny**. Disponível em: <<http://www.watchdog.cz/?show=000000-000005-000004-000128&lang=1>>. Acesso em: 21 out. 2011.

LONGUET-MARX, Frédérique (sous la direction de). **Tchétchénie, la guerre jusqu'au dernier?** Paris: Mille et une nuits, 2003.

MASKHADOV, Alan. **Interview June 1999**. Disponível em: <<http://smallwarsjournal.com/documents/maskhadovinterview.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2011.

MEMORIAL. **Behind their backs: Russian Forces' use of the civilians as hostages and human shields during the Chechnya War**. Disponível em: <[www.memo.ru/hr/hotpoints/tchetchen/szczyt/eng/index.htm](http://www.memo.ru/hr/hotpoints/tchetchen/szczyt/eng/index.htm)>. Acesso em: 21 out. 2011.

MEMORIAL. **By all available means**. Disponível em: <<http://www.memo.ru/hr/hotpoints/tchetchen/samashki/engl/index.htm>>. Acesso em: 21 out. 2011.

NIVAT, Anne. **Chienne de Guerre: A Woman Reporter Behind the Lines of the War in Chechnya**. Jackson: Public Affairs, 2001

\_\_\_\_\_. **Chechnya: Brutality and Indifference**. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20030427214145/http://crimesofwar.org/chechnya-mag/chechnivat.html>>. Acesso em: 21 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **La guerre qui n'aura pas lieu**. Paris: Fayard, 2004.

NUKHÁEV, Khoj-Akhmed. Rússia e Tchetchênia: paz seguindo fórmula “Vitória-vitória”. In: **Rússia e Tchetchênia: a procura de uma saída**. São Petersburgo: Revista Estrela, 2003. (Нухаев, Х.-А. «Россия и Чечня: мир по формуле «Победа-победа», в: Россия и Чечня: в поисках выхода. Санкт-Петербург: журнал «Звезда», 2003).

PHILLIPS, Timothy. **Beslan: The Tragedy of School N1**. London: Granta, 2008.

POLITKÓVSKAIA, Anna. **Uma guerra alheia, ou a vida detrás da chancela**. Tchetchênia. Moscou: Centro de defesa de direitos humanos "Memorial", 2002. (Политковская, Анна. Чужая война или жизнь за шлагбаумом. ЧЕЧНЯ. Москва: Правозащитный центр «Мемориал», 2002).

\_\_\_\_\_. **A Small corner of hell**. Chicago: UCP, 2003.

\_\_\_\_\_. **A dirty war**. London: Harvill Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tchéchénie le déshonneur russe**. Buchet/ Chastel. 2003, passim.

\_\_\_\_\_. **Voyage en enfer**. Paris: Robert Laffont, 2000.

RASLAMBEKOVA, Natasha. **Russia: Grozny war diaries, 1994-5**. Disponível em: <<http://globalvoicesonline.org/2006/10/18/russia-Grozny-war-diaries-1994-95/>>. Acesso em: 21 out. 2011.

**REPORT on the mass violation of the rights of citizens of ingush nationality in the Russian Federation**. 1992-1995. Nazran-Moscow, 1996.

SEIERSTAD, Asne. **The Angel of Grozny**. Philadelphia: Basic Books, 2008.

TAIBO, Carlos. **El conflicto de tchetchenia. Una guía introductoria**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2000.

TICHKOV, Valery. **Chechnya: Life in a War-torn Society**. Los Angeles: UCP, 2004.

UNITED Nations Department of Humanitarian Affairs (DHA). **Chechnya Situation Report 31 May – 13 June 1995**. Disponível em: <<http://ochagwapps1.uhog.ch/rw/rwb.nsf/db900sid/ACOS-64D466>>. Acesso em: 21 out. 2011.

TCHERKÁSSOV, Aleksandr, ORLOV, Oleg. **The non-selective use of force by the federal troops in the course of the armed conflict in Chechnya in September – October 1999**. Disponível em: <<http://www.memo.ru/eng/memhrc/texts/bom.shtml#n1>>. Acesso em: 21 de out. 2011.

**TCHECHÊNIA:** 2003. Processo político por outro lado dos espelhos. Publicação do Grupo Moscou – Helsínki, 2004. (Чечня: 2003. Политический процесс в зазеркалье. – М.: Моск. Хельсинк. Группа, 2004).

## SÍTIOS ELETRÔNICOS

**Amnesty International.** Disponível em: <[www.amnesty.org](http://www.amnesty.org)>. Acesso em: 21 out. 2011.

**Caucasian Knot.** Disponível em: <<http://www.eng.kavkaz-uzel.ru/>>. Acesso em: 21 out. 2011.

**CENTRE FOR INDEPENDENT SOCIAL RESEARCH.** Disponível em: <[www.cisr.ru/index.en.html](http://www.cisr.ru/index.en.html)>. Acesso em: 21 out. 2011.

**RUSSIAN PUBLIC OPINION RESEARCH CENTER.** Disponível em: <[www.wciom.ru](http://www.wciom.ru)>. Acesso em: 21 out. 2011.

**Sova Center for Information and Analysis.** Disponível em: <[www.sova-center.ru/en](http://www.sova-center.ru/en)>. Acesso em: 21 out. 2011.

**TimelineChechnya.** <<http://timelines.ws/countries/CHECHNYA.HTML>>. Acesso em: 21 out. 2011.

**«Аргументы и Факты».** Disponível em: <[www.aif.ru](http://www.aif.ru)>. Acesso em: 21 out. 2011  
[“Argumentos e fatos”]

**ВСЕРОССИЙСКАЯ ПЕРЕПИСЬ НАСЕЛЕНИЯ 2002 ГОДА.** Disponível em: <<http://www.perepis2002.ru/index.html?id=11>>. Acesso em: 21 out. 2011. [CENSO DA FEDERAÇÃO RUSSA 2002]

**Газета "Московский Комсомолец". Электронное периодическое издание «МК.ru».** Disponível em: <[www.mk.ru](http://www.mk.ru)>. Acesso em: 21 out. 2011. [Jornal “Moskóvski Komsomólets”. Edição eletrônica periódica “MK.ru”]

**Демоскоп Weekly. Институт демографии Национального исследовательского университета "Высшая школа экономики".** Disponível em: <<http://demoscope.ru/weekly/2012/0535/index.php>>. Acesso em: 21 out. 2011. [Instituto de demografia da Universidade Nacional de Pesquisa “Escola superior de economia”]

**ИНСТИТУТ Этнологии И АНТРОПОЛОГИИ. Российская Академия Наук.** Disponível em: <[www.iea.ras.ru](http://www.iea.ras.ru)>. Acesso em: 21 out. 2011. [Instituto de Etnologia e Antropologia da Academia de Ciências da Rússia]

**Комитет "Гражданское содействие". Общественная благотворительная организация помощи вынужденным мигрантам.** Disponível em: <[www.refugee.ru](http://www.refugee.ru)>. Acesso em: 21 out. 2011. [Comitê “Assistência Civil”. Organização social filantrópica de ajuda a migrantes forçados]

**Левада - Центр. АНАЛИТИЧЕСКИЙ ЦЕНТР ЮРИЯ ЛЕВАДЫ.** Disponível em: <<http://www.levada.ru/>>. Acesso em: 21 out. 2011. [Levada – Centro. CENTRO ANALÍTICO DE IURI LEVADA]

**Московское Бюро по Правам Человека. АНО центр содействия защите прав человека.** Disponível em: <[www.antirasizm.ru](http://www.antirasizm.ru)>. Acesso em: 21 out. 2011. [Centro moscovita de direitos humanos. Centro de auxílio à defesa de direitos humanos]

**Московская ПРАВДА.** Disponível em: <[mospravda.ru](http://mospravda.ru)>. Acesso em: 21 out. 2011 [VERDADE de Moscou]

**Московская Хельсинская Группа.** Disponível em: <<http://www.mhg.ru/>>. Acesso em: 21 out. 2011. [Grupo Helsinki de Moscou]

**Росстат. Российская федерация. Федеральная служба государственной статистики.** Disponível em: <<http://www.gks.ru/wps/wcm/connect/rosstat/rosstatsite/main/>>. Acesso em: 21 out. 2011. [Federação Russa. Serviço federal de estatística]

**Федеральное государственное бюджетное учреждение науки Институт социологии Российской академии наук.** Disponível em: <[www.isras.ru](http://www.isras.ru)>. Acesso em: 21 out. 2011. [Instituição Federal Orçamental de Ciência Instituto de Sociologia da Academia de Ciências da Rússia]

**Центр миграционных исследований.** Disponível em: <[www.migrocenter.ru](http://www.migrocenter.ru)>. Acesso em: 21 out. 2011. [Centro de Pesquisa sobre a migração]

## **Filmografia:**

3 ROOMS of Melancholia. Direção: Pirjo Honkasalo. Produção: Kristiina Pervilä/ Millenium Film. Roteiro: Pirjo Honkasalo. Finlândia: Millenium Film, 2004. 1 DVD (85 min)

ALDY: a past that cannot be forgotten. Direção: Yelena Vilenskaya, Nikolai Rybakov e Yekaterina Sokiryanskaya. Rússia: Memorial Human Rights Center, 2010. (32 min). Disponível em: <watchdog.cz>. Acesso em 21 out. 2011.

BESLAN Siege. Direção: Richard Alwyn. Produção: Liana Pomeranzev. Inglaterra: October Films, 2004. 1 DVD (120 min).

CHECHNYA: The Dirty War. Direção e produção: Marcin Mamon e Mariusz Pilis. IST Film, 2005. (48 min). 1 DVD.

KAVKAZSKII Plennik [O prisioneiro do Cáucaso]. Direção: Sergei Bodrov. Produção: Karavan/ MGM Studios. Rússia: Karavan, 1996. 1 DVD (99 min).

MOSCOW Siege. Direção: Pamela Gordon. Produção: Liana Pomeranzev. Inglaterra: October Films, 2003. 1 DVD (48 min).

THREE comrades. Direção: Mascha Novikova. Holanda: NOVDOC/ VPRO, 2006. 1 DVD (99 min).



## **ANEXOS**



**ANEXO I**  
**IMAGENS COLHIDAS DURANTE O TRABALHO DE CAMPO**





**Figura 14** Propaganda de uma das manifestações nacionalistas sob o lema: Chega de alimentar o Cáucaso. A manifestação ocorreu em Moscou em 23 de abril de 2011.

**Fonte** Disponível em: <<http://melbu.livejournal.com/96913.html>>. Acesso em: 21 out. 2011.

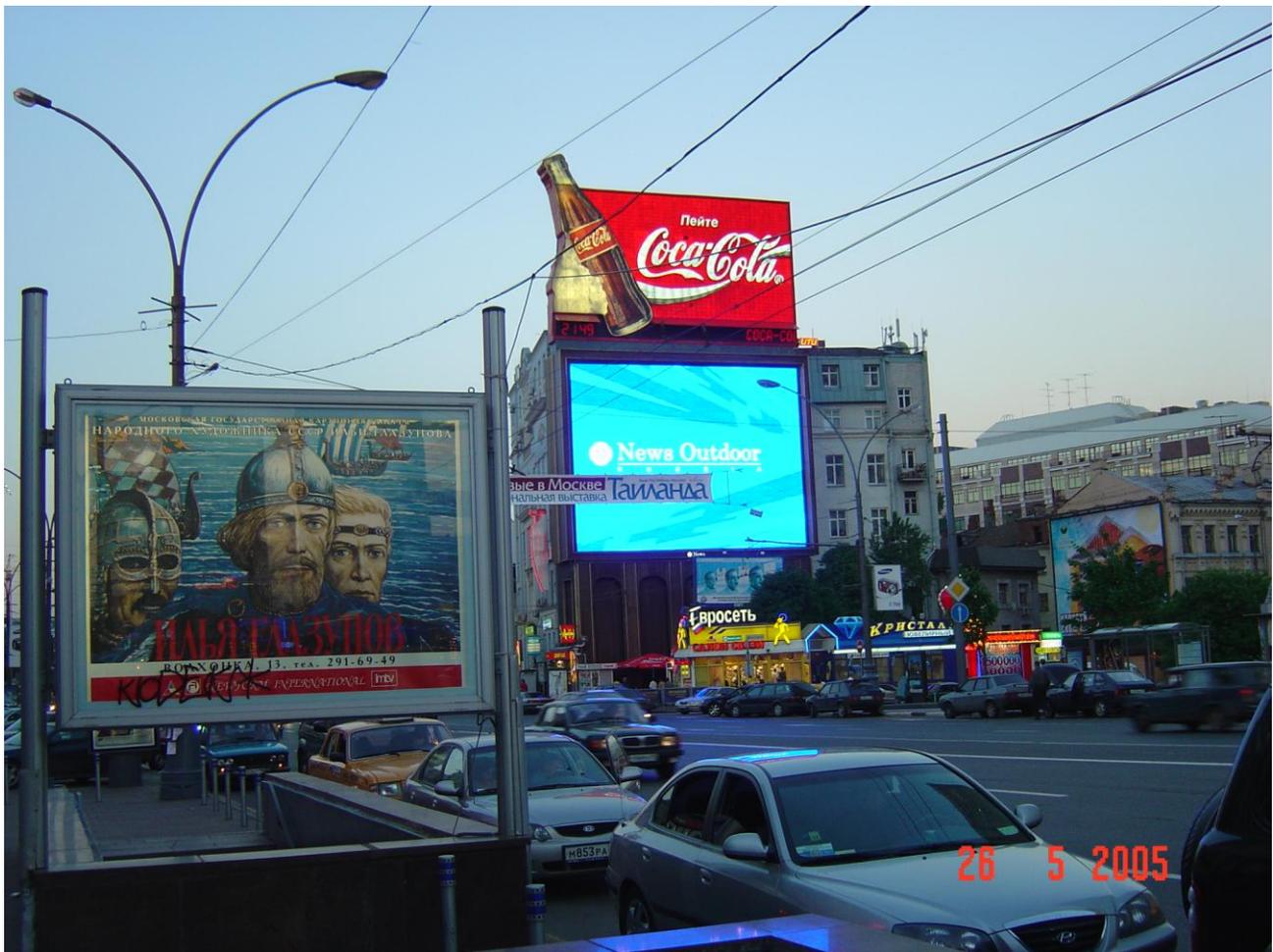


**Figura 15** Representantes da Centena Negra, grupo ultranacionalista, cuja origem data de século XIX (um dos principais grupos responsáveis pelos *pogroms* antissemitas) na manifestação convocada pelo governo da FR logo após a tragédia de Beslan (set. 2004). Esta manifestação foi pautada pelos discursos xenófobos e várias vezes foram declamadas slogans clamando pela expulsão dos chechenos de Moscou.

**Fonte** Autoria própria.



**Figura 16** Manifestação em Moscou convocada pelo governo da FR logo após a tragédia de Beslan (set. 2004). Inscrição na bandeira: Salve a Rússia.  
**Fonte** Autoria própria



**Figura 17** Centro de Moscou. Outdoor, em primeiro plano, convida para a exposição de Il'ia Glazunov dedicada à história dos russos.  
**Fonte** Autoria própria



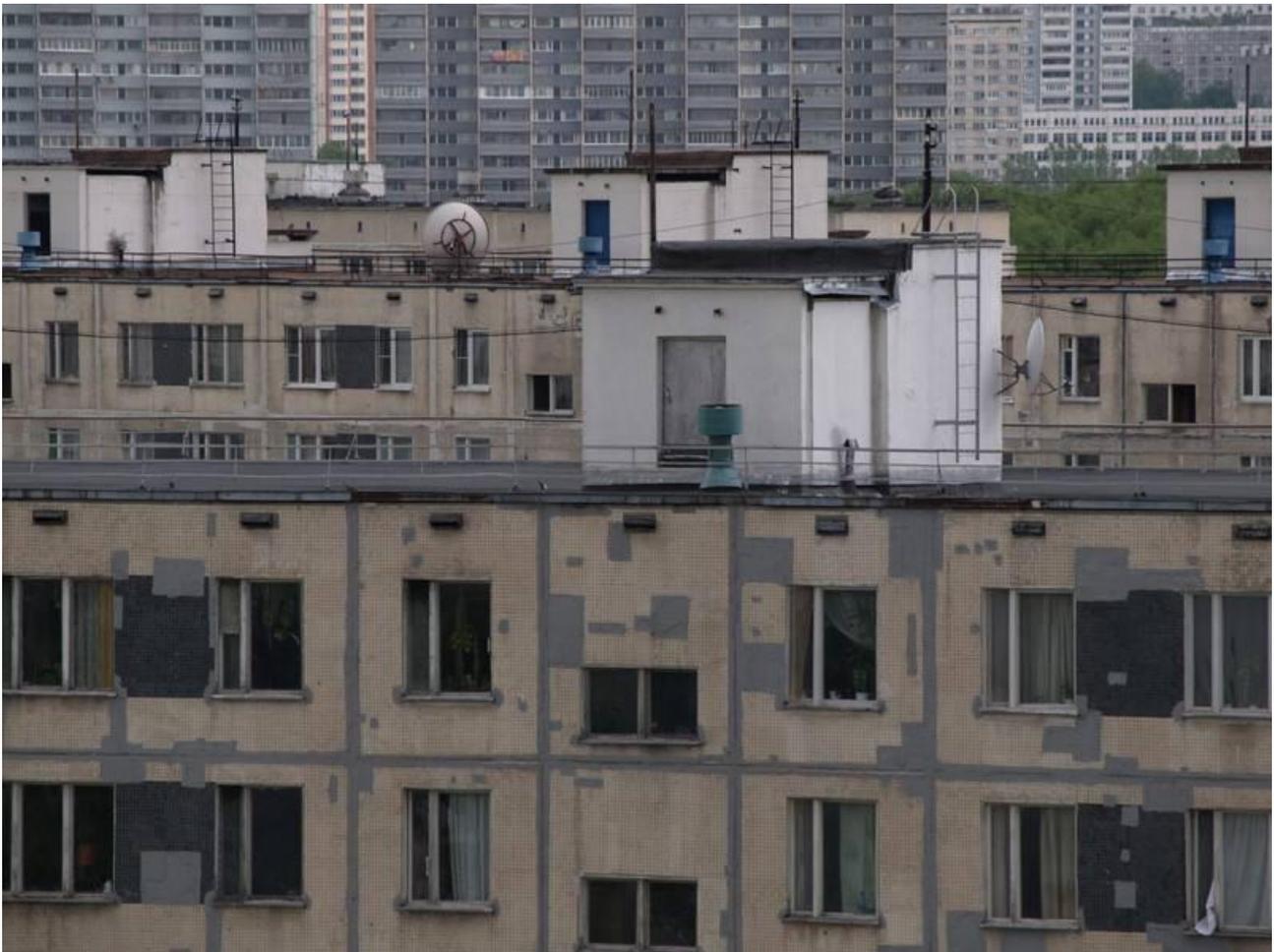
**Figura 18** Moscou. Paisagem urbana.  
**Fonte** Autoria própria



**Figura 19** Centro de Moscou.  
**Fonte** Autoria própria



**Figura 20** Fila para entrar no metrô em Moscou, 7hs de manhã.  
**Fonte** Autoria própria



**Figura 21** Paisagem urbana: Moscou  
**Fonte** Autoria própria



**Figura 22**  
**Fonte**

Paisagem urbana: Moscou. Outdoor com a citação da Bíblia.  
Autoria própria



**Figura 23** Trabalhadores temporários em Moscou. Mercado.  
**Fonte** Fotografia de Lúliia Vichnieviéts, cedida pela autora.



**Figura 24**      Trabalhadores temporários em Moscou.  
**Fonte**            Autoria própria



**Figura 25**

Grozny, capital da Tchetchênia, 2002.

**Fonte**

Fotografia cedida por Lida Iussúpova. Autoria desconhecida.



**Figura 26** Centro de Grozny. 2002.  
**Fonte** Fotografia cedida por Lida Iussúpova. Autoria desconhecida.



**Figura 27** Centro de Grozny. 2002.  
**Fonte** Fotografia cedida por Lida Iússúpova. Autoria desconhecida.



**Figura 28** Centro de Grozny 2002.  
**Fonte** Fotografia cedida por Lida Iussúpova. Autoria desconhecida.



**Figura 29** Centro de Grozny. 2002.  
**Fonte** Fotografia cedida por Lida Iussúpova. Autoria desconhecida.





**Figura 30** Tchetchênia, área rural. Moradores tchetchenos da vila Keankhi fugindo para o Daguestão. 2005.

**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 31** Tchetchênia, área rural. Moradores tchetchenos da vila Keankhi fugindo para o Daguestão. 2005.

**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 32** Tchetchênia, área rural. 2005.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 33** Tchetchênia, área rural. 2005.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 34** Tchetchnia, área rural. Visita ao cemitério. 2005.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 35** Tchetchênia, área rural. Moradoras da vila Keankhi. 2005.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 36** Tchetchênia, área rural. Moradores da vila Keankhi. 2005.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 37** Tchetchênia, área rural. Moradoras da vila Keankhi. 2005.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 38** Tchetchênia, área rural. Moradores da vila Keankhi. 2005.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.





**Figura 39** Campo de refugiados tchetchenos na Inguchétia. 2004.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 40** Campo de refugiados tchetchenos na Inguchétia. 2004.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.



**Figura 41** Campo de refugiados tchetchenos na Inguchétia. 2004.  
**Fonte** Fotografia cedida pela ONG Memorial. Autoria desconhecida.

**ANEXO II**  
**EXEMPLOS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DAS VANGUARDAS/ DO TOTALITARISMO**



**Figura 42** Gontcharova, Natália. Judias na sacada. 1912. Tela, óleo. 158,5 x 138,5. Moscou. Galeria Estatal Triet'iakóvskaiia. Exemplo de arte vanguarda da Rússia.

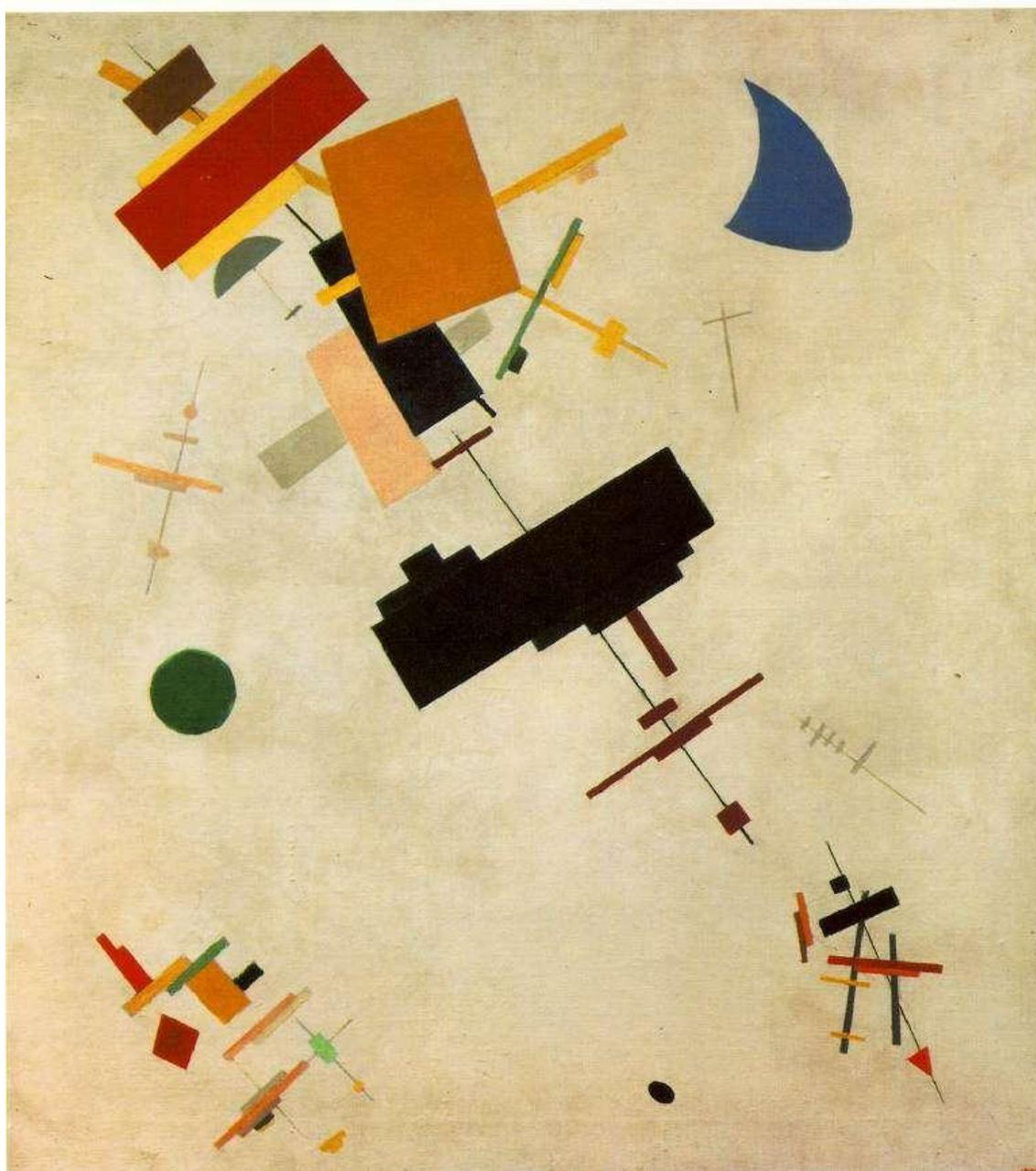
**Fonte** Disponível em:

<<http://www.tretyakovgallery.ru/ru/collection/show/image/id/2433>>. Acesso em: 21 out. 2011.



**Figura 43** Larionov, Mikhail. Outono feliz. 1912. Tela, óleo. 53,5x44,5. São Petersburgo. Museu Estatal Russo. Exemplo de arte vanguarda da Rússia.

**Fonte** Disponível em: <<http://virtualm.spb.ru/ru/node/8666>>. Acesso em: 21 out. 2011.



**Figura 44** Maliévitch, Kazímir. Suprematismo. (Supremus N 56). 1916. Tela, óleo. 80,5x71. São Petersburgo. Museu Estatal Russo. Exemplo de arte vanguarda da Rússia.

**Fonte** Disponível em:

<[http://www.20art.ru/gallery/p17\\_sectionid/7/p17\\_imageid/394](http://www.20art.ru/gallery/p17_sectionid/7/p17_imageid/394)>. Acesso em: 21 out. 2011.



**Figura 45** Bródsckii, Isaak. Lénin em Smólni. 1930. Tela, óleo. 190X287. Moscou. Galeria Estatal Triet'iakóvskaiia. Exemplo de realismo socialista que foi proclamado o estilo obrigatório para toda a produção artística na URSS a partir de 1933, banindo, desta maneira, os vanguardas do cenário artístico.

**Fonte** Disponível em:

**<http://www.tretyakovgallery.ru/ru/collection/show/image/id/331>**>. Acesso em 21 out. 2011.

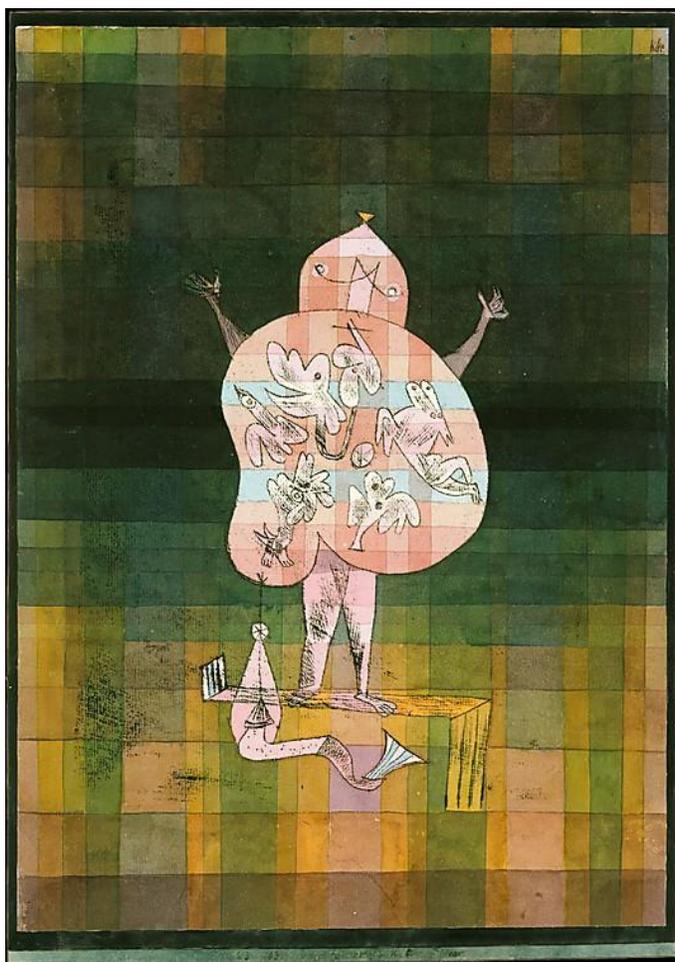


**Figura 46** Bogoródski, Fiodor. Irmãozinho. 1932. Tela, óleo. 106x86. Moscou. Galeria Estatal Tre'tiakóvskaia. Exemplo de realismo socialista.

**Fonte** Disponível em: <<http://www.tretyakovgallery.ru/ru/collection/show/image/id/2338>>  
Acesso em: 21 out. 2011.



**Figura 47** Guerásimov, Suerguei. A mãe de um partizan. 1943. Tela, óleo. 184x229. Moscou. Galeria Estatal Tret'iakóvskaja. Exemplo de realismo socialista. **Fonte** Disponível em: <<http://www.tretyakovgallery.ru/ru/collection/show/image/id/2353#>> Acesso em: 21 out. 2011.



**Figura 48** Klee, Paul. Ventrilóquo e pregador no pântano. 1923. Papel, aquarela e nanquim. Nova York. Metropolitan Museum of Art. Exemplo de vanguarda europeia taxada pelo regime nazista como arte degenerada.

**Fonte** Disponível em: <<http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/210003363?rpp=20&pg=1&ao=on&ft=klee&pos=18>> Acesso em: 21 out. 2011.



**Figura 49** Ziegler, Adolf. Moça com a cesta de frutas. 1930. Painel, óleo. 73x85 cm. Coleção particular. Pintura aclamada como exemplo de estilo representativo da ideologia nazista.

**Fonte** Disponível em: <[http://www.arcadja.com/auctions/de/ziegler\\_adolf/kunstler/93477/](http://www.arcadja.com/auctions/de/ziegler_adolf/kunstler/93477/)>  
Acesso em: 21 out. 2011.



### **ANEXO III**

**Legenda do mapa “A grande invasão dos povos” (p. XX)**



**Primeira linha:** Migração na Rússia contemporânea (contabilizados somente os migrantes legais, buscando a residência permanente).

**Segunda linha e ao longo da imagem:**

Região Central: + 82 900;

Região Noroeste: +5200;

Região *Urálski* (das montanhas Urais): +3200;

Região do Extremo Oriente: - 22 000;

Região *Privóljski* (do rio Vólga): - 23 600;

Região Meridional: - 11 100;

Região da Sibéria: - 26 300.

**No quadrado branco ao lado das setas no mapa:**

**+/- em preto:** acréscimo / decréscimo da população;

**em azul:** a quantidade de pessoas que chegam na região;

**em vermelho:** a quantidade de pessoas que saem da região;

setas brancas: eslavos;

setas pretas: não eslavos.

**Lista vertical ao lado direito da imagem:**

**MIGRAÇÕES INTERNAS (2005)**

Moscou

Região de Moscou

Região de Bélgorod (região no sul da parte europeia da FR)

Região de Iaroslavl (região no centro da parte europeia da FR)

Voronej (cidade no sul da parte europeia da FR)

Kareliia (região no norte da parte europeia da FR)

Tchukótká (região no nordeste da FR)

Chechênia

Kamtchatka (península no nordeste da FR)

Sakhalin (ilha no Leste da FR)

Região de Magadan (região no Extremo Oriente da FR)

**Tabela embaixo da imagem:**

**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL (2004)**

Todos os países

Primeira coluna:

Migração nos países do União de Estados Independentes e nos países Bálticos

Bielorússia

Cazaquistão

Moldova

Ucrânia

Segunda coluna:

Migração nos países do Cáucaso

Azerbaijão

Armênia

Geórgia

Terceira coluna:

Países do Oriente Médio

Quirguistão

Tajiquistão

Turquestão

Uzbequistão

Quarta coluna:

Outros países

Alemanha

Israel

Canadá

China

EUA

Finlândia

**ANEXO IV**  
**QUEM ASSASSINOU NOSSAS CRIANÇAS?**  
**CARTA ABERTA DOS MORADORES DE BESLAN AOS CIDADÃOS DA RÚSSIA**



Em 1 de setembro de 2004, nós, moradores de Beslan, levamos nossos filhos, nossas esposas, nossos esposos, nossos irmãos e irmãs, todos felizes e saudáveis, à escola. Lá, os desumanos bípedes os torturaram durante três dias, depois os despedaçaram e os queimaram. Passaram oito meses desde o dia de morte de 332 pessoas inocentes. Entre os mortos – 185 crianças. Isto se tornou o drama nacional da pequena Ossétia.

Nós, cidadãos da Rússia, não conseguimos entender a quem nossas crianças mortas e aleijadas devem agradecer por esta “infância feliz”: a Gorbachiov, a Iéltsin, a Pútin ou ao sábio governo republicano? Não há culpados! Nos convencem esperar pelos resultados da investigação da comissão parlamentar, mas as datas da divulgação destes resultados mudam a cada dia. No entanto, julgando pelos resultados preliminares, publicados na mídia, já percebemos que esta comissão também é um artifício do poder: ela nunca nomeara outros culpados pelo crime, além dos terroristas.

E as questões ao governo federal e ao republicano são muitas. Mas é inútil fazê-las, pois a mentira se tornou banal em nosso país. Mentira sobre a quantidade de reféns<sup>174</sup> e mentira sobre a ausência de exigências de terroristas<sup>175</sup>. Porque eles todos não responderem uma pergunta: quantos terroristas morreram em decorrência de uso de lanças-chamas *Chmel* e quantos reféns feridos morreram queimados, sem conseguir sair da escola após as explosões? E então poderemos perguntar: contra quem foram usadas as lanças-chamas *Chmel*, o armamento pesado, os tanques e, em geral, - PARA QUE?<sup>176</sup>

Mas a pergunta principal é sobre as explosões na escola. Porque, por causa de quem, pela ordem de quem, por qual causa aconteceram as primeiras duas explosões dentro do prédio que provocaram a operação militar de resgate e que levaram a vida de tantos reféns.

Não nos deixam dormir tranquilos as declarações de infanticida terrorista N.Kulaev<sup>177</sup> e do presidente da Ossétia do Norte Dzasokhov. Kulaev foi testemunha da última conversa

---

<sup>174</sup> Mídia da Rússia divulgava informações errôneas sobre a quantidade de reféns na escola, a diminuindo. Durante a operação militar, em 3 de setembro, quando ocorreu a maioria das mortes, o principal canal da TV russa passava a novela brasileira *Laços de família*. Os canais internacionais passavam *ao vivo* as imagens de Beslan.

<sup>175</sup> Terroristas entregaram a carta com as exigências, a principal das quais foi sobre a retirada das tropas do exército da FR da Tchetchênia. Estas exigências não foram divulgadas.

<sup>176</sup> A maioria de reféns morreu ou foi ferida em decorrência do incêndio que tomou o prédio da escola após as explosões. Durante a operação militar, em 3 de setembro, foi usado, pela Rússia, o armamento pesado que disparava contra o prédio.

<sup>177</sup> Único preso e processado pela tragédia de Beslan.

do líder dos terroristas pelo celular: “Fora de si de raiva, ele berrou *Não fiz nada. O atirador da elite de vocês matou meu homem que estava no botão*<sup>178</sup>. Depois, ele atirou o celular no chão e o quebrou”. Não pensamos que se o próprio terrorista tivesse feito a explosão, ele estaria negando isto. Ele devia ter compreendido que agora irão todos para o “paraíso maldito” deles.

Os reféns que estavam na escola também perceberam que a explosão foi uma surpresa para os terroristas. No mesmo momento, uma parte de terroristas estava no refeitório se preparando para o almoço, e, justamente neste momento, os cadáveres de reféns assassinados anteriormente estavam sendo recolhidos na rua.

Em seu depoimento, o presidente da Ossétia do Norte, Dzasokhov, declarou que, em 3 de setembro de 2004, ele conseguiu um acordo com Maskhadov (presidente da Tchetchênia naquela época), de que dentro de duas horas um corredor estaria aberto para que Maskhadov pudesse vir a Beslan e participar das negociações com os terroristas. Mesmo fato foi declarado perante o povo de Beslan na manhã daquele dia. Ele havia dito que figuras novas entraram no processo de negociações e que tudo seria feito para a libertação dos reféns e que não haverá operação militar de resgate. Mas, passada uma hora após esta promessa ao povo de Beslan, aconteceram as duas explosões e começou a assim chamada “operação militar forçada”.

Quem interrompeu as negociações que haviam começado entre Maskhadov e os terroristas? Quem se deu o direito de “detonar”<sup>179</sup> os terroristas na escola junto com as crianças? Quem se deu o direito de tirar a vida de tantas pessoas?

Quaisquer que seja seu cargo e quaisquer que sejam as ideias com as quais ele se cobre, esta pessoa é criminosa.

Quem saiu ganhando após o terror acontecido em nossa casa?

Quem foi deixado em paz, em relação à guerra na Tchetchênia, pela comunidade internacional entorpecida com o terror sucedido em Beslan?

Nenhuma comissão parlamentar nomeará os culpados pelas explosões na escola, pelo menos durante a vigência do governo atual. Principalmente, porque o chefe da

---

<sup>178</sup> Um dos terroristas ficava em vigia permanente do botão que ligava todos os explosivos depositados no prédio da escola.

<sup>179</sup> Alusão a uma frase de Pútín pronunciada após as explosões de prédios residenciais, em 1999.

comissão Torchin afirmou mais de uma vez em entrevistas que não é o objetivo da comissão procurar pelos culpados. Então, a comissão parlamentar também é um artifício do poder.

A verdade, provavelmente, nunca será conhecida, pois é o segredo do Estado da Rússia para o resto da história. Esta verdade sobre o resgate de pessoas nenhum povo nunca compreenderá, independentemente do regime político.

Mas nós começamos a compreender a aterrorizante e impensável verdade sobre a morte de nossos parentes. Nos abriram os olhos sobre a vida em nosso país, onde nossas crianças tiveram a “sorte” de viver.

O que faremos agora? Como viveremos?

Devido ao exposto acima, pensamos que seja provável a versão sobre o assassinato premeditado do terrorista que vigiava o botão dos explosivos para provocar as explosões (segundo os relatos de alguns reféns, o terrorista que cuidava do botão caiu para o lado, após o que sucedeu a explosão).

Aqueles que fizeram isto, compreendiam perfeitamente que, em decorrência das explosões, as vítimas serão muitas, mas a operação militar poderá ser nomeada de “forçada” e “espontânea”. Esta mentira irá se tornar um alibi para as pessoas que tomaram a decisão sobre a operação militar, cujo objetivo principal foi o extermínio de terroristas, ao invés da libertação de reféns. Não conseguimos entender, quem tinha o direito de tomar a decisão sobre a operação militar e tirar a vida de tantas pessoas.

Judicialmente, existe a categoria de uma “necessidade extrema”, quando uma ação é empreendida para evitar os danos maiores. Na mídia nos dizem, desde o início da tragédia, que se o governo federal iniciasse as negociações com os terroristas, a Rússia inteira iria se desfazer. Ou seja, para o poder surgiu a tal “necessidade extrema” da operação militar que levou a vida de 332 reféns, para que os danos maiores, o despedaçamento da Rússia, pudessem ser evitados

Mas, talvez, uma terceira opção, excluindo o assassinato das crianças ou o despedaçamento da Rússia, pudesse existir? Se, por exemplo, tentassem usar a sabedoria, a inteligência, ou, pelo menos, a esperteza? E no mais, pensando no valor da vida humana e no fato de que a vida só nos é dada uma única vez, talvez valesse a pena considerar as peculiaridades de cada ato terrorista: a quantidade de reféns, a possibilidade de negociações

para não permitir a morte de centenas de pessoas inocentes, de famílias inteiras.

Como isto foi permitido, a razão não consegue compreender. Em qual outro país isto seria possível? É fácil manter os princípios e ser corajoso estando longe da gente, na capital da Rússia, pagando com as vidas de nossos filhos.

Também não excluimos as acusações contra o governo republicano que ironicamente responde nossas perguntas: “Agora todos sabem como deveríamos proceder!”

Sim, mas aqueles que almejam ser presidentes do país ou da república, devem se distinguir da massa pela rapidez de pensamento, pela faculdade de cometer atos extraordinários.

E se vocês têm o mesmo intelecto ordinário, comum a maioria de pessoas, não deveriam supervalorizar sua importância e ocupar os postos privilegiados. Pois as pessoas contam com vocês, esperam que vocês façam algo. Como, por exemplo, as crianças na escola esperavam que vocês iriam salvá-las, rezavam por sua ajuda. Mas elas tiveram que ficar no meio da operação militar – chacina. As crianças não conseguiram entender, porque os adultos as estão matando.

Diferentemente daqueles cidadãos da Rússia, cujas famílias ainda não foram tocadas pela tragédia, nós não entendemos como é possível, em tempos de paz, dentro de uma escola estatal, matar tantas pessoas inocentes? Nos explicam que é preciso manter a integridade da Rússia. E não importa qual é o preço, não importa quantas pessoas queridas morreram – a família inteira, a metade da família, ou uma única criança: nós não podemos fazer perguntas, pois as fazendo nos tornamos cúmplices de terroristas.

Afinal, que perguntas nós, os ingratos, podemos fazer? Em nossa cidade duas enormes escolas estão sendo construídas pelo governo, escolas incomparáveis por sua beleza até com as escolas de Moscou. E não lhes importa que não há mais em Beslan tantas crianças que pudessem preencher estas escolas.

**10 de maio de 2005**

*“Você saberia me dizer como saio daqui? – perguntou Alice.  
Depende de aonde você quer chegar, - respondeu o gato”.*  
CARROLL, Lewis. Alice no país das maravilhas.